

# **Habitar o Lugar**

## **Habitação unifamiliar em Silvaes**

**Artur Emanuel Ribeiro Macedo**

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em  
**Arquitetura**  
(mestrado integrado)

Orientador: Prof. Doutor Jorge Humberto Canastra Marum

**setembro de 2020**



# **Dedicatória**

Aos meus pais e irmã, a eles dedico esta dissertação.



# Agradecimentos

Aos meus pais e à minha irmã Mariana, pelo amor incondicional, apoio e carinho transmitido ao longo de todo este percurso acadêmico.

Ao meu orientador, Jorge Marum, pelo acompanhamento, disponibilidade e dedicação, é sem dúvida uma inspiração para mim a nível pessoal e profissional.

Endereço igualmente um grande agradecimento a todos os meus mentores pela amizade, profissionalismo e dedicação no ensino da Arquitetura, pois todos eles contribuíram para o meu desenvolvimento pessoal, acadêmico e profissional. Assim, também ao Tiago pelas longas conversas e debates sobre o tema, que de certa forma auxiliaram o encadeamento das ideias e o surgimento de novas questões durante a realização do presente trabalho; à minha prima Sofia pelo apoio prestado e interesse demonstrado pelo meu trabalho, e finalmente, mas não menos importante, quero deixar um agradecimento especial a todos os meus restantes amigos e familiares, que sempre me apoiaram e contribuíram para a evolução, crescimento e formação da pessoa que hoje sou.



## Resumo

Habitar o Lugar: Habitação unifamiliar em Silvares, surge do interesse pela realização de um exercício teórico-prático, autoproposto, de projeto. Como tal, o objeto que nos propusemos estudar, partiu de um lugar que é propriedade da minha família, que consiste numa propriedade agrícola situada na freguesia de Silvares, concelho de Lousada e distrito do Porto. Neste lugar pretende-se estabelecer um habitar, articulando o programa da casa, com o programa de exploração agrícola.

Com o objetivo de valorizar a arquitetura como um processo de relação e conceção de um lugar, o presente estudo procura evidenciar a influência que as características deste lugar podem, e devem exercer sobre o processo de projeto. Ao mesmo tempo, procura-se entender a influência que o carácter da arquitetura adquire na construção do espírito de um lugar e da sua paisagem envolvente.

Este estudo divide-se em três momentos. Parte de uma reflexão teórica e filosófica, porventura mais subjetiva, apelando à exploração de alguns conceitos que são para nós, primordiais na abordagem deste contexto, procurando estabelecer uma relação entre a arquitetura, o lugar e o ser humano. Num segundo momento é estabelecida uma análise ao contexto do lugar, onde expomos a forma como o nosso cliente, expõe os seus hábitos de vida, anseios, vontades, e principalmente, necessidades, com o intuito de definir um programa adequado. Ainda neste ponto, procuramos analisar o local de intervenção, e a sua envolvente, buscando uma definição e caracterização do lugar, com vista à sua adequação tipológica e morfológica onde implantamos a proposta.

Por último, abordamos os aspetos intervenientes e as diversas etapas do processo criativo, a fim de determinar as relações e referências estabelecidas, procurando a inserção de um novo corpo, que procura uma conexão harmoniosa entre o conjunto edificado, o lugar, a envolvente e os agentes experienciadores do espaço.

## Palavras-chave

Arquitetura; Espírito do lugar; Razão; Habitar; Silvares.



# Abstract

*Habitar o Lugar: Habitação unifamiliar em Silvaes*, arises from the interest in carrying out a theoretical and practical exercise, self-proposed, of a project. As such, the object we set out to study, came from a place that is owned by my family, which consists of an agricultural property located in the parish of Silvaes, municipality of Lousada and district of Porto. In this place it is intended to establish a dwelling, articulating the program of the house, with the program of agricultural exploration.

With the aim of valuing architecture as a process of relating and designing a place, the present study seeks to highlight the influence that the characteristics of this place can, and should have on the design process. At the same time, it seeks to understand the influence that the character of architecture acquires in the construction of the spirit of a place and its surrounding landscape.

This study is divided into three stages. It starts from a theoretical and philosophical reflection, perhaps more subjective, calling for the exploration of some concepts that are essential for us to approach this context, seeking to establish a relationship between architecture, place and the human being. In a second step, an analysis of the context of the place is established, where we expose the way our client exposes his life habits, desires, wants, and especially, needs, in order to define an appropriate program. Still at this point, we seek to analyze the place of intervention, and its surroundings, seeking a definition and characterization of the place, with a view to its typological and morphological adequacy where we implemented the proposal.

Finally, we address the intervening aspects and the different stages of the creative process, in order to determine the relationships and established references, looking for the insertion of a new body, which seeks a harmonious connection between the built set, the place, the surroundings and the space experience agents.

# Keywords

Architecture; Spirit of the place; Reason; Dwell; Silvaes.



# Índice

1 Introdução	3
1.1 Enquadramento	3
1.2 Motivações	4
1.3 Objeto de estudo	5
1.4 Hipóteses	5
1.5 Objetivo	6
1.6 Estrutura	6
1.7 Método	7
2 Habitar o Lugar	11
2.1 Espaço	11
2.2 Lugar	15
2.3 Não Lugar	22
2.4 Habitar	27



3	Contextualizar um lugar para habitar	33
3.1	Relação com o cliente	33
3.2	Definição do programa	34
3.3	A paisagem	38
3.4	Localização do terreno	43
3.5	Percepção da envolvente do terreno	47
3.6	Compatibilização com o PDML	55
4	Projetar um lugar habitado	59
4.1	Do processo ao projeto	59
4.2	Ponto de partida para o projeto	62
4.3	Implantação	65
4.4	Conceção racional e composição métrica	71
4.5	Lógica funcional	79
4.6	Espaço sentido	89
5	Considerações finais	108



# Lista de Figuras

#01

***Alegoria à cabana primitiva de Vitruvius***, Marc-Antoine Laugier, 1755

Fonte: [internet], disponível em: <https://joanpascualubalde.wordpress.com/inicio-4/marc-antoine-laugier-la-%20cabana-primitiva-1753/>

#02

***Lost Horizon I***, Antony Gormley, 2008

Fonte: [internet], disponível em: <https://www.antonygormley.com/sculpture/chronology-item-view/id/2065/page/425>

#03

***Women rest at the Parthenon whose damaged structure is under repair***,

Maynard Owen Williams, 1930

Fonte: [internet], disponível em:

#04

***Q Train***, Nigel Van Wieck, 1990

Fonte: [internet], disponível em: <https://aphelis.net/q-train-nigel-van-wieck/>

#05

***Landscape from Saint-Rémy***, Vincent Van Gogh, 1889

Fonte: [internet], disponível em: <https://artsandculture.google.com/asset/landscape-from-saint-remy-vincent-van-gogh/AQGubXY-kY8jSg>

#06

***Vista aérea sobre o centro urbano de Lousada***, Fernando Guerra

Fonte: [internet], disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/928754/centro-de-interpretacao-do-romano-spaceworkers>

#07

***Localização do lugar de Silveiras***

Fonte: Fotomontagem do autor

#08

***Identificação do espaço de intervenção***

Fonte: Fotomontagem do autor

#09

**Paisagem envolvente do local de intervenção sobre o quadrante Norte**

Fonte: Fotografia do autor

#10

**Vista da rua do Alto, sobre o local de intervenção**

Fonte: Fotografia do autor

#11

**Paisagem do terreno sobre o quadrante Sul de Silvares**

Fonte: Fotografia do autor

#12

**Vista sobre o quadrante Norte do local de intervenção**

Fonte: Fotografia do autor

#13

**Vista sobre o quadrante Sul do local de intervenção**

Fonte: Fotografia do autor

#14

**Axonometria da situação atual do terreno**

Fonte: Desenho do autor

#15

**Armazém**

Fonte: Fotografia do autor

#16

**Estufa**

Fonte: Fotografia do autor

#17

**Anexo**

Fonte: Fotografia do autor

#18

**Abrigo p/ animais**

Fonte: Fotografia do autor

#19

**Anexo**

Fonte: Fotografia do autor

#20

**Casa das máquinas**

Fonte: Fotografia do autor

#21

**Extrato planta de ordenamento do PDML com identificação da área de intervenção,**

Fonte: Fotomontagem do autor

#22

**Conceito da proposta**

Fonte: Fotomontagem do autor

#23

**Esquissos iniciais da proposta,** Desenho do autor, 2020

Fonte: Desenho do autor

#24

***Douro Valley*,** Katie Knorovsky

Fonte: [internet], disponível em: <https://www.nationalgeographic.com/expeditions/get-inspired/stories-from-the-road/portugals-douro-valley/>

#25

***Avenue of Tombs*,** Johanna Huber

Fonte: [internet], disponível em: <https://www.nationalgeographic.com/history/magazine/2016/01-02/petra/>

#26

**Casa em Moledo,** Eduardo Souto Moura

Fonte: [internet], disponível em: <https://www.atlasofplaces.com/architecture/casa-en-moledo/>

#27

**Casa Toló,** Álvaro Leite Siza

Fonte: [internet], disponível em: <http://www.alvaroleitesiza.com/casa-tolo/>

#28

**Axonometria da intervenção**

Desenho do autor, 2020

#29

**Traçado de Hipodamo,** Mileto, 479 a.C.

Fonte: [internet], disponível em: <https://coisasdaarquitectura.wordpress.com/2010/06/09/racionalismo-e-arquitectura/>

#30

**Cidade de Três Milhões de Habitantes**, Le Corbusier, 1922

Fonte: [internet], disponível em: <https://coisasdaarquitectura.wordpress.com/2010/06/09/racionalismo-e-arquitetura/>

#31

**Composição métrica na implantação do edificado**

Fonte: Desenho do autor

#32

**Suprematismo com 8 retângulos vermelhos**, Kazimir Malevich, 2020

Fonte: [internet], disponível em:

#33

**Branco no preto**, Wassily Kandinsky, 1930

Fonte: [internet], disponível em:

#34

**Composição do edificado**,

Fonte: Desenho do autor

#35

**Entrada de uma casa. Caição**, Salvaterra de Magos, Santarém.

Fonte: [internet], disponível em: <http://www.oapix.org.pt/100000/1/1502,01,13/index.htm>

#36

**Melancolia**, Giorgio de Chirico, 1912

Fonte: [internet], disponível em: <https://www.arteeblog.com/2015/11/giorgio-de-chirico-arte-metafisica.html>

#37

**Composição métrica nos alçados do conjunto edificado**

Fonte: Desenho do autor

#38

**Organização do programa da propriedade agrícola**,

Fonte: Desenho do autor

#39

**Tipologia e organização das dependências agrícolas**,

Fonte: Desenho do autor

#40

**Axonometria dos edifícios anexos,**

Fonte: Desenho do autor

#41

**Tipologia e organização funcional da habitação,**

Fonte: Desenho do autor

#42

**Axonometria do interior da habitação**

Fonte: Desenho do autor, 2020

#43

**Vista exterior da propriedade a partir da rua do Alto,**

Fonte: Imagem virtual do autor

#44

**Vista exterior da propriedade a partir da rua do Alto,**

Fonte: Imagem virtual do autor

#45

**Vista para o átrio de chegada a partir do pórtico de entrada**

Fonte: Imagem virtual do autor

#46

**Vista do hall de entrada**

Fonte: Imagem virtual do autor, 2020

#47

**Vista a Sul da sala**

Fonte: Imagem virtual do autor, 2020

#48

**Vista a Norte da sala,**

Fonte: Imagem virtual do autor

#49

**Vista sobre o acesso à cozinha,**

Fonte: Imagem virtual do autor

#50

**Vista a Sul da cozinha**

Fonte: Imagem virtual do autor

#51

**Vista a Sul do pátio social**

Fonte: Imagem virtual do autor

#52

**Vista a Este da galeria**

Fonte: Imagem virtual do autor

#53

**Vista a Sul da biblioteca**

Fonte: Imagem virtual do autor

#54

**Vista a Este da biblioteca**

Fonte: Imagem virtual do autor

#55

**Vista a Sul do quarto**

Fonte: Imagem virtual do autor

#56

**Vista a Norte do quarto**

Fonte: Imagem virtual do autor

#57

**Vista a Norte da I.S. privativa**

Fonte: Imagem virtual do autor, 2020

#58

**Vista a Sul da lavanderia**

Fonte: Imagem virtual do autor

#59

**Vista a Este da garagem**

Fonte: Imagem virtual do autor

#60

**Vista a Norte dos arrumos**

Fonte: Imagem virtual do autor, 2020

#61

***La Ronchamp***, Le Corbusier

Fonte: [internet], disponível em: <https://www.archdaily.com/84988/ad-classics-ronchamp-le-corbusier>

#62

**Vista a Oeste da maquete**

Fotografia do autor

#63

**Vista a Norte da maquete**

Fonte: Fotografia do autor

#64

**Vista a Este da maquete**

Fonte:Fotografia do autor, 2020

#65

**Vista da cobertura da maquete**

Fonte: Fotografia do autor, 2020

#66

**Vista da cobertura dos espaços internos maquete**

Fonte: Fotografia do autor







#01

*Alegoria à cabana primitiva de Vitúvio*, Marc-Antoine Laugier, 1755

# 1. Introdução

## 1.1 Enquadramento

“Se o homem como animal se refugiou nas cavernas, e como ser racional construiu a cabana, o homem como ser culto, criador, concebeu a casa como morada para habitar. E é neste ponto que nos encontramos.”<sup>1</sup>

A casa como abrigo, protege o Homem das agressões do mundo exterior. Nos primórdios da civilização, essa proteção era contra os elementos da natureza e os animais, contudo posteriormente, a mesma estende-se também aos outros homens e à sociedade em que este se encontra inserido. Depois da gruta e da cabana primitiva, é a casa que assume o papel de abrigo, constituindo o lugar de refúgio e de proteção do Homem do meio que o rodeia: meio natural, social, cultural, religioso e político.

Ao longo de várias épocas, que a conceção e a construção de edifícios basearam-se, predominantemente, num estilo que definia desde a composição e organização dos espaços, até ao tipo de ornamento e materiais a aplicar. Porém, desde meados do século XIX, e sobretudo, a partir do século XX, esses cânones começaram a ser rejeitados e criticados pelos arquitetos, que então passaram a projetar recusando modelos pré-estabelecidos. Ao mesmo tempo, e particularmente após a revolução industrial, a vida quotidiana sofreu transformações, não apenas ao nível das estruturas sociais, mas também pela introdução de novas tecnologias de construção. Estes dois fatores influenciaram a conceção e vivência da casa, seja pela necessidade de dar resposta a problemas sociais e económicos, seja na procura de uma nova expressão que correspondesse ao espírito da época em que é concebida.

Com o despoletar do Movimento Moderno largamente adotado a partir do CIAM<sup>2</sup> de 1928, a arquitetura sofre uma “tabua rasa” em questões de propósito, método e linguagem, com base no conceito de cidade industrial moderna e universal. Ainda é dentro do Movimento Moderno que distintas leituras acerca do conceito de lugar, vão gerar diferentes preceções sobre a relação entre o projeto e o seu meio envolvente. Só após a 2ª Guerra Mundial, com a destruição das cidades e a urgente necessidade reconstrução, coloca-se a questão da responsabilidade ética dos arquitetos em relação ao contexto das cidades. Ressurge assim o tema do lugar, na década de 50 e 60 como crítica ao universalismo do movimento moderno e começa-se a colocar em questão o problema de auscultação do contexto do projeto como diálogo com o contexto do lugar.

---

<sup>1</sup> Baeza, Alberto C., *A ideia construída*, Lisboa: Caleidoscópio, 2004, p.57.

<sup>2</sup> Congresso Internacional de Arquitetura Moderna.

Este tema do lugar é gerador de uma reflexão interdisciplinar, para o compreender enquanto conceito teremos que recorrer a outras áreas do conhecimento como é exemplo a filosofia, a antropologia e a sociologia. Este não comporta uma só perspetiva de entendimento, a sua leitura está sempre aberta a diferentes interpretações, métodos, e novas perspetivas.

Em *The eyes of the skin*, Juani Pallasma refere que imagens processadas através da nossa memória, transportam-nos para ambientes e atmosferas que são assimiladas a partir da componente sensorial, que nos é transmitida pela arquitetura. Desta forma, a memória é parte intrínseca ao objeto de estudo, é um conector, relaciona o passado com o presente, uma provável tradição coletiva e uma nova contribuição individual. A história de um lugar, o contexto sociopolítico e as suas envolvências são de certa forma o que o caracterizam e a forma como hoje o percebemos.

## 1.2 Motivações

A presente dissertação surge pela vontade de após anos de estudo, concluir o Mestrado Integrado em Arquitetura com a realização de um exercício de projeto.

A escolha do objeto de estudo (a habitação unifamiliar) e do local concreto de intervenção (em Silvares), justifica-se pela íntima relação que é estabelecida com este lugar. Sendo este um bem familiar, encontra-se muito presente na nossa memória, e possui um forte carácter simbólico, tendo dado origem a uma grande vontade de estudo, análise e intervenção.

O particular interesse pela conceção da casa, para além do motivo acima mencionado, prende-se com o facto de este ser um objeto de estudo privilegiado a nível de experimentação, pois devido à localização do terreno, à geografia, relação com o cliente, conceito da proposta e o processo de conceção, permite explorar diversas soluções, ideias e pontos de vista, pois como afirma Le Corbusier, falar de casas “[...] é um pretexto mais que suficiente para formular as leis e as regras de arquitetura”.<sup>3</sup>

Se a Arquitetura é a arte ao serviço do Homem, a casa é talvez o edificado mais importante e mais significativo no suporte da vida humana, quer a nível físico, quer a nível psicológico. É por isso um grande desafio e talvez o maior no que toca a pensar e projetar arquitetura, pois pensar

---

<sup>3</sup> Le Corbusier, 1924 *apud* Farias, Hugo L., *A Casa: Experimento e Matriz*, Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2006.

a casa acarreta pensar um edifício para além das suas valências físicas e materiais, é explorar o caráter psíquico, perceptivo, simbólico e personalizado, de um sujeito ou uma família.

É a partir desta linha de raciocínio que emerge o tema central desta dissertação: o lugar fenomenológico. Este tema despoletou cada vez mais interesse no seu estudo ao longo do desenvolvimento da dissertação, pois serve como suporte nas decisões de projeto, permitindo que se formule uma resposta mais adequada, tanto a nível do diálogo do novo edificado com o ambiente envolvente onde este se insere, como permite ganhar consciência das relações simbólicas e de percepção do indivíduo com o espaço, ou seja, pensar arquitetura de um espectro interdisciplinar, recorrendo a múltiplas áreas do conhecimento como a filosofia, antropologia e sociologia.

### **1.3 Objeto de estudo**

O objeto deste estudo prende-se com o papel da Arquitetura na relação com o conceito de lugar, focalizando-nos nas suas características e nas suas múltiplas vertentes interdisciplinares. Com base nas linhas de pensamento de autores como: Heidegger, Norberg-Schulz, Marc Augé, pretende-se explorar e traduzir de forma mensurável os conceitos aqui expostos, com o intuito de criar uma proposta arquitetónica como reflexo do lugar.

Neste sentido, iremos estudar, analisar e desenvolver uma proposta para uma habitação unifamiliar, pensado segundo a lógica da relação com o *Genius Loci*, como forma de obter uma resposta que se relacione e enquadre com o lugar onde é implantada, respeitando a sua envolvimento e, ao mesmo tempo, respeitando as necessidades dos seus habitantes.

### **1.4 Hipóteses**

Ao longo de todo o processo teórico-prático, e partindo do nosso conceito/definição de Arquitetura que vai sendo explorado ao longo da presente dissertação, foram levantadas questões as quais nos propomos responder, ou simplesmente fazer com que o leitor reflita sobre elas: o que faz do lugar um lugar, ou seja, o que o caracteriza e quais as dimensões que o definem? Qual a relevância do estudo e compreensão do lugar no ato de projetar? Qual o papel que arquitetura em relação ao lugar e como lugar, pode esta ser o seu reflexo? Como criar um novo lugar no lugar pré-existente? Qual o seu impacto/influência? Como integrar a proposta arquitetónica no lugar? Como estabelecer um diálogo entre a arquitetura contemporânea e a com a arquitetura de épocas anteriores?

As hipóteses ou respostas, são inúmeras, pelo que, a que apresentaremos parece-nos, do ponto de vista formal, estético e ideológico o que melhor se adequa à relação entre a intervenção e o lugar.

## **1.5 Objetivo**

A presente dissertação tem como objetivos primordiais analisar do conceito de lugar e estabelecer uma relação com o contexto arquitetónico; procurar as relações entre os conceitos de lugar e habitar, que enriqueçam o processo criativo; contribuir para uma sensibilização da percepção espacial no ato de projetar; demonstrar como podem os arquitetos, através do lugar, racionalizar aspetos do processo arquitetónico e elaborar uma proposta arquitetónica como reflexo de um contexto ambiental preexistente, no respeito pelos materiais locais, bem como no enquadramento e implantação na relação com o local de intervenção e a envolvente edificada.

Através do corpo teórico da dissertação, pretende-se também sensibilizar o leitor, fazendo com que reflita sobre os conceitos mencionados/enumerados, com o objetivo de fazer pensar o espaço, a envolvente, o contexto do lugar, com a finalidade de estabelecer diretrizes, boas práticas e recomendações no processo de criação e na sua permanência estética, pós-intervenção num lugar.

## **1.6 Estrutura**

Este trabalho encontra-se organizado em 5 capítulos e anexos:

No Capítulo 1 (Introdução), enquadra-se o tema proposto, explicam-se os motivos que levaram à escolha deste estudo, definem-se os principais objetivos e apresenta-se a estrutura e a metodologia que compõem a presente dissertação.

No Capítulo 2 (Habitar o lugar), definem-se os principais conceitos necessários para o desenvolvimento do estudo e o enquadramento das dimensões do lugar, com recurso a autores e bibliografia como suporte da reflexão teórica exposta.

No capítulo 3 (Contextualizar um lugar para habitar), é estabelecida uma aproximação ao lugar em estudo (Silvares), do ponto de vista do espírito deste lugar, nas suas múltiplas vertentes. São analisadas as problemáticas/potencialidades relativas às condicionantes da proposta.

No Capítulo 4 (Projetar um lugar habitado), é estabelecida uma solução arquitetônica como resposta às necessidades dos habitantes em relação ao lugar.

No Capítulo 5 (Considerações finais), são apresentadas algumas recomendações na possibilidade de utilização desta abordagem/reflexão como diretriz no desenvolvimento de futuros projetos e/ou investigações. Este é um tema aberto, que poderá desencadear novas reflexões, abordagens e investigações, no sentido em que se trata de um tema permeável, flexível, na forma como se pensa o objeto e toda a sua componente processual e lógica. Trata-se de uma proposta, que poderá funcionar como referência para futuros trabalhos, na forma como são pensados concetualmente.

No final são apresentados em anexo, todos os desenhos relativos à proposta arquitetônica, no caso de estudo abordado, com recursos às diversas escalas, sendo estas entendidas como as que melhor traduzem e comunicam a proposta, tanto a nível da leitura como de interpretação e perceção das componentes do projeto. Desta forma, os anexos são organizados inicialmente a partir de uma escala urbana – que compreende a situação inicial do espaço de intervenção e posteriormente a relação da proposta com a envolvente – escala de licenciamento – onde se pretende definir e todos os espaços, volumetria e materialidade da proposta – à escala do detalhe – onde são detalhadas todas as soluções construtivas adotadas ao longo do processo de projeto e as suas especificidades técnicas.

## **1.7 Método**

Esta dissertação, assenta numa matriz teórico-prática. Este método, entendido como o modo mais completo de se fazer arquitetura, consiste em partir de diversas premissas, de base teórica, de referências, como suporte para a conceção do projeto. Trata-se de um complemento pela forma como completa todo o processo concetual.

Desta forma, o projeto, em toda a sua génese/ componente/ lugar serve como instrumento para despoletar a investigação como instrumento de suporte e fundamento concetual da componente prática relativa à proposta arquitetónica.

O trabalho divide-se essencialmente em dois momentos. Numa fase inicial procura-se compreender a questão do lugar, como tema primordial/ central/ ponto de partida/ suporte concetual nas suas múltiplas vertentes. A sua relação com as atmosferas, ambientes, memórias, paisagens, com recurso a testemunhos de outros autores e a partir de textos que permitissem não só uma compreensão do que é o lugar e da sua relação com o processo de conceção arquitetónico, mas também de como enfrenta-lo. Almeja-se, não necessariamente encontrar uma

base de regras a seguir, mas antes criar-se uma visão, que apesar de individual, detém a sua importância.

No segundo momento da dissertação e após a reflexão sobre este conceito, pretende-se traduzir todo o conhecimento apreendido em conteúdo mensurável, materializando-o através de uma proposta de arquitetura.

Inicialmente faz-se um levantamento de todas as características do lugar onde intervimos, com o objetivo de não iniciar uma proposta arquitetónica a partir uma folha em branco. Partiu-se antes de um levantamento de características deste lugar que sejam capazes de nos providenciar as diretrizes de projeto. O intuito passa pela criação de uma relação de diálogo do novo lugar com o lugar pré-existente, criando-se assim, uma proposta arquitetónica se desenvolva como o reflexo do lugar pré-existente.





#02

*Lost Horizon I*, Antony Gormley, 2008

## 2. Habitar o lugar

### 2.1 Espaço

Quando refletimos sobre a característica fundamental da Arquitetura e o que torna esta disciplina distinta das outras artes, somos automaticamente remetidos para o conceito de espaço. Fernando Távora, no seu livro, *Da organização do espaço*<sup>4</sup>, classifica a Arquitetura como a arte do espaço, à semelhança da pintura e da escultura, e estabelece uma distinção entre estas artes, na forma como exploram e organizam o espaço:

“[...] [a pintura] costuma classificar-se como arte a duas dimensões, dado que, em princípio, o pintor organiza um espaço (quadro, parede) que possui duas dimensões e dentro delas encontra os limites espaciais da sua atividade, o que não significa, por outro lado, que na história da pintura não haja tentativas de representar a terceira dimensão (perspetiva) e até a quarta dimensão (cubismo). Quanto à escultura, é geralmente classificada como a arte a três dimensões pois que o escultor cria volumes envolvidos por espaço e a quarta dimensão aparece nela como resultado do observador que, deslocando-se para encontrar os vários perfis, despende tempo na observação. A arquitetura, diz-se, difere fundamentalmente da escultura pela criação de espaço interno, espaço que deve ser vivido, percorrido, para apreensão total do edifício, donde, tal como na escultura, a existência do tempo como medida nesta arte.”<sup>5</sup>

Bruno Zevi afirmava que “[...] as quatro fachadas de uma casa, de uma igreja ou de um palácio, por mais belas que sejam, constituem apenas a caixa dentro da qual está encerrada a joia arquitetónica”<sup>6</sup>, isto é, o espaço. Em seu livro intitulado *Saber ver a arquitetura*, Zevi coloca o espaço como protagonista da Arquitetura, porém não apresenta uma definição sólida sobre o conceito de espaço. Para ele, a Arquitetura “[...] não provém de um conjunto de larguras, comprimentos e alturas dos elementos construtivos que encerram o espaço, mas precisamente do vazio, do espaço encerrado, do espaço interior em que os homens andam e vivem.”<sup>7</sup> A relação entre Arquitetura e espaço é também tomada por Auguste Perret que declarava que a Arquitetura é “[...]a arte de organizar o espaço que se exprime através da construção.”<sup>8</sup> Ao que Coelho Netto

---

<sup>4</sup> Távora, Fernando, *Da organização do espaço*, Porto: FAUP, 2015, p.15.

<sup>5</sup> *Ibidem*, p.15.

<sup>6</sup> Zevi, Bruno, *Saber ver a arquitetura*, São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 20.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p.18.

<sup>8</sup> Zahar, Macel, *Dúne doctrine de l'architecture: Auguste Perret*, Paris, 1959, *apud* Netto, Coelho, *A construção do sentido na arquitetura*, São Paulo: Perspetiva, 1997, p. 20.

acrescenta: “Organizar o espaço e, mesmo, mais que isso, criar espaço: assim, efetivamente se pode definir arquitetura.”<sup>9</sup>

Se o espaço pode ser entendido como matéria prima da Arquitetura, então qual será a definição deste elemento principal com que a Arquitetura trabalha e que os arquiteto tanto fazem referência?

Távora estabelece algumas diretrizes para a compreensão do conceito de espaço, este explica que o espaço é o resultado da sua organização (limitação) através das formas e acrescentando ainda que:

é também forma, negativo ou molde das formas que os nossos olhos apreendem [...] o espaço é aquilo que os nossos olhos não conseguem apreender por processos naturais [...] espaço constitui igualmente forma, até porque aquilo a que chamamos espaço é constituído por matéria e não apenas as formas que nele existem e o ocupam, como os nossos olhos deixam supor [...] o espaço que separa – e liga – as formas é também forma, é noção fundamental, pois é ela que nos permite ganhar consciência plena de que não há formas isoladas e de que uma relação existe sempre, quer entre as elas e o espaço que, embora não vejamos, sabemos construir forma – negativo ou molde – das formas aparentes.<sup>10</sup>

O geógrafo Yi-Fu Tuan argumentava que o significado de espaço regularmente se fundia com a definição de lugar, salientando que estes conceitos pressupõem uma comparação para um melhor entendimento de forma isolada. Segundo Tuan, o que se iniciava como sendo um espaço indiferenciado, viria a transformar-se em lugar à medida que melhor o compreendemos e o dotamos de valor e simbolismo. Segundo o autor: “O espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado”<sup>11</sup> e define os lugares como sendo “centros aos quais atribuímos valor e onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação.”<sup>12</sup>

Montaner faz também a distinção entre espaço e lugar, “O primeiro tem uma condição ideal, teórica, genérica e indefinida, e o segundo tem um carácter concreto, empírico, existencial, articulado e definido até ao detalhe.”<sup>13</sup> De seguida o autor apresenta uma caracterização à cerca

---

<sup>9</sup> Netto, Coelho, *A construção do sentido na arquitetura*, São Paulo: Perspetiva, 1997, p.20.

<sup>10</sup> Távora, Fernando, *Da organização do espaço*, Porto: FAUP, 2015, p12.

<sup>11</sup> Tuan, Yi-Fu, *Espaço e lugar: A perspetiva da experiência*, São Paulo: Difel, 1983, p.151.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p.4.

<sup>13</sup> Tradução livre do autor. No original: “*El primero tiene una condición ideal, teórica, genérica e indefinida, y el segundo posee um carácter concreto, empírico, existencial, articulado y definido hasta los detalles.*” Montaner, Josep Maria, *La modernidad superada: ensayos sobre arquitectura contemporánea*, Barcelona: Gustavo Gili, 2011, p.33.

destes conceitos e sobre o espaço dita que: “[...] se baseia em medidas, posições e relações. É quantitativo; desdobra-se por meio de geometrias tridimensionais, é abstrato, lógico, científico e matemático; é uma construção mental.”<sup>14</sup> Em contraponto com a ideia de espaço, Montaner dá-nos a entender que “[...] o lugar é definido por substantivos, pelas qualidades das coisas e elementos, pelos valores simbólico e históricos; é ambiental e está relacionado ao corpo humano de um ponto de vista fenomenológico.”<sup>15</sup> Podemos então afirmar que o “[...] espaço transforma-se em lugar á medida que adquire definição e significado.”<sup>16</sup> Tuan refere que o lugar seria também:

“[...] uma pausa no movimento. Os animais, incluindo os seres humanos, descansam em uma localidade porque ela atende a certas necessidades biológicas. A pausa permite que uma localidade se torne um centro de reconhecido valor.”<sup>17</sup>

A partir da quarta dimensão (tempo) é possível então reconhecer um espaço, definindo-o e dotando-o de valor, como nos refere Juhani Pallasmaa: “Tempo e espaço estão eternamente presos um no outro nos espaços silenciosos [...] matéria, espaço e tempo se fundem em uma estranha experiência primária: a sensação de ser.”<sup>18</sup>

---

<sup>14</sup> Tradução livre do autor. No original: “[...] se basa em medidas, posiciones y relaciones. Es cuantitativo; se despliega mediante geometrias tridimensionales, es abstracto, lógico, científico y matemático; es una construcción mental.” *Ibidem*, p.33.

<sup>15</sup> Tradução livre do autor. No original: “[...] el lugar viene definido por substantivos, por las cualidades de las cosas y los elementos, por los valores simbólicos e históricos; es ambiental y está relacionado com el cuerpo humano desde um punto de vista fenomenológico.” *Ibidem*, p.33.

<sup>16</sup> Tuan, Yi-Fu, *Espaço e lugar: A perspectiva da experiência*, São Paulo: Difel, 1983, p.151.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p153.

<sup>18</sup> Tradução livre do autor. No original: “El tiempo y el espácio están eternamente atrapados uno em el outro em los espácios silenciosos que hay imensas columnas; la matéria, el espácio y el tiempo se funden em uma extraña experiencia primaria: el sentido del ser.” Pallasmaa, Juhani, *Los ojos de la piel*, Barcelona: Gustavo Gili,2006, p.54.



#03

***Women rest at the Parthenon whose damaged structure is under repair,***  
Maynard Owen Williams, 1930

## 2.2 Lugar

Através da leitura da definição de espaço, das suas dimensões, da relevância como matéria primordial da arquitetura e da relação com o observador, é possível entender de que forma esse espaço adquire a importância que o traduz como lugar. Mas o que caracteriza um lugar, quais as suas dimensões e elementos que o constituem e qual a sua relevância na conceção arquitetónica?

No ensaio *Construir, Habitar, Pensar*, de 1994, Martin Heidegger<sup>19</sup>, estabelece uma possível diretriz no estudo da fenomenologia do lugar habitado que mais tarde viria a influenciar diversos arquitetos, dos quais podemos destacar Norberg-Schulz e Kenneth Frampton. De acordo com Heidegger o espaço habitado não corresponde somente à dimensão interna de um edifício, mas antes, a habitabilidade do homem estende-se também à dimensão dos espaços exteriores, nos quais o homem usufrui e adapta aos respetivos modos de vida. Posteriormente estabelece também uma relação entre os conceitos de *habitar* e construir através da ideia de que o homem constrói o mundo à sua volta a partir das diferentes necessidades do *habitar*.

Heidegger distingue conceitos *spatium in extensio* (termo em latim) e *Raum* (palavra alemã para espaço/lugar). O primeiro representa uma ideia de espaço que teoricamente se caracteriza por um conjunto infinito de espaços regulares e matematicamente subdivididos, representando apenas em três dimensões (comprimento, largura, altura). O segundo representa a ideia de um sítio passível de ocupação por uma povoação ou um assentamento, ou seja, pode ser entendido como o espaço fenomenologicamente definido, e sobre a essência fenomenológica do espaço, afirma que esta depende de algo concreto, físico, dos seus limites. Baseando-se no conceito grego πέρας (péras) - limite/fronteira, refere que os limites não são caracterizados pelo que termina, mas sim pelo que se inicia.

Deste modo, é através dos limites que se definem os lugares, em que estes são apreendidos a partir da presença de um observador, é a partir desta presença que o espaço adquire a sua essência e se converte num lugar, possibilitando o habitar do homem em harmonia com o meio envolvente. Apenas num espaço definido por limites concretos é possível que a arquitetura resista ao anonimato consequente do fenómeno da megalópole.

“A relação do homem com os lugares e, através dos lugares, com os espaços, reside no habitar. A relação homem e espaço não é outra coisa senão o habitar pensado na sua essência.”<sup>20</sup>

---

<sup>19</sup> Martin Heidegger, 1889-1976, Filósofo existencialista alemão.

<sup>20</sup> Tradução livre do autor. No original: “*La relación del hombre con lugares y, a través de lugares, con espacios, reside en el habitar. La relación hombre y espacio no es otra cosa que el habitar pensado en su esencia.*” Heidegger, Martin, *Construir, habitar, pensar*, Madrid: La oficina, 2015, p.41.

Heidegger aborda o conceito de espaço *existencial*, definindo-o como um espaço concreto e humanizado, no sentido em que este espaço apenas ao ser habitado lhe é dotado significado, pressupondo que o ato de habitar confere ao espaço o caráter de lugar.

Posteriormente, Christian Norberg-Schulz influenciado pela obra de Heidegger, contribui para o desenvolvimento deste tema a partir do ensaio sobre o *genius loci*, conceito que designa o espírito do lugar, que terá surgido antiguidade romana, e que influenciara também o trabalho de Heidegger. Josep Maria Montaner apresenta uma definição de *genius loci*:

“O *genius loci* é evidentemente uma divindade mítica, um *daimon* particular que habita num determinado sítio e a quem a obra de arquitetura se manifesta, celebra, examina e atende. A tarefa da arquitetura está sempre ancorada a algo previamente existente. A geografia e a história dão a mão no lugar que, deste modo, determina de maneira precisa a ideia geral de espaço e tempo. A noção de lugar corresponde a uma conceção continua do processo de arquitetura. A sua vocação é a de servir a descoberta do existente, como um fundo permanente de qual a arquitetura ilumina as raízes, rasgos, invariáveis.”<sup>21</sup>

Norberg-Schulz na sua obra *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*, defende que não deverão existir diferentes tipos de arquitetura, mas sim que a arquitetura depende de circunstâncias físicas, climáticas, topográficas e locais, que aliadas às necessidades do habitar humano resultariam em distintas soluções arquitetónicas. Desta forma o dever do arquiteto reside na conceção de lugares habitáveis adequados às diversas as condicionantes nestes presentes, no ato de projetar.

Também expressa a ideia de lugar como sendo uma representação de um fenómeno ambiental, mais que uma representação genérica de um mero espaço: “[...] os espaços recebem a sua essência dos lugares e não do ‘espaço’.”<sup>22</sup> Assim sendo, a essência de um lugar é manifestada através do conjunto de espaços construídos e mais que isso do seu carácter. O lugar fenomenológico, seja ele natural ou contruído, para além das suas dimensões físicas e materiais, o seu carácter é determinado também por mudanças climáticas e pela luz, incorporando assim também uma dimensão cósmica e temporal.

---

<sup>21</sup> Tradução livre do autor. No original: “El *genius loci* es evidentemente una divindade mítica, un *daimon* particular que habita um determinado sitio y a quien la obra de arquitectura pone de manifesto, celebra, examina ya atende. La tarea de la arquitectura está siempre anclada a algo previamente existente. La geografía y la historia se dan la mano em el lugar que, de este modo, determina de manera precisa la idea general de espacio y tiempo. La noción de lugar corresponde a una concepción continuista del proceso de la arquitectura. Su vocación es la de servir al descubrimiento de lo que ya existe, previamente, como um fondo permanente del cual la arquitectura ilumina raices, trazas, invariantes” Solà-Morales, Ignasi de, *Diferenciales: topografía de la arquitectura contemporánea*, Barcelona: Gustavo Gilli, 2003, p.108.

<sup>22</sup> Tradução livre do autor. No original: “[...] spaces receive their being from locations and not from ‘space’” Heidegger, Martin *apud*. Norberg-Schulz, Christian: *Genius Loci: towards a phenomenology of architecture*, Nova Iorque: Rizzoli, 1980, p. 12.

“Um lugar é, portanto, um fenómeno qualitativo, ‘total’, que não podemos reduzir a uma das suas propriedades, como as relações espaciais, sem que se perca de vista a sua natureza concreta.”<sup>23</sup>

O contributo teórico de Heidegger assim como o de Norberg-Schulz, pretende testemunhar o processo de conceção do lugar, salientando que para *ser* e *estar* no mundo, o ato de *habitar*, implica que o homem viva em harmonia na relação com o espaço que o circunda e esta harmonia surge através da construção/arquitetura, pois é esta que possibilita o habitar do homem e que este se relacione com o mundo. O princípio de um lugar é fundamental no entendimento das relações estabelecidas com este, fulcral para a conservação do *genius loci* em cada contexto.

Como afirma Montaner, a ideia de lugar pode ser entendida em duas dimensões, a partir de uma pequena escala, e de uma grande escala. A pequena escala, é então referente à qualidade do espaço interior de um edifício, materializando-se na sua forma e dimensão, na luz natural, nas texturas, na cor, nos objetos e nos valores simbólicos, isto é, na sua espacialidade. O lugar do ponto de vista de uma grande escala, refere o autor que se interpreta através do conceito de *genius loci*, com a capacidade de uma intervenção poder invocar as pré-existências ambientais, através da leitura dos vários elementos reunidos no lugar, com a articulação de diversas peças urbanas como por exemplo: a praça, a rua, a avenida, indo de encontro à paisagem característica do local.<sup>24</sup>

Neste ponto conseguimos compreender a questão do lugar ao nível do seu significado, a partir das vertentes que o constituem e o definem, mas para o desenvolvimento da presente dissertação importa também compreender o papel que este desempenha na conceção de um projeto, como parte inerente ao processo criativo e método de trabalho.

Podemos entender o lugar como um conceito, não tendo uma forma única e concreta, este é resultante de uma construção mental, e como resultado desta construção mental, implica que exista um sujeito a quem pertence esta construção mental. Esta construção vai depender do carácter do sujeito, que será o resultado da referenciação entre o sujeito e o seu meio envolvente. O meio envolvente tem o seu próprio carácter assim como o individuo, o qual comporta memórias, o passado, o contexto e a sociedade onde se insere.

---

<sup>23</sup> Tradução livre do autor. No original: “A place is therefore a qualitative, ‘total’ phenomenon, which we cannot reduce to any of its properties, such as spatial relationships, without losing its concrete nature out of sight.” Norberg-Schulz, Christian: *Genius Loci: towards a phenomenology of architecture*, Nova Iorque: Rizzoli, 1980, p. 8.

<sup>24</sup> Montaner, Josep Maria, *La modernidad superada: ensayos sobre arquitectura contemporánea*, Barcelona: Gustavo Gili, 2011, p.38.

“Eu tenho uma característica que é fundamentar muito os edifícios relativamente às circunstâncias, ao momento e ao lugar.”<sup>25</sup>

O tema do lugar não é um tema facilmente caracterizável, é algo pouco concreto e subjetivo, que depende da visão e interpretação de cada indivíduo. Da mesma forma que a compreensão do que é um lugar e o que o torna perceptível e caracterizável, está dependente do próprio espaço e matéria, e da dimensão do observador, que por si só é também um elemento caracterizador deste espaço. Assim, o lugar está dependente da interação entre o homem e o espaço e será a partir do modo como o homem, percebe, vive, delimita, transforma e caracteriza este espaço que lhe confere a identidade ao lugar.

“Siza fala algumas vezes do espinhoso ofício de ‘construir um lugar’. O que significa ‘construir um lugar’? E mais amplamente: o que é um lugar? Aparentemente, ‘construir um lugar’ é substituí-lo por outro, como afirma o próprio Siza a propósito da pendente sobre uma estrada movimentada.”<sup>26</sup>

Naturalmente um projeto irá ser influenciado pelo lugar para onde este se destina, mas após a execução do projeto e a conclusão da obra, aquele lugar irá converter-se em outro distinto:

[...] Como dirá Fernando Pérez na entrevista que lhe fizemos, de alguma forma trata-se do espelho e do manto; a arquitetura como um objeto que se contempla, ao qual se presta atenção e que eventualmente poderá chegar a refletir-nos (como autores, com indivíduos, como sociedade ou como época); mas também a arquitetura como mero cobertor que cobre e desaparece pelo canto do olho para deixar que façamos a nossa vida tranquilos.

Enquanto espelho, a arquitetura deveria ser capaz de resistir ao olhar atento (como pede Moneo), ao qual neste caso estaria especificamente informada do lugar. O facto de estar num lugar, transforma este último numa base de dados que eventualmente poderiam informar sobre a forma de um projeto.

O espectro possível de influência destes dados vai desde à camuflagem à mimetização, à rutura radical e à indiferença acerca do que o lugar sugere. O que há no fundo é um debate entre contribuição e pertinência.”<sup>27</sup>

---

<sup>25</sup> Távora, Fernando em Correio do Porto, disponível na Internet: <https://www.correiodoportu.pt/doporto/casa-de-ofir-em-estado-de-degradacao> [consultado em 24 de maio de 2020].

<sup>26</sup> Higinio, Nuno, *Álvaro Siza: Desenhar a Hospitalidade*, Porto: Casa da Arquitectura, 2010, p. 28.

<sup>27</sup> Tradução livre do autor. No original: “Como dirá Fernando Pérez en la entrevista que le hemos hecho, de alguna manera se trata del espejo y el manto; la arquitectura como un objeto que se contempla, al que se le pone atención y que eventualmente podría llegar a reflejarnos (como autores, como individuos, como sociedad o como época); pero también la arquitectura como mero derredor que nos cubre y

Ignasi Solá-Morales em seu livro *Intervenciones* de 2006, a partir de um estudo sobre algumas obras de arquitetura contemporânea, refere que a arquitetura contemporânea por vezes surge na paisagem de forma impactante, e procura analisar as suas origens, defendendo que apesar destas obras se encontrarem em desacordo com o contexto onde se inserem, quer ao nível da pré-existência, quer da relação com a paisagem, são no entanto auto referentes, ou seja, o seu desenho cria novas características e fatores desenvolvidas por elas mesmas naquele lugar.

Solá-Morales defende assim um novo significado para o lugar contemporâneo, em que este será caracterizado somente por construções auto referentes e icónicas, que se desenvolvem de forma autónoma, projetando um alto carácter imagético, ou em oposição, os lugares relacionam-se com uma memória coletiva passada, que de certa forma já se encontram em harmonia com a cidade.

Assim observa-se duas possibilidades na forma como se aborda o lugar e como se concebe arquitetura num determinado contexto, a partir de uma atitude dicotómica entre relacionar ou não relacionar a nova intervenção com o lugar pré-existente. Montaner refere ainda a capacidade dos projetos auto referentes de se relacionarem com o contexto onde são inseridos, recorrendo aos exemplos das obras de Souto Moura ou Tadao Ando, que apesar da sua autonomia, estabelecem uma relação com o lugar, mesmo que de forma abstrata.

O lugar arquitetónico não se define simplesmente pela sua forma, é também definido a partir do seu significado. Um lugar é sempre possível de ser interpretado de diversas formas, dependendo de quem o interpreta e das características espaço-temporais, que caracterizam cada sujeito e cada circunstância.

Um dos aspetos mais importantes a salientar acerca deste tema é precisamente a dualidade de significados a partir de diferentes interpretações, entre sujeitos e tempos diferentes. Peter Zumthor, no livro *Pensar a Arquitectura*, refere que o modo como experienciamos o espaço é alterado a partir da dimensão do tempo, e que a nossa perceção em relação a cada espaço é também uma realidade temporária, percecionada pela noção de tempo em relação ao momento em que está a ser experienciada. Zumthor salienta também a importância da memória do individuo na perceção de cada espaço, como algo que se pode transmitir e que será relevante para o trabalho do arquiteto como agente de criação de espaços.

---

*desaparece en el raballo del ojo para dejar que hagamos tranquilos nuestra vida. En tanto que espejo, la arquitectura debiera ser capaz de resistir la mirada atenta (como pide Moneo), la cual en este caso estaria informada especificamente desde el lugar. Su estar en un lugar transforma a este último en un cúmulo de datos que eventualmmente poderían informar la forma de un proyecto. El espectro posible de influencia de esos datos va desde el camuflaje y la mimetización a la ruptura radical y la indiferencia frente a lo que el lugar sugiere. Lo que hay, en el fondo, es un debate entre contribucion y pertinencia, entre construir algo inédito o disolverse en lo dado.” Aravena, Alejandro, *El Lugar en la Arquitectura*, Santiago do Chile: Alejandro Aravena, 2002, p.11-12.*

“O lugar pode ser uma situação temporal, uma posição, um estatuto, uma condição, uma oportunidade, uma ocasião, um acontecimento. As coisas acontecem, têm lugar. O lugar é o espaçamento (espácio-temporal) daquilo que acontece.”<sup>28</sup>

O espaço apenas é possível de ser percecionado através da constante confrontação com o tempo e o lugar converte-se então em acontecimento, naquilo que é captado e assimilado pelos nossos sentidos no decorrer da interação entre o corpo, o espaço e o tempo.

---

<sup>28</sup> Higinio, Nuno, *Álvaro Siza: Desenhar a Hospitalidade*, Porto: Casa da Arquitectura, 2010, p. 29.





#04

**Q Train**, Nigel Van Wieck, 1990

## 2.3 Não lugar

O conceito de lugar pode também ser compreendido à luz da definição de não lugares<sup>29</sup>, enunciada por vários autores, com especial relevância para Marc Augé<sup>30</sup>, pela sua posição elucidativa em relação a este tema e que por antítese nos auxilia a uma melhor compreensão da ideia de lugar.

Esta ideia de um não lugar poderia remeter-nos a 1516, quando Thomas More<sup>31</sup> escrevia: *Sobre o Melhor Estado de uma República que Existe na Nova Ilha Utopia*. Nesta narrativa o autor retratava um lugar imaginário numa terra longínqua, uma ilha no Oceano Atlântico onde se situava uma sociedade organizada de forma ideal (diferente da sociedade em que vivia), caracterizada por funcionar com um sistema sociopolítico ao que poderíamos considerar um Estado social e democrático perfeito. Nesta obra, More, criava por invenção a palavra ουτοπία (utopia), que se formava através da justaposição dos termos gregos ou (u) – prefixo de negação, com τόπος (topos) – lugar, identificando assim um lugar inexistente.

No entanto o conceito que nos é exposto por Marc Augé sobre o não lugar, “é o contrário da utopia: ele [o espaço] existe e não abriga nenhuma sociedade orgânica.”<sup>32</sup> No seu livro *Não lugares: Introdução a uma antropologia da sobremodernidade* de 1992, Augé apresentava um estudo antropológico a partir dos (novos) espaços produzidos por novas realidades que transformaram consideravelmente as cidades e os modos de vida dos seus habitantes. Nesta obra, Augé estabelece uma dicotomia, servindo-se dos não lugares para nos dar a entender o que é um lugar, da mesma forma que o campo da racionalidade se serve da irracionalidade para se fundamentar, referindo: “Se um lugar pode ser definido como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional nem como histórico definirá um não-lugar.”<sup>33</sup>

Desta forma Augé caracteriza um não lugar como sendo um espaço temporário ou de passagem, de comunicação e de consumo, ou seja, um espaço contrário a um espaço habitável, que é incapaz de assumir qualquer identidade, memória, ou de se relacionar com o indivíduo ou comunidade. Destes espaços são o exemplo: as autoestradas, os restaurantes, os serviços, os postos de gasolina, grandes cadeias de supermercados e salas de espera dos aeroportos.

---

<sup>29</sup> Conceito inicialmente utilizado em *Lieux et Non Lieux* por Jean Duvignaud em 1977

<sup>30</sup> Marc Augé, 1935, Antropólogo francês

<sup>31</sup> Thomas More, 1478-1535, filósofo humanista inglês

<sup>32</sup> Augé, Marc, *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*, São Paulo: Papirus, 2001, p. 102.

<sup>33</sup> *Ibidem* p. 73.

Em contraponto ele identifica o lugar como sendo um espaço de carácter identitário, relacional ou ainda de carácter histórico, que se traduz numa forte relação entre o espaço e a experiência sociológica. O indivíduo atribuiu um significado e uma simbologia a este espaço, acabando este por ganhar o conho de espaço habitável:

“Reservamos o termo “lugar antropológico” àquela construção concreta e simbólica do espaço que não poderia dar conta, somente por ela, das vicissitudes e contradições da vida social, mas à qual se referem todos aqueles a quem ela designa um lugar, por mais humilde e modesto que seja. [...] o lugar antropológico, é simultaneamente princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípio de inteligibilidade para quem o observa. [...] cuja análise faz sentido, porque foram investidos de sentido, e porque cada novo percurso, cada reiteração trivial, conforta-os e confirma a sua necessidade.”<sup>34</sup>

Augé refere ainda que os não lugares são o produto ou efeito colateral de uma “sociedade de excessos”, à qual denomina de *sobremodernidade*<sup>35</sup>. Esta sociedade é consequência do rápido desenvolvimento tecnológico, da eficácia das vias de comunicação (físicas ou virtuais), que produz estes espaços ao que autor refere como sendo espaços que não permitem a sociabilidade entre os indivíduos descrevendo como sendo estes espaços de “solidão”, relembrando a interação social com esta tipologia de espaços, dando o exemplo de quando recorremos ao supermercado:

“[...] as grandes superfícies nas quais o cliente circula silenciosamente, consulta as etiquetas, pesa os legumes ou a fruta numa máquina que lhe indica, juntamente com o peso, o seu preço, e depois estende o cartão de crédito a uma mulher ovem também ela silenciosa, ou pouco faladora, que submete cada artigo ao registro de uma máquina descodificadora antes de verificar o bom funcionamento do cartão de crédito.”<sup>36</sup>

No entanto esta percepção da dicotomia entre lugar e não lugar não é literalmente distinta ou facilmente identificável, dado ao facto que é impossível esquematizar de forma concreta a realidade social. Deste modo, um não lugar como um espaço experienciado pode ser visto simultaneamente como um lugar antropológico, numa relação de simbiose:

---

<sup>34</sup> Augé, Marc, *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*, São Paulo: Papirus, 2001, p. 51.

<sup>35</sup> Termo desenvolvido por Marc Augé, relacionado com as dimensões de circulação, consumo, e comunicação, em oposição com as dimensões identitárias, históricas e relacionais que caracterizam os *lugares antropológicos*.

<sup>36</sup> *Ibidem*, p. 92.

“Se definirmos o não lugar não como um espaço empiricamente reconhecível (um aeroporto, um supermercado, ou um monitor de televisão), mas como o espaço criado pelo olhar que o toma como objeto, pode-se admitir que o não lugar de uns (por exemplo, dos passageiros em trânsito em um aeroporto) é para outros um lugar (por exemplo, para os que trabalham no dito aeroporto).”<sup>37</sup>

---

<sup>37</sup> Tradução livre do autor. No original *“Si se define el no lugar no como un espacio empiricamente reconocible (un aeropuerto, un supermercado o una pantalla de televisión), sino como el espacio creado por la mirada que lo toma como objeto, se puede admitir que el no lugar de unos (por ejemplo, de los pasajeros en tránsito en un aeropuerto) para otros es un lugar (por ejemplo, para quienes trabajan en dicho aeropuerto).”* Augé, Marc, *Por que vivemos?*, Barcelona: Gedisa, 2004, p.132.



#05

***Landscape from Saint-Rémy***, Vincent Van Gogh, 1889

## 2.4 Habitar

Neste ponto conseguimos estabelecer uma relação entre espaço, lugar e não lugar, apontando as principais características na definição destes conceitos. Mas se o lugar pressupõe um espaço definido pelos limites das formas e dotado de significado pelo habitante, como acontece essa significação do espaço e em que consiste o habitar?

O processo de habitar pressupõe uma relação direta com o lugar, pois ao conceber um habitat primeiramente é necessário estabelecer uma relação de familiaridade com um determinado lugar. Esta relação traduz-se na forma como nos apropriamos do espaço, e como nos relacionamos com os distintos elementos que o compõe.

Ao habitar um lugar torna-se relevante compreender as carências daquele lugar, no que diz respeito à adaptação às necessidades de um habitat humano, o que deve ser preservado, mesmo sem uma direta intervenção. Este processo de interação, percepção e assimilação das qualidades do lugar, atendendo a um respeito por este, numa procura em preservar as suas qualidades, consiste em habitar o lugar. É por este motivo que Heidegger afirma que “Habitar é o modo como os mortais estão na terra”<sup>38</sup>. Este modo de habitar pode variar segundo várias vertentes no que diz respeito à forma como habitamos, o local a habitar e a época em que vamos habitar. A partir da análise aos distintos elementos constituintes do lugar como por exemplo: o clima, o tipo de vegetação, as circunstâncias do solo, o tipo de materiais construtivos, a envolvente, a cultura local, o tipo de paisagem torna-se possível estabelecer diversas relações com o lugar.

A “paisagem” é o vocábulo que advém da expressão do latim “*pagus*”, que na Roma Antiga designava um distrito, cantão ou província, que se pode considerar uma porção de território ao qual se habita. “Paisano: Payés, é o que vive em um lugar e mais precisamente aquele que estabelece neste pedaço de terreno uma habitação.”<sup>39</sup> Ao explorar a paisagem procede-se a diversos momentos de relação, e é a partir da seleção de um conjunto de fatores propícios ao assentamento que se define a morada no local a habitar, em determinada paisagem. Sem a definição da morada a habitar, não é possível estabelecer uma relação do homem com os lugares.

Ao habitar um lugar é necessário estabelecer uma relação com a paisagem, esta relação de acordo com Heidegger diz respeito ao primeiro princípio da quaternidade: “*Das Gevier*”, que

---

<sup>38</sup> Tradução livre do autor. No original: “*El habitar es el modo en que los mortales son sobre la tierra*” Heidegger, Martin, *Construir, habitar, pensar*, Madrid: La oficina, 2015, p. 19.

<sup>39</sup> Tradução livre do autor. No original: “*Paisano: Payés, es lo que habita en un lugar y más precisamente el que establece en esta pieza de territorio una morada.*” Solá-Morales, Ignasi de, *Territórios*, Barcelona: Gustavo Gili, 2002, p. 153.

traduz a essência ou sentido de habitar. Os princípios da quaternidade traduzem determinados estados que se deveriam atender com o objetivo de estabelecer uma relação de vivência harmoniosa com a restante comunidade e com o mundo. Estes traduzem a essência (sentido) de *habitar*, que de acordo com Heidegger se estabelece numa relação entre quatro elementos dicotômicos, numa relação na qual o homem habita entre dois mundos, entre o tangível e o intangível: a terra, o céu, os mortais, os divinos. A relação entre estes quatro elementos, traduz-se no habitar, que significa para os mortais (os homens) compreenderem e preservarem esta relação, sobre a qual o filósofo explica: “[...]‘sobre a terra’ significa ‘sob o céu’ e ambos fenômenos significam também ‘permanecer diante do divino’ e implicam ‘pertencer à comunidade dos homens’”<sup>40</sup>. Heidegger relaciona estes quatro elementos que compõem a quaternidade, caracterizando cada um deles:

A terra é aquela que serve e sustenta; que florescendo dá frutos; a que se estende entre falésias e águas; a que se ergue em plantas e animais. [...] O céu é o caminho arqueado do sol, o curso das mudanças lunares, o brilho irradiante das estrelas, as estações sazonais, a luz e o crepúsculo do dia, a escuridão e o brilho da noite, a bonança e a inclemência do clima, as nuvens flutuantes e o azul profundo do éter [...] Os divinos são os mensageiros da divindade que nos sinaliza. A partir do desdobramento sagrado da divindade, o deus aparece em sua presença ou se retira em seu esconderijo [...] Mortais são homens. Eles são chamados de mortais porque podem morrer. Morrer significa ser capaz da morte como a morte. Só o homem morre, e o faz continuamente enquanto está na terra, sob o sol e diante do divino.<sup>41</sup>

Sobre o papel dos homens enquanto mortais, Heidegger diz-nos se encontram na quaternidade como habitantes, eles habitam a terra enquanto a cuidam, isto é, mais que tirar partido dela ou desgastá-la, cuidar a terra não equivale a domina-la ou subjuga-la.

Os mortais habitam na medida que abraçam o céu como céu, permitido que o sol e a lua sigam o seu curso e as estrelas prossigam o seu caminho, respeitam as estações e aceitam a sua bonança ou a inclemência.

---

<sup>40</sup> Tradução livre do autor. No original: “‘sobre la tierra’ significa ya ‘debajo del cielo’” Heidegger, Martin, *Construir, habitar, pensar*, Madrid: La oficina, 2015, p. 21.

<sup>41</sup> Tradução livre do autor. No original: “La tierra es la que, sirviendo, sostiene; la que floreciendo da frutos; la que se extiende entre riscos y aguas; la que se levanta contra plantas y animales [...] El cielo es el camino arqueado del sol, el curso de las fases cambiantes de la luna, el brillo errante de las estrellas, las estaciones del año y sus cambios. El cielo es la luz y el crepúsculo del día, la oscuridad y la claridad de la noche, la clemencia y la inclemencia del tiempo, el paso de las nubes y la profundidad azul del éter[...] Los divinos son los mensajeros de la divinidad que nos hacen señales. Desde el sagrado despliegue de la divinidad, el dios aparece en su presencia o se retira en su ocultamiento [...] Los mortales son los hombres. Se llaman los mortales porque pueden morir, Morir significa ser capaz de la muerte como muerte. Solo el hombre muere, y lo hace continuamente mientras está sobre la tierra, bajo el sol y ante los divinos.” *Ibidem* p. 21.

Os mortais habitam enquanto esperam que o divino seja divino, esperando o inesperado vão ao encontro do divino. Eles esperam sinais da sua chegada ignorando sinais da sua ausência. Esperam a salvação que lhes foi retirada. Assim habitar o lugar, em simultâneo com a criação de um habitat é descrito por Heidegger como a capacidade de “proteger a quaternidade na sua essência”.

Para Norberg-Schulz, o habitar significa muito mais do que o abrigo, habitar é o sinónimo do que ele chama de suporte existencial. O suporte existencial, segundo Norberg-Schulz seria o objetivo da Arquitetura, e é conferido ao homem através da relação entre este e o seu meio através da percepção e do simbolismo. O autor introduz o conceito de espaço existencial, que [...]” não é um termo lógico-matemático, mas compreende as relações básicas entre o homem e o seu meio.”<sup>42</sup>

A mediação do homem com o mundo não é possível sem a relação com o lugar. Com o objetivo de criar uma relação íntima de pertença com determinado lugar, torna-se relevante compreender a necessidade de estabelecer uma relação de respeito pelo mesmo, usufruindo das suas qualidades. Este cuidado nem sempre foi atendido, pois uma ideologia referente ao início de séc. xx, baseou-se em noções de arquitetura abstratas, descurando as relações com o lugar e consequentemente ignorando a sua identidade. No entanto em outras épocas anteriores, esta preocupação na relação com o lugar era atendida, onde se podia notar uma clara atenção com a disposição e caracterização na construção do edificado, na sua materialidade, atendendo às características do lugar.

Ao intervir em determinado lugar, emerge uma necessidade de habitar e conceber uma habitação que exprima o carácter e os valores espaciais do mesmo, com referência a memórias passadas ou presentes, com o objetivo de garantir uma intemporalidade da nova construção. Esta preocupação em atender aos valores do lugar, é designado por fenomenologia do lugar. Este método “*phenomenology*” surge como oposição às conceções abstratas e baseia-se numa procura dos acontecimentos reais do lugar. Este método pode relacionar a importância do lugar com a capacidade criativa de conceber uma experiência do habitar, a partir de uma análise, percepção e à posterior conceção e transformação do lugar.

É a partir da necessidade de transformação do lugar através do “habitar e construir”, se torna possível perceber a paisagem, como um cenário de memórias, consequente da ação do homem. No lugar insere-se o homem e as suas construções. “[...] a ideia de que a paisagem é a forma espaço-temporal segundo a qual o habitar humano se desenvolve no mundo.”<sup>43</sup>

---

<sup>42</sup> Tradução livre do autor. No original: “*is not a logico-mathematical term, but comprises the basic relationships between man and his environment.*”

<sup>43</sup> Besse, Jean Marc, *Estar na paisagem*, apud Cardoso, Isabel Lopes, Paisagem Património, Porto: Dafne, 2013, p. 34.

O Homem que adapta o lugar às suas necessidades, passa por ser um interlocutor entre o lugar e o habitar. São estas relações para com o lugar, que dotam o habitar de propósitos, conteúdo e razão de ser. Na atualidade, torna-se cada vez mais relevante resgatar o espírito do lugar, a relação natural entre o homem, o habitar, e o lugar, procurando clarificar a ambivalência da qual a construção atual se relaciona com a natureza. Este propósito não deve ser só uma questão de aproveitar a paisagem do lugar, mas de pensar a construção de propósitos adaptados, materiais adequados e de vegetação características do local, com o intuito de humanizar e harmonizar o edificado.

“O Homem é um organismo dotado de um extraordinário passado maravilhoso. Distingue-se de todos os outros animais pelo facto de ter conseguido criar aquilo a que chamarei prolongamento do seu organismo.”<sup>44</sup>

A conceção de um habitar consiste na criação de meios que forneçam ao ser humano, condições favoráveis à sua vivência quotidiana, como uma extensão de si mesmo. O processo de criar um habitat consiste na relação entre habitar e construir. Assim existe uma interdependência entre estes dois elementos. Ao construirmos um abrigo, de certa forma já estamos a vivê-lo, este ato satisfaz em si mesmo a necessidade de habitar a construção. Esta necessidade é o que confere o carácter intrínseco da construção ao ser humano, desta forma, “Construir é propriamente habitar. [...] Não habitamos porque construímos, mas construímos e temos construído porque habitamos.”<sup>45</sup> A construção de um abrigo surge por uma necessidade, onde se criam hábitos de vida que traduzem um habitar. São estes abrigos que se concretizam através da arquitetura, que se convertem em lugares próprios e pessoais, possibilitando o estabelecimento de um habitar no espaço.

Para Heidegger a finalidade de uma construção consiste em fornecer resposta à necessidade espacial, onde se desenvolvem uma série de valores que devem fazer parte do nosso quotidiano. É possível compreender de forma mais precisa a relação que Heidegger estabelece entre habitar e construir, pela origem da palavra habitar em alemão ser *whnen* que é distinto de viver e por sua vez *bauen* provém de *buon* que tem como significado habitar, morar, permanecer, logo podemos deduzir que construir é habitar.

Existe uma particularidade na forma como o ser humano habita, tal como cada ser vivo, mas este possui as suas distintas necessidades que lhe são intrínsecas, quer sejam as mais primárias como comer, dormir, comunicar com o próximo e proteger-se dos perigos, ou as secundárias ou terciárias, como praticar exercício, apreciar arte ou ainda estudar. Qualquer que seja a

---

<sup>44</sup> Hall, Edward T., *A dimensão oculta*, Lisboa: Relógio de Água, 1986, p. 14.

<sup>45</sup> Tradução livre do autor. No original: “*Construir es propriamente habitar. [...] No habitamos porque hemos construido, sino que construimos y hemos construido en la medida en que habitamos.*” Heidegger, Martin, *Construir, habitar, pensar*, Madrid: La oficina, 2015, p. 19.

necessidade, ela é humana, pois como refere Heidegger “O modo como tu és e eu sou, o modo que nós, humanos, somos na terra é o *baun*, a morada. Ser humano significa: estar na terra como mortal, ou seja, habitar.”<sup>46</sup>

“A arquitetura é o nosso principal instrumento para nos relacionar com o espaço e o tempo e dar a essas dimensões uma medida humana. Ela domestica o espaço ilimitado e o tempo infinito para serem tolerados, habitados e compreendidos pela humanidade. Como consequência desta interdependência de espaço e tempo, a dialética do espaço externo e interno, físico e espiritual, material e mental, prioridades inconscientes e conscientes concernentes aos sentidos, bem como seus papéis e interações relativos, têm um impacto essencial na natureza das artes e da arquitetura.”<sup>47</sup>

A humanização do espaço dá-se a partir da existência e conceção de construções adaptadas à medida, morfologia e sentido do ser humano. Estas podem ser projeções do pensamento, sentimento ou percepção humana, numa relação para com o espaço a habitar. Para Pallasmaa, “[...]as estruturas arquitetónicas "humanizam" o mundo, dando-lhe medida humana e significados culturais e humanos. A arquitetura transforma o mundo físico frio e impessoal em um lar para o homem.”<sup>48</sup>

A relação entre habitar e o mundo, baseia-se na relação que se estabelece com a paisagem que se habita e a relação da construção com essa mesma paisagem, permitindo observar as características do habitar de cada indivíduo. Assim, habitar o mundo consiste na projeção de habitar dos vários indivíduos, que se traduz numa materialidade heterogênea. Esta heterogeneidade do mundo ou do indivíduo e as suas relações, traduzem a forma de viver e apropriar o espaço que define o habitat.

---

<sup>46</sup> Tradução livre do autor. No original: “El modo como tú eres y yo soy, la forma en que nosotros los humanos somos sobre la tierra es el *baun*, el habitat. Ser un ser humano significa: estar sobre la tierra como mortal, es decir, habitar.” *Ibidem*, p. 15-16.

<sup>47</sup> Tradução livre do autor. No original: “*La arquitectura es el instrumento principal de nuestra relación con el tiempo y el espacio y de nuestra forma de dar una medida humana esas dimensiones; domestica el espacio eterno y el tiempo infinito para que la humanidad lo tolere, lo habite y lo comprenda. Como consecuencia de esta interdependencia del espacio y el tiempo, la dialéctica del espacio exterior e interior, de lo físico y lo espiritual, de lo material y lo mental, de las prioridades inconscientes y conscientes que incumben estos sentidos, así como sus papeles e interacciones relativas, tienen un impacto fundamental en la naturaleza de las artes y de la arquitectura.*” Pallasmaa, Juhani, *Los ojos de la piel*, Barcelona: Gustavo Gili, 2006, p. 18.

<sup>48</sup> Tradução livre do autor. No original: “*las estructuras arquitectónicas "humanizan" el mundo al darle una medida humana y unos significados culturales y humanos. La arquitectura convierte el mundo físico frío e impersonal en un hogar para el hombre.*” Pallasmaa, Juhani, *La mano que piensa*, Barcelona: Gustavo Gili, 2012, p. 144.



#06

**Vista aérea sobre o centro urbano de Lousada, Fernando Guerra**

## 3. Contextualizar um lugar para habitar

### 3.1 Relação com o cliente

“A gente, as pessoas que habitam os edifícios, permanecem, no fundo, os grandes esquecidos da arquitetura residencial. No entanto, uma casa é uma habitação mais as pessoas que moram lá e os objetos que mantêm.”<sup>49</sup>

O cliente é o que nos dá o propósito e que nos estabelece a circunstância real para a criação da proposta arquitetónica. No diálogo entre cliente e o arquiteto, existe sempre uma relação de partilha de ideias e opiniões, um diálogo entre vontades que posteriormente vão condicionar e se refletir no resultado final. A palavra cliente tem a sua origem no latim “*Clients*”, que corresponde “à pessoa que tem acesso a um produto ou serviço mediante pagamento”.<sup>50</sup> A troca de bens e serviços mediante um pagamento foi criada para que fosse possível o estabelecimento da respetiva relação de diálogo, numa procura por entendimento que tanto o cliente como o arquiteto têm sobre o que pretendem. Assim este processo, gera-se a partir de muitas reuniões para gerir tanto as intenções e expectativas do cliente, como também, para o elucidar do processo de projeto e das intenções do arquiteto. Só a partir deste diálogo é possível concretizar uma obra coerente e de qualidade, sem descurar nenhuma das vontades, mas evidenciando sempre umas em detrimento de outras.

A presente dissertação surge assim como um desafio autoproposto, a partir de uma encomenda para uma habitação unifamiliar a implantar num local que tem como principal função a atividade de exploração agrícola. Este é um sítio excecional pelas suas qualidades espaciais e toda a paisagem envolvente e representa um lugar com grande relevância para a família, pelo carácter simbólico e pelo profundo desejo de habitar este espaço na sua plenitude.

Desta forma a primeira linha de desafio prende-se com o facto de esta ser uma encomenda por parte dos elementos familiares. Em segundo lugar porque os ocupantes da futura casa possuem distintas personalidades, têm diferentes rotinas, diferentes modos de estar e ocupar o espaço, ou seja, toda e qualquer intenção está sujeita a ser discutida, avaliada e ponderada em família, quer seja por critérios de organização espacial, como de método de intervenção, de linguagem, de opiniões e de referências. Para além disso existe uma vontade intrínseca e genuína de fazer

---

<sup>49</sup> Tradução livre do autor. No original: “*La gente, las personas que habitan los edificios, siguen siendo, en el fondo, los grandes olvidados en la arquitectura residencial. Sin embargo, una casa es una vivienda más la gente que ya habita y los objetos que guarda*”, Fuertes, Pere e Monteys, Xavier, *Casa Collage*, Barcelona: Gustavo Gili, 2001, p.14.

<sup>50</sup> *Cliente* in *Conceito.de*: “Do latim *clients*, o termo cliente permite fazer alusão à pessoa que tem acesso a um produto ou serviço mediante pagamento.”, disponível na Internet: <https://conceito.de/cliente>, [consultado em 18 de julho de 2020].

um trabalho que seja principalmente adaptado às necessidades familiares diretos, pelo facto de estes virem a ser os ocupantes da casa numa futura relação de maior permanência nela, quer pelo trabalho que a partir dela desenvolvem, quer pela permanência constante ao longo do dia na mesma e igualmente pelo facto de numa eventual saída dos filhos, serão eles que permanecerão como habitantes.

De certa forma é através do diálogo que o cliente se prepara para a linguagem da obra que o arquiteto projetará. O cliente poderá naturalmente contribuir para o desenvolvimento da proposta, devendo-se incentivar a que participe no processo de projeto, pois como afirma Siza Vieira: “[...] o dono de obra é o primeiro arquiteto e, sem o seu empenho, é praticamente impossível obter resultados satisfatórios.”<sup>51</sup>

Durante todo o desenvolvimento do projeto, este diálogo esteve sempre presente, tendo resultado na criação de vários estudos, pois as nossas intenções e as do cliente foram sofrendo alterações à medida que se desenrolava o processo de projeto, e à medida que este foi evoluindo. Este intercâmbio de ideias e propósitos é o que vai gerar o processo e a evolução do projeto.

## **3.2 Definição do programa**

Na definição de uma proposta é necessário ter em consideração um conjunto de parâmetros, condições ou anseios que o cliente tem sobre um determinado objeto ou objetivo. Essas considerações podem, numa primeira fase, ser ideias do que se pretende; referências do que se conhece; e principalmente, um reflexo da visão que se tem para uma determinada obra. Enquanto agentes criadores, é esta visão que nos dita a perspetiva do cliente, a sua maturidade, conhecimento e os seus gostos. Contudo, torna-se necessário fazer uma síntese da informação apreendida e transformar esses desejos em conteúdo mensurável de projeto.

De forma a dar início ao processo concetual, teve-se em consideração as premissas sobre a perspetiva de cada elemento como futuro ocupante da habitação. Estas visões encontram pontos em comum de concordância:

Perspetiva do pai: pretendia uma habitação de um único piso, simples e funcional, que fosse energeticamente eficiente e termicamente confortável, que oferecesse espaços que estabelecessem uma relação de intimidade com a envolvente, ou seja, que a casa desse lugar às

---

<sup>51</sup> Vieira, Siza, em Entrevista à agência de comunicação Lusa, disponível na Internet: <https://www.archdaily.com.br/br/762044/alvaro-siza-diz-que-o-bulding-of-the-year-award-e-um-forte-estimulo>, [consultado em 18 de julho de 2020].

atividades do cotidiano sem que essas atividades ou rotinas se transpusessem para o exterior, tendo por preferência uma lógica de abertura de vãos perfurados em detrimento de vãos rasgados, como é exemplo o *pan de verre*, elemento arquitetónico recorrente de Mies van der Rohe. Pretendia também que a casa fosse muito bem ponderada no que toca a áreas internas, ou seja, que possibilitasse a produção de espaços que albergassem as diversas funções confortavelmente, mas que estas, fossem ponderadas em termos de áreas, atendendo ao fator económico. Para além disso, no espaço exterior pretendia um conjunto de anexos que pudessem servir de apoio à atividade de exploração agrícola, que permitissem o correto funcionamento da atividade. Assim sendo, o que era pretendido consistia em prever: um pequeno armazém albergasse as alfaías agrícolas, um pequeno trator agrícola com 2,50 m x 1,40 m de dimensão e que permitisse também armazenar as culturas extraídas do solo; uma pequena estufa que permitisse o cultivo de alimentos que necessitavam de condições atmosféricas específicas; pretendia também um abrigo para animais domésticos.

Perspetiva da mãe: pretendia uma habitação que numa lógica funcional permitisse estacionar o carro no seu interior, deixando as compras logo na zona de arrumos ou na cozinha, sem ter a necessidade de se deslocar em longos percursos entre espaços. Pretendia também uma lavandaria que fosse agradável para a sua permanência, na execução das tarefas domésticas associadas a este espaço, que tivesse ótimas condições de iluminação e salubridade. Pretendia também uma cozinha de dimensão generosa, que permitisse circular confortavelmente durante as atividades domésticas, que tivesse bastante espaço de arrumos e que estabelecesse uma relação visual com os espaços de lazer da casa, criando assim uma interação com os restantes elementos da família ou convidados, mas que ao mesmo tempo se pudesse encerrar quando fosse pretendido. Pretendia uma zona exterior para churrascos com proximidade com a cozinha e sala de jantar, que apelasse ao convívio entre família e amigos no verão.

Perspetiva da irmã: pretendia que a casa tivesse uma sala ampla, um espaço que desse lugar às múltiplas atividades relacionadas com o lazer: ver filmes, ouvir música, jogar consola, ou mesmo praticar exercício, em suma um espaço amplo, livre e multifuncional. Pretendia também um espaço dedicado ao estudo, onde pudesse efetuar as tarefas escolares e arrumar os seus livros.

A nossa perspetiva (na condição de filho): primava pela independência do quarto em relação aos restantes espaços da casa, tendo em consideração que para ele o quarto é o lugar de refúgio dentro do espaço da habitação, onde repousa, trabalha e efetua atividades relacionadas com o lazer. De forma a estabelecer esta autonomia, prevê-se uma instalação sanitária em cada quarto, permitindo assim uma maior relação de intimidade em relação aos restantes espaços da casa; pretende um espaço de exposição de uma coleção de quadros que a família e o próprio foi adquirindo; pretendia uma biblioteca, zona de leitura e de trabalho que permitisse também

albergar o arquivo dos seus trabalhos desenvolvidos ao longo do percurso acadêmico; era pretendido também um espaço que albergasse amigos onde estes pudessem pernoitar.

“Uma casa intrigante, esplêndida e barroca que deixa um proprietário orgulhoso, pode ser o pesadelo de outro. As paredes nuas de um edifício moderno podem tornar-se uma prisão inóspita para alguém incapaz de julgar os valores arquitetônicos dos espaços, que avalia o que vê de acordo com comparações ou um exame superficial da cor, da sensação, e do brilho dos acabamentos.”<sup>52</sup>

Cada indivíduo possui uma visão própria e uma forma de se relacionar com o espaço. Essa forma é caracterizada por memórias, sensações, maneiras de ser que traçam a visão individual do sujeito. Cabe ao arquiteto apreender e trabalhar esta informação, isto é, compreender o que motiva as pessoas a viver de uma determinada forma nos espaços. Ao arquiteto é incumbida a tarefa de entender e educar a pessoa para as qualidades do espaço, sem entrar numa tradução direta do que o cliente comunica. Deste modo, torna-se necessário auscultar o cliente e entender como este se relaciona com o espaço.

Cada elemento da família, comporta memórias, afinidades e propósitos diferentes, relativamente à arquitetura, pode-se ver alguns preceitos interessantes e outros nem tanto, o que pode ter a ver com a infância de cada um deles e a sua percepção individual. De acordo com Zumthor, a infância é um momento de percepção e vivência mais natural da arquitetura, pois não se reflete sobre ela, mas sente-se, usa-se e aproveita-se. Pode-se dizer que nesta fase aproveitamos com mais forças as qualidades da vida.

“Outras imagens têm a ver com a minha infância; vem-me à memória aquela época da minha vida em que a arquitetura viveu sem refletir sobre ela vem à mente.”<sup>53</sup>

Com esta abordagem pretende-se visualizar com maior profundidade, o que motiva cada um dos elementos da família, com o intuito de entender que tipo de habitar poderia criar em função deles. Nesse seguimento, pode-se dizer que:

A mãe tem uma visão naturalista, preocupada com a relação do novo edificado com o lugar. Desde de criança conviveu muito com o meio natural, devido à sua vivência no campo e das memórias da sua habitação, inserida numa paisagem agrícola e de registo vernacular. O cultivo

---

<sup>52</sup> Tradução livre do autor. No original: “A puzzling, splendid, baroque home that make one owner proud, could be another’s nightmare. The naked walls of a modern building may become an inhospitable prison to one unable to judge the architectural values of spaces, who evaluates what he sees according to comparisons, or a superficial examination of the color, the felling, and the shiny bulk of the finishes.”, Zabalbeascoa, Anatxu, *The house of the architect*, Nova York: Rizzoli, 1995, p.6.

<sup>53</sup> Tradução livre do autor. No original: “Otras imágenes tienen que ver con mi infancia; me viene a la memoria aquella época de mi vida en que vivía la arquitectura sin reflexionar sobre ella.”, Zumthor, Peter, *Pensar la arquitectura*, Barcelona: Gustavo Gili, 2004, p.9.

sempre fez parte da sua vida, os seus pais tinham como a atividade a produção de produtos hortícolas e o seu negócio consistia na venda destes produtos como subsistência. Ela apreciava muito as grandes quintas e suas paisagens verdejantes, com os seus campos cultivados e bem cuidados na sua organização. Lembra-se de fazer grandes percursos até uma fonte na sua aldeia para ir buscar água, ou até a um pequeno tanque onde tratava das roupas da família. Lembra-se também de passear por caminhos de terra, junto a campos repletos de vinhas, árvores de fruto e animais no pasto.

O pai partilha desta visão naturalista, na sua infância estabelecia também uma forte relação com o meio natural. A habitação onde vivia, já de alvenaria e estrutura em betão, era muito austera na sua imagem, com apontamentos de tradição, como era elemento de cobertura em telha cerâmica ou o embasamento em pedra, implantava-se num local rodeado de vinhas e campos de cultivo, bem como animais de pasto. Os seus pais embora não fizessem da atividade agrícola como atividade principal de subsistência, tinham-na muito presente no seu cotidiano, indo para a lavoura no final de um dia de trabalho ou mesmo ao fim-de-semana. Ele tem muito presente as memórias de convívio e interajuda com os vizinhos e amigos, nas épocas de vindima ou de extrair produtos da terra (como era o caso da apanha da batata), sempre acompanhado por grandes banquetes, onde todos se juntavam à mesa e comiam o tradicional assado, acompanhado pelo vinho verde característico desta região.

A intenção de aprofundar a perceção do espaço de cada elemento da família, serviu para ponderar o desenvolvimento do programa inicial, que foi sendo modificado num programa mais personalizado e correto de acordo com o lugar e as necessidades dos habitantes. Assim foi questionado à família como pretendia habitar a casa no futuro, e foi-se adaptando o programa a essas necessidades, enquadrado as suas dimensões e organização de acordo com as normas em vigor. O programa geral partiu da referência à tipologia da casa de lavoura, tendo como principal elemento contruído a casa e por extensão programática as dependências agrícolas: a estufa, o armazém, o abrigo para animais domésticos e os espaços para cultivo. No desenvolvimento das intenções do cliente perante o programa de projeto e com as conversas sobre o passado de cada um, tornou-se importante definir espaços distintos para cada função da casa.

Assim o programa da propriedade agrícola contempla: no 1º socalco, uma zona para cultivo de oliveiras (368,00 m<sup>2</sup>); no 2º, uma zona para cultivo de cerejeiras (368,00 m<sup>2</sup>); no 3º, uma zona de pomar (756,00 m<sup>2</sup>); no 4º, uma zona destinada ao complexo edificado: 1 armazém (43,20 m<sup>2</sup>) + 1 estufa (17,30 m<sup>2</sup>) + 1 abrigo p/ animais domésticos (17,30 m<sup>2</sup>) + picadeiro (57,60 m<sup>2</sup>) + eira (50,40 m<sup>2</sup>) + área verde (410,40 m<sup>2</sup>); no 5º, uma zona para cultivo de espécies rasteiras (360,75 m<sup>2</sup>); no 6º, uma zona para cultivo de espécies rasteiras (263,20 m<sup>2</sup>); no 7º, uma zona para cultivo de espécies rasteiras (367,90 m<sup>2</sup>);

O programa da habitação é composto por: 1 átrio de chegada (87,50 m<sup>2</sup>); 1 garagem para dois automóveis (38,35 m<sup>2</sup>); 1 hall de entrada (4,50 m<sup>2</sup>); 1 pátio para iluminação interna da casa (8,55 m<sup>2</sup>); sala de estar e jantar (35,00 m<sup>2</sup>); cozinha (13,90 m<sup>2</sup>); 1 pátio c/ churrasqueira (25,90 m<sup>2</sup>); 1 lavandaria (4,30 m<sup>2</sup>); 1 antecâmara (2,60 m<sup>2</sup>); 1 zona de arrumos (6,10 m<sup>2</sup>); 1 zona para instalações técnicas (7,75 m<sup>2</sup>); 1 galeria (16,20 m<sup>2</sup>); 1 biblioteca / quarto de hóspedes (16,20 m<sup>2</sup>); 1 instalação sanitária de serviço (3,60 m<sup>2</sup>); 1 quarto (13,60 m<sup>2</sup>), com vestiário (5,20 m<sup>2</sup>) e instalação sanitária privativa, adaptada a mobilidade condicionada (7,50 m<sup>2</sup>); 2 quartos (13,10 m<sup>2</sup> cada) com vestiário (3,20 m<sup>2</sup> cada) e instalação sanitária privativa (3,60 m<sup>2</sup> cada).

### 3.3 A paisagem

A paisagem consiste numa imagem percebida pelo observador, e como tal, requer análise e interpretação da sua constituição, como forma de fundamentação das feições no que corresponde à assimilação da realidade. O observador é aquele que formaliza critérios de diferenciação e qualificação entre os distintos constituintes da paisagem, como forma precisa de dialogar com a génese do lugar.

Num lugar é possível observar distintas paisagens, esta variação vai depender do campo visual do observador, da perspetiva do olhar, e da localização onde este se encontra. É responsabilidade do arquiteto interpretar as distintas componentes da paisagem, de a aceitar e de tirar partido das suas diferentes características, selecionando o tipo de relação que pretende estabelecer com as distintas perceções visuais da mesma. Esta visualização da paisagem tem que ser assimilada e imaginada, como parte intrínseca do local e do que se pretende nele projetar, com o objetivo de tirar melhor partido de cada componente da sua envolvente. Desta forma, torna-se relevante entender todos os fatores naturais, e com eles estabelecer relações, diferenciando os fatores humanos, que apesar de apresentarem distintas características, requerem também uma ponderação e sensibilidade. Esta dicotomia na definição de paisagem é referida por Fernando Távora como sendo:

“conjunto de factores naturais e humanos [...] ao qual daremos o nome de ‘circunstância’, [...] aquele conjunto de factores que envolvem o homem, que estão à sua volta e, porque ele é o criador de muitos deles, a esses haverá que juntar os que resultam da própria existência, do seu próprio ser.”<sup>54</sup>

---

<sup>54</sup> Távora, Fernando, *Da organização do espaço*, Porto: FAUP, 2015, p22.

A paisagem encontra-se organizada no espaço, e por consequência, no espaço humanizado, como resultado da adaptação e apropriação por parte do ser humano para a sua vivência no espaço. Mas essa adaptação e organização de espaço não tem que ser impositiva e dominante, pois mediante as necessidades do ser humano, no que diz respeito a sociabilização, à capacidade de se relacionar, de se identificar, é possível estabelecer um contexto mais natural e de maior harmonia com o lugar.

Numa paisagem é possível observar variadas morfologias como: dispersão e densidade urbana, espaço urbano, rural e florestal, lugar e não lugar, paisagem natural e humanizada. Tendo em conta todas estas vertentes numa realidade que pode ser traduzida em paisagem habitada, cabe ao arquiteto fazer a recolha, interpretação e transformação destes dados referentes ao que é percebido e assimilado, com o objetivo de tornar possível um correto habitar no lugar.

Atualmente não existe uma clara dicotomia entre a vivência no campo ou na cidade, cada vez existe mais uma simbiose entre estas duas realidades. Desta forma para além de se tornar relevante pensar no desenho de um edificado procurando uma relação com o lugar, o desafio reside em encontrar a essência e a origem desse mesmo lugar, entre as suas diversas características.

De hoje em dia, a cidade não se identifica apenas pelas “[...] formas urbanas que a compõem e o campo pelas formas rurais.”<sup>55</sup> Vivemos numa simbiose entre configurações rurais e urbanas que se caracterizam em distintas aproximações aos meios urbano e rural. Na atualidade, fronteiras entre campo e cidade são mais dinâmicas, podendo-se notar, por vezes, a fragmentação do desenho, dos fenómenos, das escalas, dos materiais, em relação ao lugar e a paisagem que está inerente a este. Estas fragmentações na paisagem definem a relação que o homem estabelece com o mundo.

“O homem está no mundo e o mundo está no homem; a paisagem é o nome e o local dessa circulação entre o homem e o mundo”<sup>56</sup>

Nesta dissertação procurou-se assumir as diversas paisagens presentes na envolvente do local em estudo, como meio de intervenção na relação com o lugar especificamente, evitando deixar influenciar por atributos idílicos entre a construção e o lugar. A relação entre o construído e o lugar, não depende da autenticidade do lugar, mas sim da autenticidade do construído, como forma de estabelecer um diálogo com o lugar, independentemente das suas características.

---

<sup>55</sup> Silva, Cidália, *Dissipar Equívocos, Saber Ver o Território Contemporâneo*, Arquitectura em “locais comuns / Ideias e projectos para o Vale do Ave”, Porto: Dafne (Equações de arquitectura), 2008, p. 37.

<sup>56</sup> Besse, Jean Marc, *Estar na paisagem*, em Cardoso, Isabel Lopes, *Paisagem património*, Porto: Dafne (Equações de arquitectura), 2013, p. 34.

Deste modo, assume-se a paisagem heterogénea do terreno em estudo, situado em Silvares, no concelho de Lousada. Este terreno compreende uma evolvente onde é possível observar diversas paisagens: paisagem natural selvagem<sup>57</sup>, paisagem rural<sup>58</sup>, paisagem humanizada<sup>59</sup>, paisagem urbanizada, esta diversidade paisagística define um lugar fragmentado por diversas circunstâncias. A fragmentação da paisagem é resultante da constante transformação das necessidades da sociedade, dos princípios de adaptação e vivência na relação para com o lugar, no que diz respeito à preservação, ao aproveitamento, à regularização e individualização, como refere Álvaro Domingues:

“Se a paisagem é registo da transformação da sociedade, será normal que se a sociedade mude, com ela mude a paisagem”<sup>60</sup>

Ter em consciência a naturalidade na adaptação das necessidades de vivência de uma sociedade em relação a um determinado lugar, não implica de todo estabelecer qualquer tipo de relação com o meio, sem critério. É necessário entender, que por vezes a falta de ética na conceção arquitetónica, traduz-se numa conceção longínqua no que diz respeito ao saber fazer, saber relacionar e saber viver. Como consequência, este pensamento resulta na conceção e desenho de algo sem qualquer valor, e desta forma, os edifícios traduzem-se em meras construções, que estão longe de corresponder aos ideais e de verdadeira transformação da sociedade.

A transformação da sociedade ocorre a partir de uma dinâmica na definição de fronteiras e da definição de um conteúdo específico. As paredes que delimitam os espaços não se tornam desta forma o mais relevante, mas sim o modo e o intuito de como estes espaços se encontram separados. Da mesma forma, o mais relevante não é como separar o espaço construído pela ação humana do espaço natural<sup>61</sup> existente, mas sim como atribuir dinamismo entre esses limites, como forma de compreender os pontos positivos na relação entre ambas as partes. Esta relação é bem perceptível ao nível do planeamento urbano, com a previsão de espaços naturais em espaços urbanos e pela urbanização de espaços rurais. Da mesma forma no que diz respeito à escala do edificado, como por exemplo nos edifícios habitacionais, existe uma preocupação em atribuir maior dinamismo e dependência na relação entre espaços interiores humanos e exteriores naturais.

---

<sup>57</sup> “natural selvagem” – Florestas sem intervenção direta do homem

<sup>58</sup> “rural” – Relativo, próprio ou pertencente ao campo ou à vida agrícola – em Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa, Porto Editora [Online] Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/rural> [acedido em 2020-07-23]

<sup>59</sup> “natural humanizado” – Parque naturais construídos pelo homem

<sup>60</sup> Domingues, Álvaro, paisagem e Identidade

<sup>61</sup> Por espaço natural, entenda-se os espaços construídos, maioritariamente, por outros seres vivos diferentes do ser humano.

“O urbano e o rural misturam-se, não sendo claro onde termina um, e começa o outro”<sup>62</sup>

A rutura drástica entre o espaço rural e o urbano é como que um desvincular da habilidade de raciocinar e de exprimir, da habilidade de tomar ação. É como renunciar e reprimir um determinado espaço que ao longo dos tempos atendeu às necessidades de abrigo e proteção da vida humana. É através da conjugação de ambas a realidades, que é possível adaptar o espaço, estabelecendo uma harmonia entre o meio rural e urbano. Mesmo dentro do espaço citadino, existe sempre uma procura pela integração da natureza, que vai para além da simples utilidade da mesma, sem se desvincular da conceção primordial da cidade.

“As cidades tendem a manter seu padrão original, ainda assim crescem e evoluem, deformam ou transformam suas formas herdadas.”<sup>63</sup>

No que diz respeito à conceção de um espaço, torna-se necessário perceber, compreender e contemplar a paisagem, independentemente do seu género, quer seja uma paisagem maioritariamente natural, quer seja urbana, existe sempre uma necessidade de estabelecer uma relação. Na arquitetura deve existir sempre a necessidade da criação de espaços em harmonia e de relação com a paisagem. No entanto, é necessário compreender a aproximação que se pode estabelecer com a paisagem, e se esta não cria impedimentos em questões como privacidade, ou de autenticidade do construído. Da mesma forma, a autenticidade do construído não deve sobrepor-se à imagem da paisagem. Torna-se relevante encontrar uma harmonia entre estes fatores no ato de conceção.

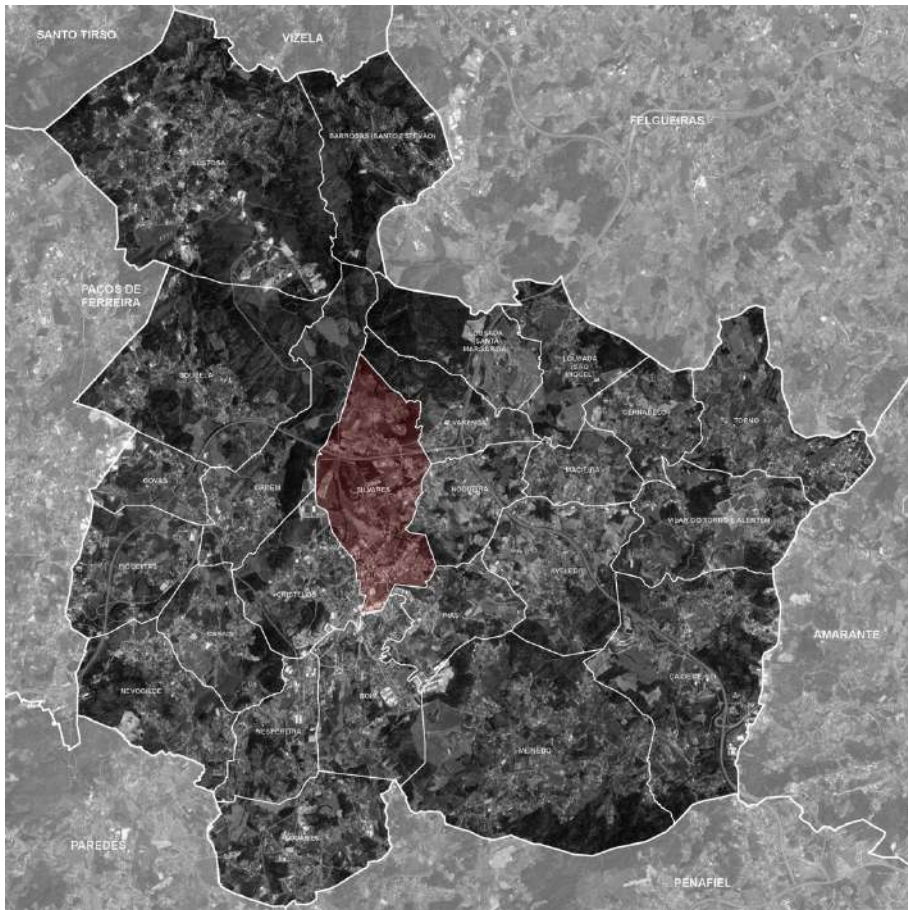
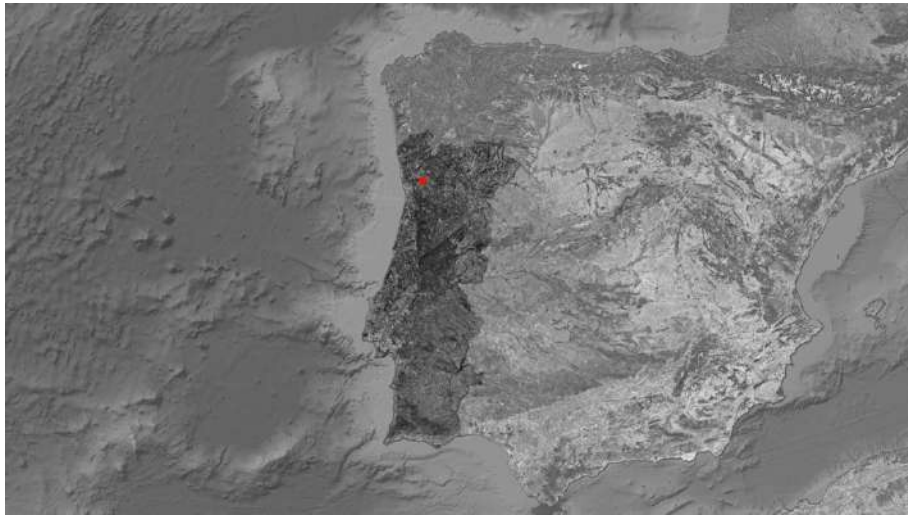
Precisamos recolher todos os símbolos visuais desse ser urbano - todas as evidências de suas patologias e normalidades, reunindo e armazenando toda a memória tirada de épocas passadas para que, no presente momento, possamos alcançar um equilíbrio entre o ser urbano e o seu ambiente material.<sup>64</sup>

---

<sup>62</sup> Silva, Cidália, *Dissipar Equívocos, Saber Ver o Território Contemporâneo*, Arquitectura em “locais comuns / Ideias e projectos para o Vale do Ave”, Porto: Dafne (Equações de arquitectura), 2008, p. 36.

<sup>63</sup> Tradução livre do autor. No original: “*Cities tend to hold to their original pattern, yet still grow and evolve, deform or transform their inherit shapes.*” Boyer, Christine, *The City of Collective Memory its Historical Imagery and Architectural Entertainments*, London: The MIT Press, 1996, p. 16.

<sup>64</sup> Tradução livre do autor. No original: “*We must collect all the visual symbols of this urban being – All the evidence of its pathologies and moralities, gathering and storing all the memory taken from bygone times so that in our present time we can arrive at an equilibrium between the urban being and its material environment.*” Boyer, Christine, *The City of Collective Memory its Historical Imagery and Architectural Entertainments*, London: The MIT Press, 1996, p. 17.



#07

Localização do lugar de Silves, Fotomontagem do autor, 2020

### 3.4 Localização do terreno

Ao analisar a localização de um terreno importa não só definir os limites concretos pela sua dimensão espacial, como também estipular os limites na correlação com o lugar, segundo os seus aspetos sociais, funcionais, fenomenológicos e concetuais na relação com o ambiente evolvente.

O terreno em estudo, localiza-se no distrito do Porto, concelho de Lousada, na freguesia de Silvares<sup>65</sup>, numa área que apesar de apresentar um carácter bucólico, encontra-se próxima do centro urbano, face à Rua do Alto. Esta é uma das mais antigas ruas deste concelho, que delimita lotes habitacionais, campos agrícolas e zonas de floresta, onde podemos ainda encontrar habitações de carácter vernacular, uma situada no lado oposto da rua relativamente à área de intervenção, de pequenas dimensões, com tipologia típica de casa de lavoura, com loja no rés-do-chão e zona habitável no piso superior, e uma outra de maiores dimensões, a Casa de Esplendém de Cima (Casal da Igreja de Silvares), localizada no extremo sul da rua, no encontro com a Rua do Paço, cujo o assento desta propriedade era composto por uma casa colmada que servia de cozinha e celeiro, dentro do quinteiro tinha duas cortes e fora dele uma adega e uma outra corte. Esta propriedade destaca-se pela sua longa permanência neste local que remonta ao ano de 1258 pelas Inquirições Afonsinas.<sup>66</sup>

Esta rua faz a ponte entre a Rua do Paço (também uma das ruas mais antigas e mais importantes do concelho que estabelece ligação ao centro urbano a partir da rotunda próxima do Hospital de Lousada e termina na Igreja Matriz de Silvares) e a uma rotunda no seu limite a norte, que distribui o trânsito, estabelecendo ligação com centro urbano, com a zona norte do concelho e com a A42. Estabelece também ligação num ponto intermédio com a Rua das Agradas, a partir de um entroncamento.

A Rua do Alto caracteriza-se pelo reduzido movimento, pelo facto de se encontrar numa zona principalmente residencial. O trânsito que se faz notar é principalmente de veículos e peões que pretendem aceder à sua residência ou aos campos de cultivo. Um fator que contribuiu também o reduzido tráfego foi uma “recente” reorganização urbanística que dotou esta zona de novas infraestruturas viárias e que proporcionou que o trânsito vindo do centro urbano em direção ao Porto circulasse por novas vias alcatroadas e dotadas de maior comodidade.

---

<sup>65</sup> Antiga freguesia pertencente ao concelho de Lousada, extinta (agregada), pela reorganização administrativa de 2012/2013, sendo o seu território integrado na União de Freguesias de Silvares, Pias, Nogueira e Alvarenga. Por convenção quando se refere Silvares referimo-nos apenas aos limites deste território.

<sup>66</sup> Baseado em: Magalhães, Pedro et al., *Silvares um percurso pela sua história*, Paredes: Reviver, 2009, p. 63.



#08

*Identificação do espaço de intervenção*, Fotomontagem do autor, 2020

É relevante compreender a afluência de movimento neste local, na medida em que conseguimos ter a percepção de privacidade e isolamento o que permite a este espaço relacionar-se mais com o meio rural e natural do lugar, do que com as dinâmicas agitadas do ambiente urbano.

Apesar desta localidade ainda apresentar alguns vestígios da vila medieval, o seu planeamento urbano foi sujeito a um “novo” regime edificatório previsto no PDML<sup>67</sup>, que regulamenta a organização do território, desde os afastamentos e alinhamentos entre os edifícios e o afastamento dos mesmos ao eixo das vias, à área máxima permitida de construção e área mínima permeável. Este regulamento prevê também a criação de infraestruturas como de passeios destinados a transeuntes, através da obrigatoriedade de cedência de área por parte da nova construção. Desta forma podemos observar que a malha urbana, ainda em consolidação segue uma estrutura lógica e consistente, que se divide em lotes ladeados por muros de vedação, que contemplam uma habitação unifamiliar geralmente com dois pisos mais cave, com jardim na frente e logradouro e anexos nas traseiras. Essa organização é mais visível na Rua das Agradas, devido à maior consolidação de edificado, enquanto na Rua do Alto essa estrutura ainda se começa a desenhar e denota-se a prevalência de muito território ainda por construir.

No que concerne a equipamentos e espaços públicos, a área de intervenção tem proximidade com diversos equipamentos significativos deste concelho, como o Hospital de Lousada, o *Country Hotel* situado face à rua de ligação entre as duas rotundas numa área pertencente à Quinta de Vila Meã (uma das mais antigas e maiores quintas deste concelho), a Igreja Matriz de Silves, o Complexo Desportivo que se destaca pela qualidade e diversidade das suas instalações desportivas e que alberga diversos desportos e dá lugar a inúmeros estágios desportivos. Ainda nas imediações podemos usufruir também da ecopista que estabelece um percurso que une as rotundas, passando pelo *Country Hotel*, atravessa o centro urbano passando pelo Centro Interpretativo do Românico e passa posteriormente passando pelo Complexo Desportivo voltando ao ponto inicial do circuito.

Em suma podemos observar neste local encontramos três tipos distintos de ambientes: com maior proximidade do meio natural, temos o conjunto de florestas que confrontam a norte e este com o terreno; o mais próximo do meio rural são as propriedades que contêm as casas de lavoura acima referidas de carácter vernacular, que fazem reviver um pouco o espírito do lugar e realçam a memória do cotidiano campestre; o ambiente mais próximo do meio urbano é dado pelas habitações unifamiliares, que apesar da sua implantação regular a nível urbano, a sua linguagem arquitetónica na globalidade é negligenciada e incoerente com a época em que se constrói caindo por vezes na *mimesis* arquitetónica de referências e estilos passados, notando-se uma clara falta de desenho, que deixa escapar vezes o espírito do lugar.

---

<sup>67</sup> Plano Diretor Municipal de Lousada



#09

**Paisagem envolvente do local de intervenção sobre o quadrante Norte, Fotografia do autor, 2020**



#10

**Vista da rua do Alto, sobre o local de intervenção, Fotografia do autor, 2020**



#11

**Paisagem do terreno sobre o quadrante Sul de Silvares, Fotografia do autor, 2020**

### 3.5 Perceção da envolvente e do terreno

A nossa perceção tem como base os sentidos, como forma de apreender, coexistir e intervir na relação com o meio envolve. A perceção define-se então como: “ato ou efeito de perceber; tomada de conhecimento sensorial de objetos ou de acontecimentos exteriores; ação de conhecer, pela inteligência ou entendimento, independente dos sentidos.”<sup>68</sup>

Os sentidos auxiliam-nos à criação de memórias sensoriais do caráter do lugar, e a inteligência permite compreender e adaptar as relações entre os distintos elementos desse mesmo lugar. A partir da assimilação dos elementos que compõem o lugar, podemos aferir a qualidade do lugar para o ser humano, e assim podemos definir os elementos ou circunstâncias sobre as quais podemos trabalhar de forma a tirar partido desses mesmos elementos, transformando-os com o objetivo de alcançar o bem-estar. Em contrapartida, podemos também procurar protegermo-nos de determinadas circunstâncias, com o intuito de criar um habitat seguro.

Ao longo de várias visitas pelo lugar e ao terreno, em diferentes alturas, denota-se que o solo é bastante seco, devido às suas características rochosas, sendo composto maioritariamente fragmentos de pedra granítica ou saibro típicos da região. A exposição solar do terreno contribui para esta característica do solo e o próprio clima neste local é bastante seco e quente, devido ao fato de possuir uma acentuada pendente que ascende a norte, encontra-se exposto a longos períodos de sol ao longo do dia. Percebe-se que por não existir nesta zona cursos de água que a construção de poços particulares para tirar partido da água do subsolo é frequente, no presente terreno é bastante útil dado o facto que possui uma grande área que necessita de irrigação das culturas ali presentes.

Existem alguns terrenos de cultivo, inclusive o de intervenção que demonstram mesmo alguma arquitetura nas suas estruturas em ramadas, estacas e ordenação das diferentes espécies de legumes e fruteiras. Isto suscitou a preocupação em preservar o espaço definido para este propósito, de forma a se tornar claro a sua existência, na composição de todos os elementos, sem haver uma direta relação entre este e outros espaços. Nesse espaço suja-se com terra, usa-se instrumentos aguçados e está-se em contacto com pólen abelhas pássaros, toupeiras, cobras, formigas e centopeias à volta das plantações.

---

<sup>68</sup> *perceção* em Dicionário infopédia da Língua Portuguesa, Porto Editora [Online] Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/perceção> [acedido em 2020-07-23]



#12

**Vista sobre o quadrante Norte do local de intervenção, Fotografia do autor, 2020**



#13

**Vista sobre o quadrante Sul do local de intervenção, Fotografia do autor, 2020**

O clima de Silvares apresenta características de influência atlântica, para a qual contribuem os corredores naturais dos rios Sousa e Mezio, conferindo a este local, um clima temperado marítimo húmido, a supera húmido, de Invernos e Verões com variações climáticas de tipo fresco a moderado, com temperaturas médias anuais entre 10º-12,5º, com valores médios de humidade relativa que rondam os 80-85%.<sup>69</sup>

A insolação na zona central do concelho de Lousada, onde se encontra Silvares, conta com valores intermédios de insolação anual que rondam as 2400-2500 horas, mostrando-se como um elemento climático muito importante para o desenvolvimento de inúmeras atividades humanas, sobretudo as atividades agrícolas. O território da freguesia é penetrado por manchas estreitas de nevoeiros das baixas continentais, de irradiação, pouco espessos, com expressões esporádicas ao longo dos períodos do Outono, Inverno e Primavera, surgindo maioritariamente à noite ou de manhã cedo.<sup>70</sup>

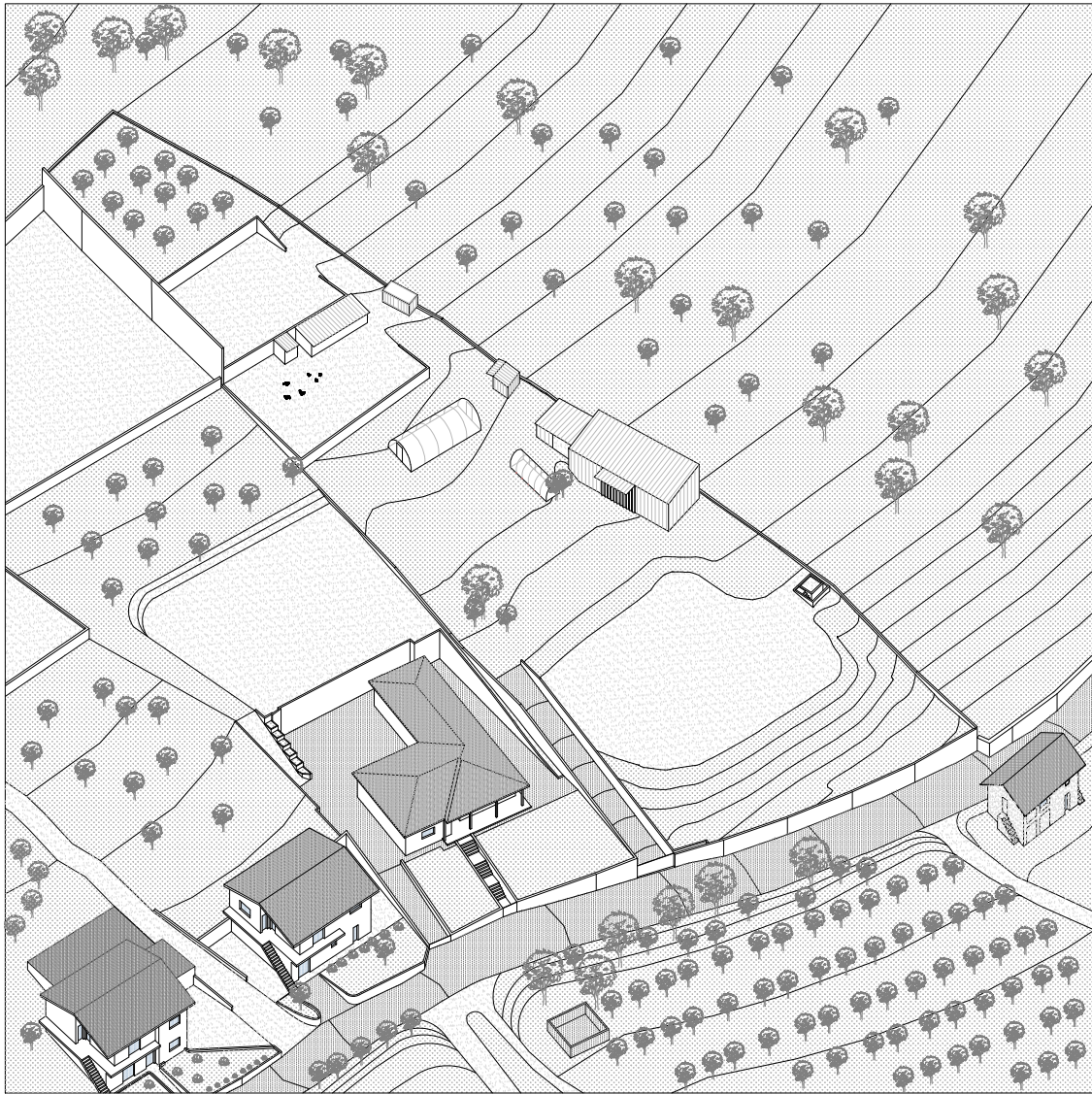
Quando está sol, o clima é bastante quente e luminoso e por vezes, ameno e inconstante quando está nublado. O vento proveniente de norte não se faz sentir muito neste local. Durante o inverno o clima pode ser ameno com períodos de sol e com chuvas leves ou rigoroso com chuvas torrenciais. A variação do clima obriga a refletir sobre a exposição solar e soluções construtivas, com a necessidade de proteção das chuvas, pensar em espaços confortáveis, sem grandes vãos de vidro, por forma a tornar-se claro e confortável o sentir a luz dos diferentes momentos do dia e do ano. Demasiadas aberturas levariam a uma fragmentação do espaço por excesso de interferência exterior.

A nível de sombreamento existente podemos contar com uma de maior expressão, proveniente da vegetação envolvente, de eucaliptos, pinheiros e sobreiros, existe sombreamento também no próprio terreno, proveniente das árvores existentes, contudo será necessário prever mais árvores neste local devido à forte exposição solar. Ao nível de privacidade o local permite que se construa uma casa com elevado nível de privacidade, devido ao facto de esta se poder implantar numa zona elevada em relação à cota da rua do Alto e o terreno ter como característica uma larga extensão, que permite o distanciamento com a casa vizinha a Oeste, com uma possível construção no terreno a Este.

---

<sup>69</sup> Baseado em: Magalhães, Pedro et al., *Silvares um percurso pela sua história*, Paredes: Reviver, 2009, p. 10.

<sup>70</sup> *Ibidem*, p. 10.



#14

Axonometria da situação atual do terreno, Desenho do autor, 2020

Este local é privilegiado pela sua posição elevada, exposição solar, segundo os pontos cardeais e a paisagem a ele associado. A sua morfologia (pendente descendente a Sul) permite que o novo edificado se direcione para o centro urbano, tirando desta forma partido de uma vista privilegiada, sobre os diversos ambientes envolventes (natural, rural e urbano), ao mesmo tempo dispõe de uma excelente exposição solar, ao longo do dia. O ambiente sereno e bucólico em que o sítio se insere, permite criar o cenário idílico de refúgio para o habitante, permitindo que a habitação se assuma como um espaço de repouso, afastada da agitação e das dinâmicas urbanas. As paisagens sonoras são outra das potencialidades que este local usufrui, o tráfego esporádico permite que o nosso sentido auditivo apreenda apenas os sons da natureza: os pássaros, o movimento da vegetação e o toque dos sinos da Igreja Matriz de Silves e da Capela do Senhor dos Aflitos.

A topografia do terreno constitui um dos grandes desafios na a resolução do projeto. Apesar de uma prévia tentativa de adaptação à mobilidade humana, que se pode observar pela implantação de muros que delimitam os socacos, a sua morfologia apresenta uma configuração acidentada e descaracterizada devido à sua morfologia e a movimentos de terra no local, sem grande ponderação, ao nível de mobilidade tanto automóvel como pedonal. Este local caracteriza-se por comportar uma acentuada pendente que ascende a Norte, tendo a sua cota mínima na zona de acesso de 298,00 metros de altura e máxima no limite Norte de 314,50 metros. A rampa de acesso é uma das zonas mais acentuadas que comporta uma pendente de 23%, onde existe uma grande dificuldade de acesso por parte dos veículos. Esta zona não se encontra adaptada ao acesso pedonal. Ainda dentro do mesmo é possível observar um grande talude, na zona confrontante com a rua do Alto, que se caracteriza por ser demasiado íngreme e onde a manutenção à vegetação crescente é praticamente impossível. Podemos também observar uma cratera, resultante de uma anterior escavação com o intuito de implantar uma futura habitação, esta zona encontra-se circundada por dois taludes, não oferece condições de acesso. Aqui o desafio consiste na correta modelação do terreno.

Este local como referido tem como principal função à atividade, a exploração agrícola. Dentro deste espaço podemos observar a implantação de vários edifícios, pouco ou nada ordenados. Este espaço contempla várias dependências: 2 estufas; um armazém (que serve não só para albergar alfaias agrícolas, mas também materiais de construção devido à atividade laboral do proprietário); 3 anexos que servem como arrumos de alfaias agrícolas e de colheitas no local recolhidas; 2 abrigos destinados a animais domésticos. Os muros de suporte são implantados também de forma pouco criteriosa, não contemplam áreas propícias à confortável circulação de um trator agrícola e a sua construção não resistiu às forças da natureza, encontrando-se bastante quebrados estes muros. Aqui o desafio consiste na organização do espaço, na correta implantação do novo edificado e a articulação de todo o programa pretendido, com os percursos automóvel e pedonal.



#15

**Armazém**, Fotografia do autor, 2020



#16

**Estufa**, Fotografia do autor, 2020



#17

**Anexo**, Fotografia do autor, 2020



#18

**Abrigo p/ animais**, Fotografia do autor, 2020



#19

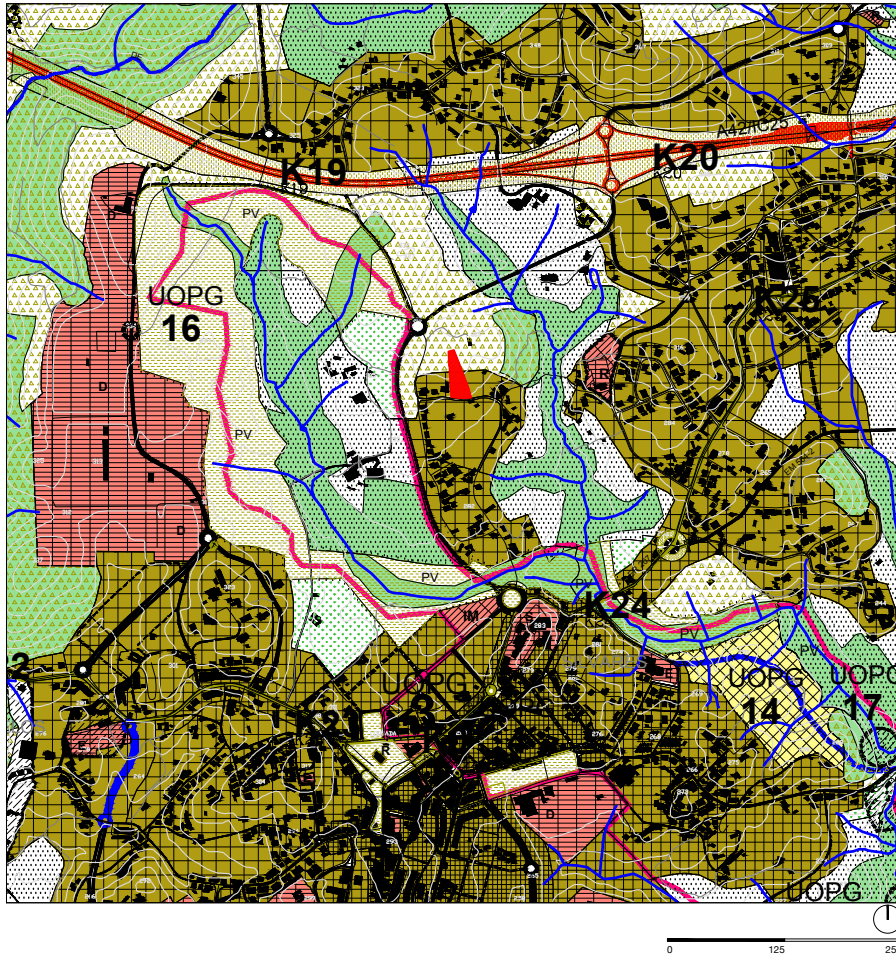
**Anexo**, Fotografia do autor, 2020



#20

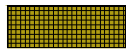
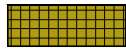
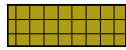
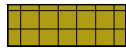


**Casa das máquinas**, Fotografia do autor, 2020








LEGENDA

SOLO URBANO

-  ESPAÇOS CENTRAIS
-  ESPAÇOS RESIDENCIAIS DE TIPO I
-  ESPAÇOS RESIDENCIAIS DE TIPO II
-  ESPAÇOS RESIDENCIAIS DE TIPO III
-  ESPAÇOS DE USO ESPECIAL \*
-  ESPAÇOS DE ACTIVIDADES ECONÓMICAS

SOLO RURAL

-  ESPAÇO AGRÍCOLA DE PRODUÇÃO
-  ESPAÇO FLORESTAL DE PRODUÇÃO
-  ESPAÇO DE USO MÚLTIPLO AGRÍCOLA E FLORESTAL

ÁREA DE INTERVENÇÃO



#21

**Extrato planta de ordenamento do PDML com identificação da área de intervenção,**  
 Fotomontagem do autor, 2020

### 3.6 Compatibilização da proposta com o PDML

Durante o processo concetual do projeto, tornou-se relevante compreender como poderíamos intervir neste local atendendo às regras impostas pelo Plano Diretor Municipal de Lousada, referentes à implantação, alinhamentos, afastamentos e áreas de construção que é necessário cumprir.

De acordo com o regulamento e a respetiva carta de ordenamento do PDML, este terreno encontra-se inserido numa área classificada como solo urbano. Está área destina-se preferencialmente à edificação de habitações unifamiliares e encontra-se abrangido pelas regras do Regime Edificatório correspondente a Espaços Residenciais do Tipo III. O artigo 21º correspondente ao Regime de Edificabilidade diz-nos que as novas construções, reconstruções ou ampliação de edifícios deverão sempre harmonizar-se com a as características dominantes do conjunto onde se inserem, respeitando na ausência de alinhamentos e altura de fachada (como é o caso do local e intervenção uma vez que não se insere num lote com implantação pré-definida), as características morfológicas e tipológicas desse conjunto. Desta forma o novo edificado deve respeitar o alinhamento dominante da frente urbana; a altura da fachada dominante; a tipologia construtiva dominante. Ainda no Artigo 21º, no ponto 2, na alínea d), é referido que é permitida a construção até dois pisos acima da cota de soleira, o índice de utilização do solo é de 0,7 e o índice de impermeabilização é também de 0,7.<sup>71</sup>

Como se pretende articular à atividade de exploração agrícola ao programa habitacional, isto obriga-nos a olhar a Secção II correspondente às disposições comuns ao solo urbano e rural, no Artigo 16º que diz respeito ao regime edificatório de edifícios anexos e dependências agrícolas. Este artigo no ponto 1 refere que estes tipos de edifícios são de função complementar à construção principal e que devem garantir uma adequada integração no local respeitando as características urbanísticas existentes, no que concerne à estética, insolação e salubridade. No ponto 2 são estabelecidas algumas diretrizes no que diz respeito à implantação deste tipo de edificado, é referido que o pé-direito não deve exceder os 2,50 metros; nas situações de habitação unifamiliar a área de construção não pode exceder 15% da área parcelada nem os 80 m<sup>2</sup> de ocupação de solo. No ponto 3 é referido que se excluem dos números anteriores, as dependências agrícolas, desde que tenham apenas um piso, que garantam a adequada integração no local de modo a não afetarem as características urbanísticas existentes, nos aspetos estéticos, de insolação e salubridade e que seja devidamente comprovado o exercício da atividade agrícola pelo requerente.<sup>72</sup>

---

<sup>71</sup> Baseado no Plano Diretor Municipal de Lousada e respetiva carta de ordenamento

<sup>72</sup> *Ibidem*.

É de notar que parte da área a Norte ainda dentro do limite do terreno, encontra-se classificada como Espaço Florestal de Produção. Esta modalidade compreende terrenos ocupados por floresta, matos ou pastagens ou outras formas de vegetação espontâneas. Nesta área não são permitidas operações de loteamento, admite-se apenas reconstrução de edifícios já existentes e sua ampliação, admite-se também a construção de instalações destinadas à produção e exploração agrícola, pecuária ou florestal desde que não se exceda o índice de utilização do solo 0,1 ou o índice de impermeabilização de 0,25. Admite-se ainda a construção para fins habitacionais, desde que o número de pisos não exceda 2 acima da cota de soleira, que o índice de utilização do solo não exceda 0,025 e que o índice de impermeabilização não exceda os 0,05. As construções neste espaço deverão garantir a preservação e valorização dos valores ambientais e um adequado enquadramento paisagístico e arquitetónico.<sup>73</sup>

---

<sup>73</sup> *Ibidem.*





#22

**Conceito da proposta**, Fotomontagem do autor, 2020

## 4 Projetar um lugar habitado

### 4.1 Do processo ao projeto

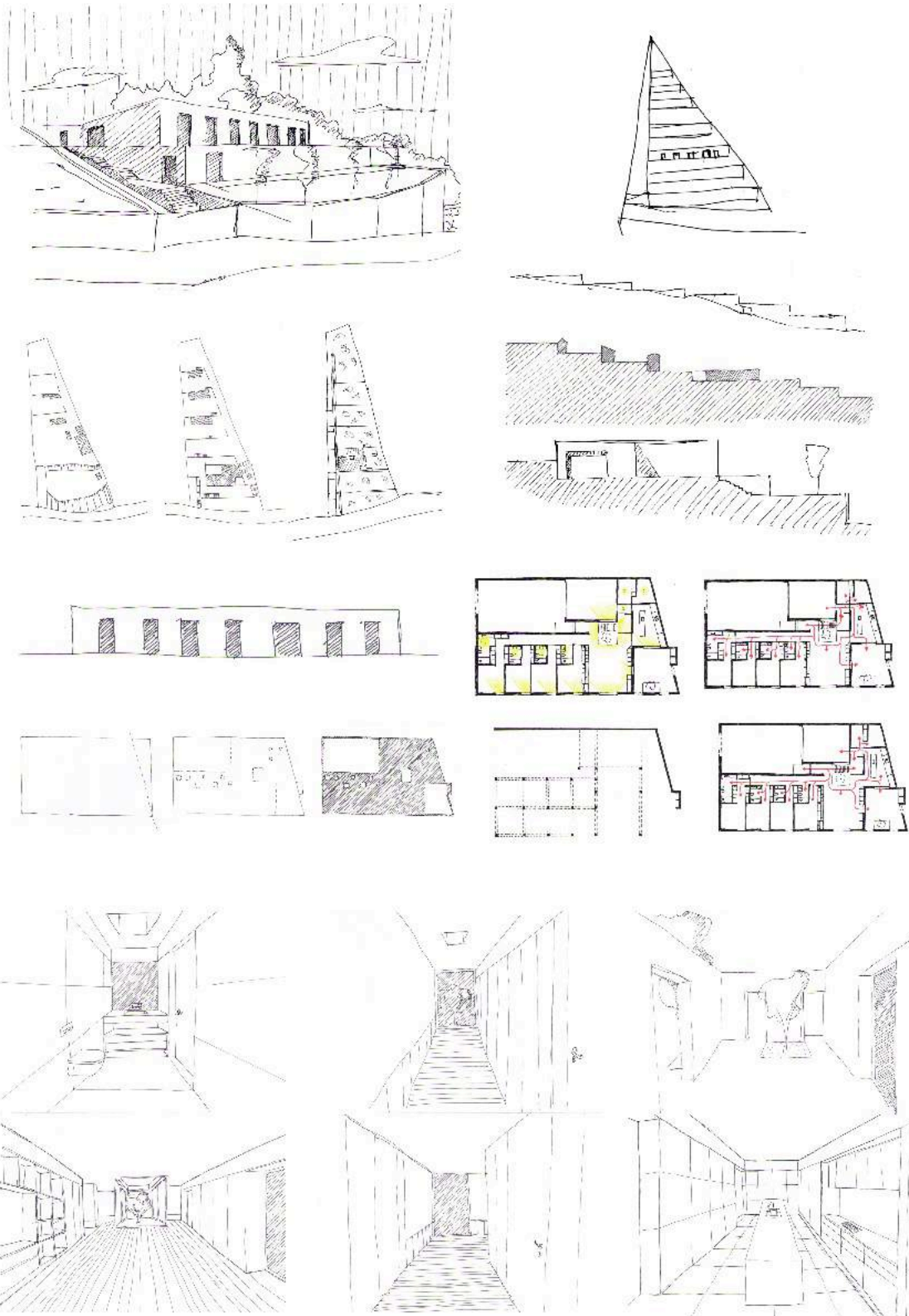
Riscar uma folha em branco é o primeiro momento que temos que enfrentar no ato de projetar. Este, reveste-se de uma liberdade de criação e mostra-se por vezes, como o momento mais difícil no processo criativo. Nesta fase podemos pensar que tudo é possível que não existem limites. Esta é, no nosso entender, uma das sensações mais agradáveis e libertadoras, permitindo uma maior experimentação e desenvolvimento de ideias, conceitos, formas e espaços, resultando numa reflexão de retrospectiva em relação aos processos anteriores. Ao encarar esta fase, denota-se a necessidade de um equilíbrio entre o conhecimento apreendido e aquele que se pretende acrescentar. Deste processo está o modo como se executa a evolução real do projeto e as suas possibilidades. Neste contexto, é possível antecipar o futuro desencadear do projeto, e definir o que é redesenhado através do passado, quer seja obtido através de um ato consciente ou não, como refere Kenneth Frampton:

“O modo pelo qual antecipamos o futuro define o significado que o passado pode ter para nós, assim como o modo pelo qual nossos ancestrais projetaram o futuro determina o âmbito das nossas possibilidades.”<sup>74</sup>

Ao encarar a “folha em branco”, deparamo-nos com momentos tempestuosos no processo de projeto, como projeções espontâneas e aleatórias de um aglomerado de matéria apreendida instantaneamente pelo nosso cérebro, como imagens de projetos já realizados, referências de outros arquitetos que tanto admiramos, ou referências para além da arquitetura. No meio deste processo, de aleatoriedade de imagens e referências, surgem noções que servem como diretrizes intervenientes no projeto. Estas noções podem surgir de uma frase que se ouviu por parte do cliente, uma sugestão de um colega de trabalho, uma referência do local de intervenção, ou uma observação própria. Esta noção dá origem a uma nova interpretação da possível direção do projeto.

---

<sup>74</sup> Tradução do autor. No original: “*The way in which we anticipate the future defines the meaning that the past can have for us, just the way in which our ancestors projected the future determines our own range of possibilities.*”, Frampton, Kenneth, *Studies in Tectonic Culture*, Chicago: Graham Foundation for Advanced Studies in the Fine Arts, 1995. p. 24.



#23

Esquissos iniciais da proposta, Desenho do autor, 2020

“O primeiro passo, quase sempre, é apresentado em forma de esquisso. Às vezes este esquisso é já, quase, o final, o xeque-mate, a obra. Está tudo ali. Só falta trabalhar, jogar. Outras vezes mostra as marcas da indecisão e da procura, alguma timidez. Gesto de distração ou tentativa de apropriação do espaço, para, na jogada seguinte, abandonar e tentar outras estratégias, outras jogadas.”<sup>75</sup>

O desenho dos processos de transformação de arquitetura é “[...] um espelho da nossa alma, refletem-nos Presentes, Passados e mesmo Futuros.”<sup>76</sup> Existe uma conexão direta entre o desenho e a identidade da pessoa, as suas convicções, a sua forma de pensar e sentir.

Os esquissos contêm um claro propósito do que se pretendia com a intervenção, servindo cada um deles de fundamento à proposta emergente. Não pretendemos atribuir ao esquisso a definição de projeto já realizado, contudo a sua valorização é tida no sentido da sua aproximação às questões que foram surgindo no desenvolvimento da dissertação. Assim em simultâneo com a teoria (parte I), a análise da situação (parte II) e o projeto (parte III) tornou-se possível deparar com os problemas e dificuldades de projetar algo para a família, num lugar controverso. Por outro lado, o projetar para a familiar trouxe os seus benefícios, por ser possível observar como cada um vive, o que cada um gosta e como cada um sente o espaço. É importante entender que as influências da família, por vezes, não são as mais adequadas ao projeto, mas estas são igualmente vivências do arquiteto, ou seja, construir um habitat para pessoas diferentes, com diversas e específicas necessidades.

Em relação ao lugar foi de difícil interiorização do terreno, pelas razões já clarificadas, mas fez-se compreender a paisagem, que comporta uma heterogeneidade, complexa por vezes, mas com a qual os arquitetos têm que lidar, no sentido de garantir um habitar de qualidade, quer seja ao nível da escala da habitação, quer seja ao nível da inserção do edificado na paisagem. Os lugares são como diamantes em bruto, à espera de serem lapidados, possibilitam que os modelemos segundo o nosso sentido humano. A abordagem ao lugar e ao programa pretendido foi como uma evolução da sensibilidade e entendimento das suas necessidades e qualidades. No decorrer do processo concetual, o pensamento passou pelo recordar de muitos projetos, pelo entender da pertinência e contribuição e pela adoção dessas referências no ato de projetar.

“A esperança no futuro está enraizada na memória do passado, pois sem memória não há história nem conhecimento. Passado, presente e futuro, memória e profecia estão entrelaçadas em um todo contínuo.”<sup>77</sup>

---

<sup>75</sup> Castanheira, Carlos, Celebrando Siza, *Começar com as Brancas*, em Espaço de Arquitetura [Online] Disponível em: <https://espacodearquitetura.com/noticias/celebrando-siza/> [acedido em 2020-07-12]

<sup>76</sup> Seixas, João, *Paisagens com Asfalto e Plano de Vertigem em Fundo Azul*, apud Costa, Pedro Campos, p.70

<sup>77</sup> Rogers, Richard, *Architecture: a Modern View*, London: Thames and Hudson, 1991, p. 10.

## 4.2 Ponto de partida para o projeto

Nos esquissos iniciais, o nosso principal objetivo era tentar encontrar a zona que melhor demonstrasse as qualidades necessárias para a implantação do programa pretendido, e como este se iria integrar e dispor segundo a sua função, orientação, afastamentos, os pontos cardeais e relação com a paisagem.

Devido à acentuada pendente e a intencionalidade de adaptação observada do mesmo em anteriores movimentos de terra, houve uma tendência natural para dar continuidade à modelação e estratificar o programa funcional em diversos socalcos ou leiras.

Dada a exposição solar relativamente aos pontos cardeais e a obrigatoriedade por parte do regulamento do PDML, a implantação da habitação foi pensada no decorrer do alinhamento da fachada da casa situada no terreno confrontante a Oeste, onde se pretendia direccionar todos os vãos a Sul, direccionados desta forma, tirando partido assim da exposição solar ao longo do dia e da heterogenia da paisagem.

O primeiro conjunto de esquissos demarca a procura de um ponto no terreno, aqui começa-se a clarificar a relação com o natural, a organização funcional segundo as exigências do PDML, os níveis de privacidade, e a relação com o lugar pré-existente.

Num segundo momento procurou-se entender as relações de proximidade com o ambiente natural da envolvente. Deparamo-nos a Norte e a Este com uma grande extensão de floresta, onde podemos encontrar alguns sobreiros, pinheiros e eucalipto de grande porte que sombreiam este local em quase toda a sua extensão durante o período matinal, a Sul, numa relação topográfica mais baixa, após a rua do Alto com uma extensa vinha e terrenos de cultivo, onde podemos observar o controlo e ordenamento por parte da ação humana sobre a paisagem natural e a Oeste com a propriedade confrontante, onde se localiza uma área híbrida entre floresta e cultivo, onde se localizam grandes eucaliptos que sombreiam mais a Norte do local da habitação, mais ao final do dia.

A posição onde se colocava a habitação permitiu estabelecer uma relação de anonimato em relação à paisagem envolvente, onde é possível tirar partido de toda a paisagem sem o obstrução visual por parte deste edifício, a sua orientação permitiu dotá-la de grande privacidade, como era pretendido, uma vez que esta se direccionava a Sul para a paisagem, local que pela sua elevação em relação à topografia e a inexistência de construção na sua frontalidade permitiu que não houvesse um contacto entre observadores. Desta forma o esquema funcional da casa seria conformado pelo socalco a Norte onde esta é adoçada, e permite tirar partido da abertura e abrangência paisagística a Sul. Este controlo em relação à natureza, aliava-se ao intuito por

parte do cliente de querer plantar arvoredo no entorno da habitação, consequência da intensa exposição solar, resultando assim numa envolvente natural.

“Estude a natureza, ame a natureza, fique perto da natureza. Ela nunca lhe falhará”<sup>78</sup>

Conforme vamos percecionando o espaço, após diversas visitas ao terreno, notamos alguma ausência de vegetação, em relação à sua envolvente. Esta característica confere-lhe um clima espraído, demasiado exposto, tornando-se assim um vazio natural neste lugar. Desta forma tornou-se então clara a necessidade de implantar vegetação de forma a colmar estas lacunas no que diz respeito à paisagem e ao conforto climático, vontade esta também intrínseca ao cliente.

O que era pretendido com o controle da vegetação, não era recriar uma floresta típica da região, mas sim recriar uma paisagem com características de vegetação implantada pelo homem do tipo rural. Desta forma tornou-se relevante entender os limites da dimensão e expressão da paisagem e do terreno.

---

<sup>78</sup> Tradução livre do autor. No original: “Study nature, love nature, stay close to nature. It will never fail you.” Frank Loyd Wrigth, apud Craven Jackie, *The Healthy Home*, Gloucester: Rockport Publishers, 2003, p. 8.



#24

***Douro Valley***, Katie Knorovsky



#25

***Avenue of Tombs***, Johanna Huber

### 4.3 Implantação

Como referido a topografia é um dos grandes desafios do projeto, o terreno encontra-se moldado pela construção de muros de suporte. Desta forma, o processo de intervenção parte então da paisagem construída, reinventando-a em prol de um bem maior, da melhoria dos acessos, da inserção do novo edificado, a correta conjugação dos dois elementos principais, o terreno e a obra.

A interpretação do lugar excede-se para a qualificação de um lugar melhor, mais adequado a um contexto e à sugestão que este proporciona. A génese do projeto coincide com a nova modelação escalonada do terreno. Este já possuía os socalcos e apesar de um grande esforço na tentativa de os preservar, concluímos que as proporções existentes, o estado de conservação e a sua disposição não correspondiam aos requisitos do projeto, principalmente no que diz respeito à mobilidade.

Nesta remodelação procurou-se uniformizar e estabelecer uma relação de proporção entre os socalcos, procurou-se também suavizar a inclinação da primeira rampa, que dá acesso à propriedade e à habitação, preservando a cota do terreno de 303,00 metros no limite Sul da plataforma conformada que recebe a habitação e terraplanando a restante área até ao limite Norte da mesma, baixado a cota do solo cerca de 1,50m, na zona mais alta.

Os muros de suporte são demolidos e reconstruídos com o objetivo de dotar este local de uma melhor mobilidade nos acessos às várias funções programáticas e um melhor aproveitamento das áreas de cultivo. No entanto, procurou-se aproximar a nova intervenção às cotas das anteriores terraplanagens e implantar os novos muros de suporte numa zona próxima dos já existentes no local, com o intuito de tirar proveito das terraplanagens já existentes evitando assim excessivos movimentos de terra, preservando parte da organicidade existente deste local.

A implantação da casa surge paradoxalmente entre a obra que se submete a um sítio e um sítio que se submete a uma obra, com o intuito de assim alcançar uma perfeita conjugação de um projeto no lugar. A casa insere-se num espaço negativo dentro do segundo socalco, a facha a Sul surge no alinhamento da habitação confrontante, a Este segundo as exigências do PDML.



#26

**Casa em Moledo**, Eduardo Souto Moura



#27

**Casa Toló**, Álvaro Leite Siza

A casa surge assim como um abrigo, uma caverna, disfarçada pela própria natureza, assumindo a estereotomia do socalco. Formalmente, a ideia do estereotómico que Alberto Campo Baeza descreve:

“Entendemos por arquitetura estereotómica aquela em que a gravidade se transite de uma forma contínua, através de um sistema estrutural contínuo onde a continuidade construtiva é completa. É a arquitetura maciça, pétrea, pesada. A que assenta sobre a terra como se dela nascesse. É a arquitetura que procura a luz, que perfura as paredes para que a luz penetre. É a arquitetura do *podium*, do embasamento. A arquitetura do estilóbato. Em suma a arquitetura da caverna.”<sup>79</sup>

A sua presença apenas se faz notar pela perfuração dos vãos correspondentes às áreas internas. Dentro da lógica de integração na paisagem procurou-se atingir o auge de depuração formal, reduzindo os elementos arquitetónicos ao essencial (portas e janelas), mesmo a cobertura encontra-se dissimulada pela paisagem. Optou-se pela utilização de uma cobertura verde onde apenas é visível o contorno da casa pela expressão das platibandas.

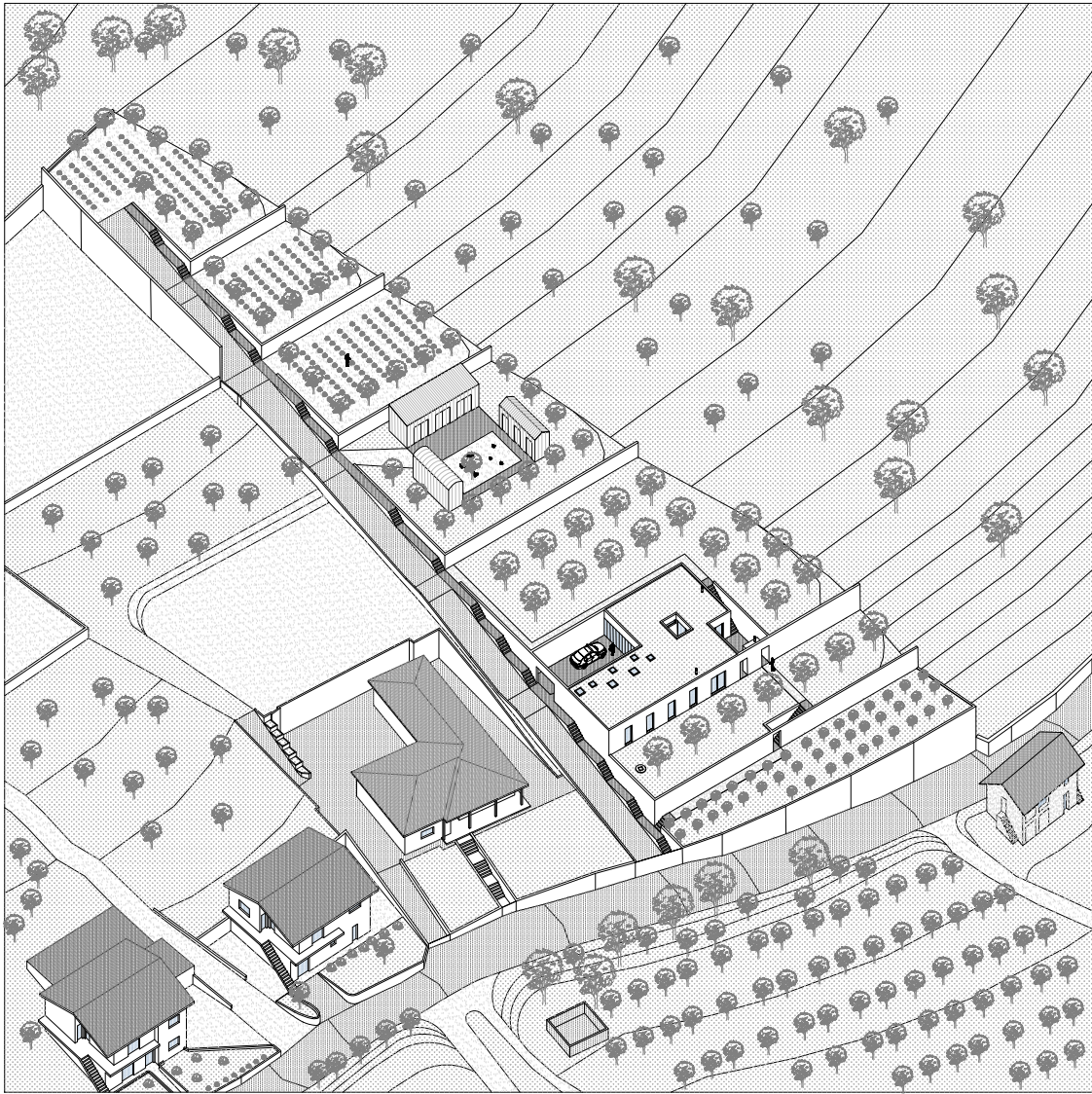
O restante edificado (a estufa, o armazém, o abrigo para animais domésticos), implanta-se sobre o quarto socalco, a sua forma é assumida, ou seja, não é dissimulada num socalco, e a sua lógica construtiva baseia-se numa ideia distinta da casa. Estes volumes são baseados numa solução construtiva tectónica, na arquitetura da cabana, a sua forma é materializada através de pórticos estruturais e revestidos a painéis. Optou-se por assumir esta lógica construtiva porque se pretendia uma construção de carácter mais efémero, podendo ser facilmente desmontada do local, quando assim se pretendesse. Formalmente, a ideia do estereotómico que Alberto Campo Baeza descreve:

Entendamos por arquitetura tectónica aquela em que a gravidade se transmite de uma forma descontínua, num sistema estrutural com nós onde a construção é sincopada. É a arquitetura óssea, lenhosa, leve, que repousa sobre a terra, como que se erguendo-se em pontas. É a arquitetura que se defende da luz, que tem de velar seus vãos para controlar a luz que a inunda. É a arquitetura da casca. A do ábaco. Em suma, a arquitetura da cabana.<sup>80</sup>

---

<sup>79</sup> Baeza, Alberto Campo, *A ideia construída*, Casa de Cambra: Caleidoscópio, 2013, p.67.

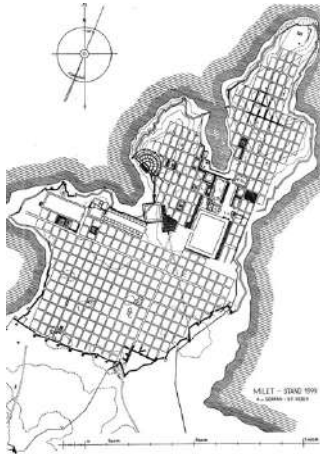
<sup>80</sup> *Ibidem*, p.68.



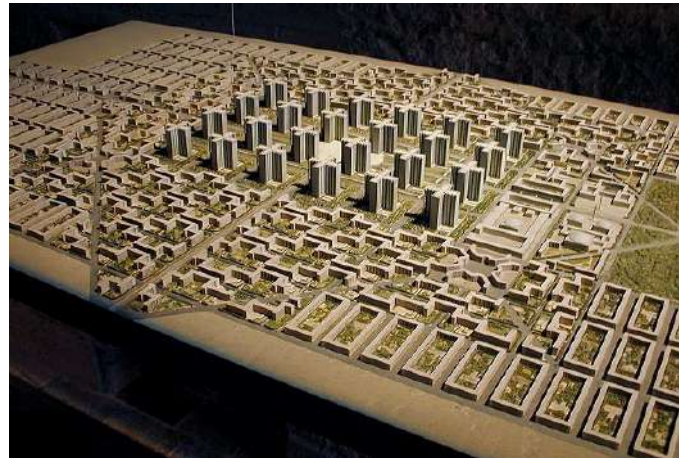
#28

**Axonometria da intervenção**, Desenho do autor, 2020



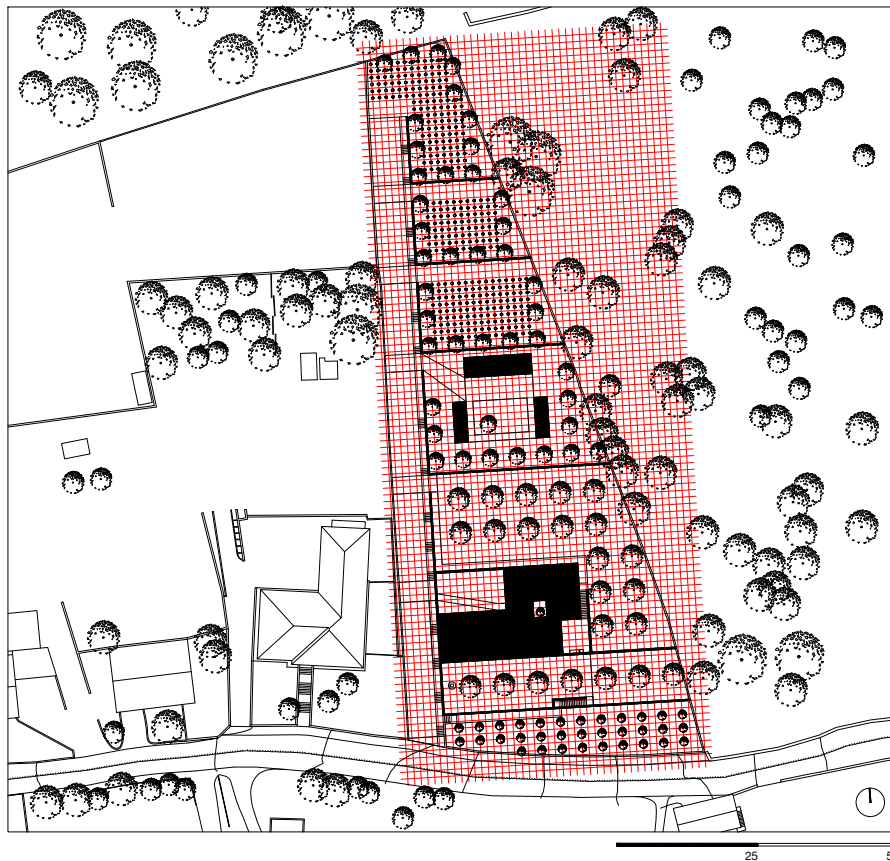


#29



#30

**Traçado de Hipodamo, Mileto, 479 a.C. Cidade de Três Milhões de Habitantes, Le Corbusier, 1922**



■ Implantação edificado

#31

**Composição métrica na implantação do edificado, Desenho do autor, 2020**

## 4.4 Conceção racional e composição métrica

A composição relativa à implantação e organização do programa edificado surge a partir de um raciocínio lógico-racional, de um processo matemático, onde se procurou articular e unificar todo o conjunto de edifícios e os diversos percursos, através de uma relação de proporção, onde se recorre à forma geométrica pura e aos eixos ortogonais, como podemos observar no traçado greco-romano de Hipodamo de Mileto, e mais recentemente na Cidade de Três Milhões de Le Corbusier.

Esta lógica surge numa procura de estabelecer uma relação entre proporções e estruturar o conjunto edificado, definir a sua estrutura, os percursos exteriores, os pátios da habitação, as dimensões internas dos espaços, atendendo a uma métrica estruturante da intervenção. Esta métrica ou tecido está subjacente ao projeto como malha ou matriz que revela uma forma de estruturar e relacionar todo o conjunto.

Durante o processo de projeto, foram ensaiadas diferentes medidas para distintas funções, numa tentativa de encontrar uma métrica comum, que regulamentasse os afastamentos entre espaços, percursos e as suas dimensões. Assim, não foi nosso objetivo seccionar os espaços, de forma mais isolada, mas sim a criação de um percurso sequencial, na realização de uma malha ortogonal. Esta foi a solução que achamos ser a mais adequada para relacionar os diferentes programas e espaços interiores e exteriores, agregados em proporção entre si e a envolvente.

Esta composição foi sofrendo acertos relativos a alinhamentos, funções e afastamentos do limite de terreno e entre as várias funções programáticas. As distâncias criam espaços, os quais podem criar relações de composição diversas, pela proporção, aproximação, destaque, contenção, equilíbrio, harmonia. É com as distâncias que se estrutura e relaciona as partes diferentes do terreno e do projeto.

“Compor é como jogar xadrez. É necessário pensar muito antes de fazer a jogada de abertura porque, se esta não for exata, se não for a necessária ou, se quisermos, se não fizer parte de um restrito número de escolhas compatíveis com o programa predefinido, é preciso começar de novo. Pensar durante muito tempo serve para organizar os dados funcionais e as intenções formais em sínteses eficazes, em ideias-força dotadas da capacidade de informar de si todo o ciclo do projeto.”<sup>81</sup>

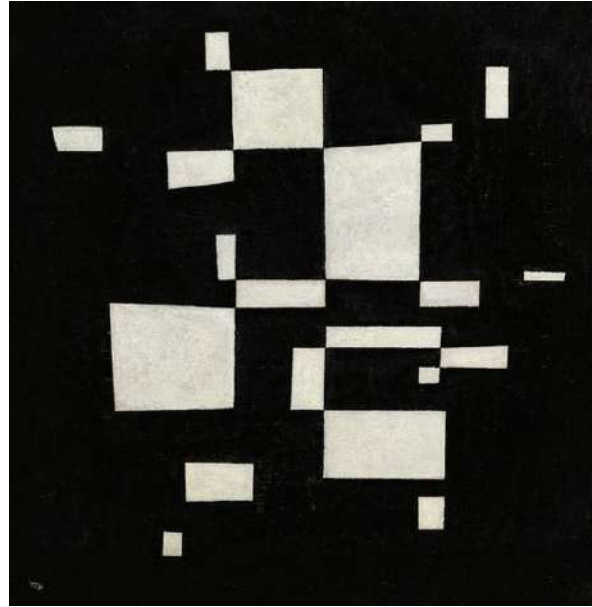
---

<sup>81</sup> Purini, Franco, *Compor a Arquitectura*, Lisboa: ACD Editores & FAL, 2009, p. 21.



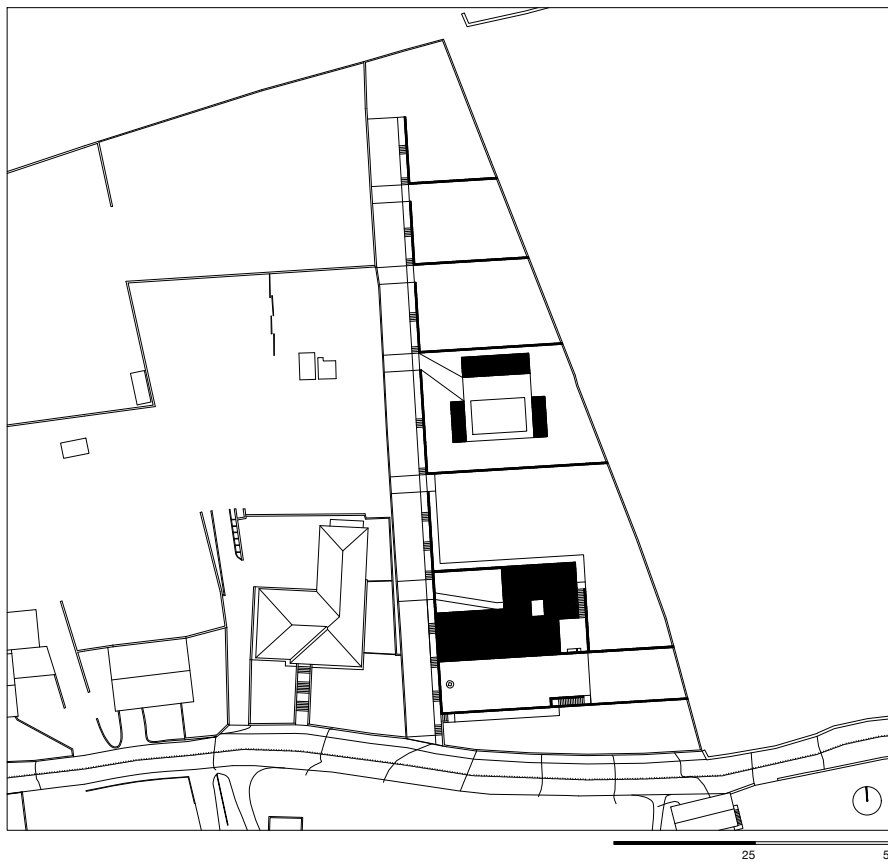
#32

**Suprematismo com 8 retângulos vermelhos),**  
Kazimir Malevich, 2020



#33

**Branco no preto, Wassily Kandinsky, 1930**



■ Implantação edificado

#34

**Composição do edificado, Desenho do autor, 2020**

Deste modo, foi determinada uma grelha métrica de 1,20 metros por 1,20 metros, que gera a implantação e estrutura de todo o edificado, os perfis dos percursos exteriores, a implantação da vegetação, a composição dos alçados, as juntas dos materiais, as dimensões dos espaços internos da habitação, assim como a definição do mobiliário fixo.

Esta composição do projeto foi adequada à escala do terreno, a partir de um jogo clássico com base em relações de proporções métricas e alinhamentos, muito presente nas obras de Kazimir Malevich e Wassily Kandinsky, em que “é a ordem dos equilíbrios internos da imagem; uma ordem de ‘fatores pictóricos’, a qual, como acontecia na arquitetura clássica, contém as relações numéricas e formais, o equilíbrio das partes e a harmonia do conjunto.”<sup>82</sup>

De certa forma, os alinhamentos, os espaços cheios e vazios, o dinamismo das torções e a relação de proporção eram fatores fundamentais da composição pictórica, como acontecia também na representação realista, apesar de estes preceitos relacionados com composição se encontrarem dissimulados, ou não tão perceptíveis, entre as formas e cenários.

Nas pinturas eram atribuídas torções para induzir dinamismo, métricas como forma de regular o espaço dentro da tela, equilíbrio para criar harmonia e alinhamentos para orientar a composição. Estes elementos que passavam despercebidos em anteriores obras de pintura de Malevich e Kandinsky, foram evidenciados mais tarde com nas suas composições pictóricas. Da mesma forma na arquitetura, a partir do estudo de arquiteturas vernaculares foram-se evidenciando parâmetros de métrica, com recurso à medida de palmos de harmonia entre proporções, mesmo entre edifícios de características diferentes.

Nos parâmetros de relação entre composição em arquitetura e pintura, podia-se ter optado pela utilização de formas paramétricas, curvilíneas ou fluidas, de modo a salientar a mesma base. Contudo entendeu-se que essas formas não estabelecem uma intenção de relação com a envolvente retangular, como é o caso da habitação confrontante. A partir da análise e observação de algumas das arquiteturas vernaculares do nosso núcleo geográfico, foram-se evidenciando parâmetros de utilização da métrica, com recurso à medida de palmos de harmonia entre proporções, mesmo entre edifícios dispares.

---

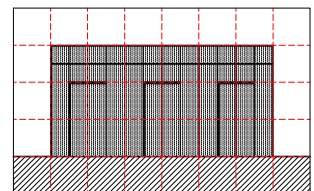
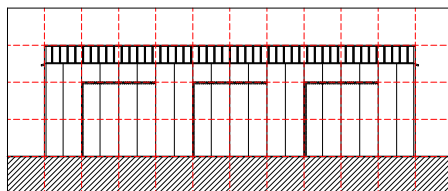
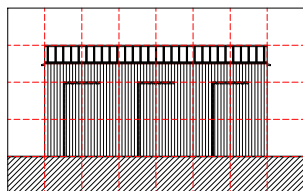
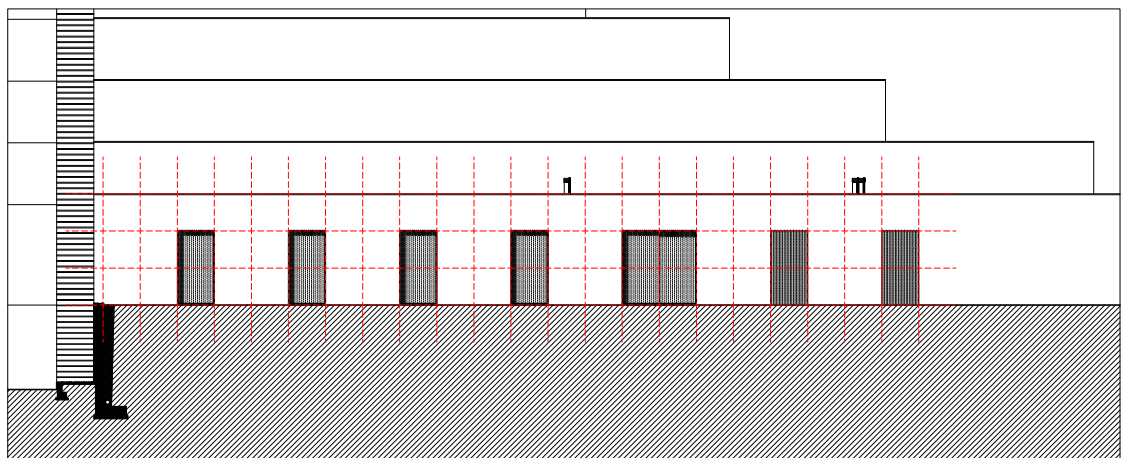
<sup>82</sup> Sproccati, Sandro, *Guia de História da Arte*, Editorial Presença, Lisboa 1994, pág.178.



#35  
**Entrada de uma casa. Caição,**  
 Salvaterra de Magos, Santarém.



#36  
**Melancholia,** Giorgio de Chirico, 1912



5 10

#37  
**Composição métrica nos alçados do conjunto edificado,** Desenho do autor, 2020

“Acho que as estruturas fluidas, como as cascas, têm um uso muito limitado. Na realidade são estruturas abertas. Ao contruir-se um edifício de um andar, pode-se fazer, mais ou menos o que se quer; talvez num edifício de dois, ou, inclusive de três; depois acaba-se. Um espaço retangular é um bom espaço, talvez muito melhor que um fluido.”<sup>83</sup>

Esta lógica compositiva estende-se aos alçados, com base num pensamento racional formal em que o edificado é idealizado segundo a sua forma final. A composição dos elementos arquitetónicos surge como inspiração na arquitetura clássica, greco-romana, através da conjugação dos elementos primários da construção, com recurso a novos materiais e técnicas construtivas, características da contemporaneidade. Através destas técnicas e composição dos elementos construtivos procurou-se atingir a clareza formal e compositiva, característica também da arquitetura tradicional portuguesa.

Ordem e forma são o elemento principal, na modelação do conjunto e a sua nitidez resulta do uso de princípios geométricos que definem todos os aspetos dos edifícios. Com base em regras rígidas, o ritmo foi definido e os módulos espaciais construídos. Módulos estes que controlam os alçados e toda a composição interna, permitindo controlar a dinâmica espacial da casa e do conjunto de edifícios anexos, permitindo controlar toda a dinâmica rítmica e matemática entre os elementos das paredes, portas e aberturas dos vãos.

A ordem geométrica introduz a sensação de compreensão, controle e introduz harmonia na sua pluralidade. Através desta lógica formal pretende-se alcançar uma arquitetura intemporal, uma arquitetura que “hoje e amanhã” atenda aos requisitos que se propôs realizar “ontem”. Procura-se a essência da arquitetura escondido no intemporal, universal, formas reconhecíveis baseadas em regras sólidas e claras que trazem ordem ao caótico e contexto arquitetónico.

A abertura dos vãos é feita segundo uma lógica de perfuração, onde é evidenciada a normalidade da porta. No pano da fachada Sul da habitação podemos observar essa lógica, os vãos de menor dimensão têm como medida 1,20 x 2,40 m, apenas o vão referente à sala adquire maior expressão, sendo esta pontuada por um vão de 2,40 x 2,40 de dimensão.

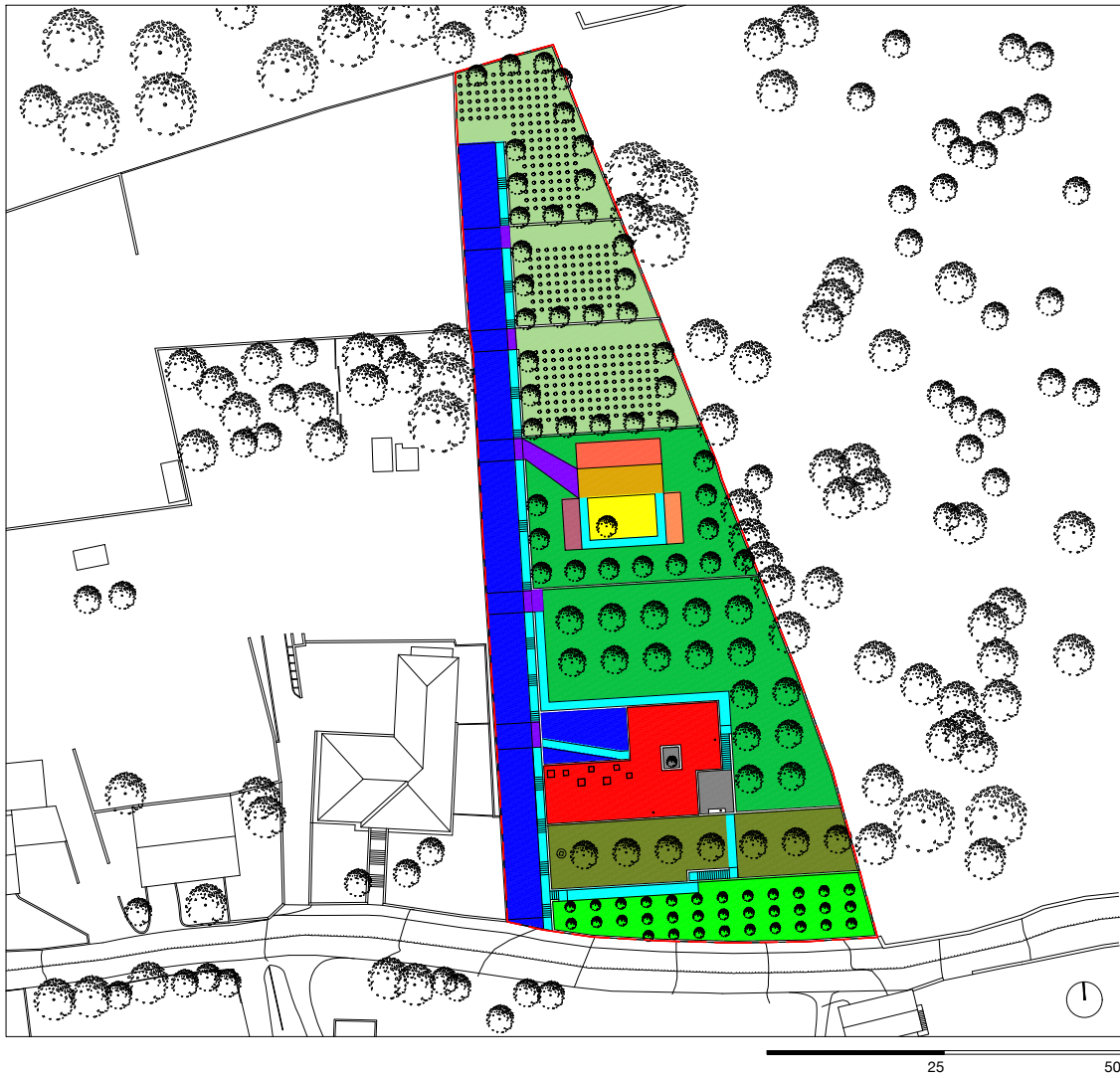
Apesar da lógica de integração e formal da casa ser diferente do restante conjunto edificado, através da relação de proporção, métrica e dimensão da abertura de vãos, cria-se uma relação de afinidade entre estes volumes. Os volumes da estufa e do abrigo, comportam a mesma dimensão de vão de 1,20 x 2,40 m, com um afastamento de 2,40 m entre eles. Estes volumes

---

<sup>83</sup> Tradução livre do autor. No original: “*Creo que las estructuras fluidas, como las cáscaras, tienen un uso muy limitado. En realidad, se trata de estructuras abiertas. Si construyes un edificio de una planta, puedes hacer más o menos lo que quieras; quizá lo puedas hacer hasta cierto nivel, en un edificio de dos, incluso de tres plantas. Un espacio rectangular es un buen espacio, quizá mucho mejor que uno fluido.*” Rohe, Ludwig Mies van der *apud* Punte, Moisés, *Conversaciones con Mies Van Der Rohe*, Barcelona: Gustavo Gilli, 2006, p.37.

apenas diferem na secção prismática, o abrigo é descrito pela forma arquétipo da casa, um triângulo sobre um quadrado, enquanto a estufa recorreu-se à forma mais reconhecível, atendendo à norma formal das estufas encontradas neste local, um semicírculo sobre um quadrado. No armazém a lógica métrica repete-se, mas com dimensão de vão diferentes, pois tem de atender a diferentes necessidades. Os vãos comportam uma dimensão de 2,40 m x 2,40 m, pois era necessário a dimensão adequada à passagem de um pequeno trator agrícola. Devido à sua função de armazenagem, recorreu-se à forma que descreve o arquétipo de uma nave industrial, cobertura de uma água, um triangulo retângulos sobre um quadrado.





- |  |  |  |
|--|--|--|
| <span style="color: cyan;">■</span> Acesso pedonal               | <span style="color: red;">■</span> Habitação | <span style="color: orange;">■</span> Abrigo p/ animais domésticos |
| <span style="color: blue;">■</span> Acesso automóvel             | <span style="color: grey;">■</span> Pátios   | <span style="color: yellow;">■</span> Eira                         |
| <span style="color: purple;">■</span> Acesso pedonal + automóvel | <span style="color: green;">■</span> Pomar   | <span style="color: gold;">■</span> Picadeiro                      |
| <span style="color: lightgreen;">■</span> Olival                 | <span style="color: brown;">■</span> Armazém | <span style="color: lightgrey;">■</span> Horto                     |
| <span style="color: olive;">■</span> Jardim                      | <span style="color: pink;">■</span> Estufa   |  |

#38

Organização do programa da propriedade agrícola, Desenho do autor, 2020

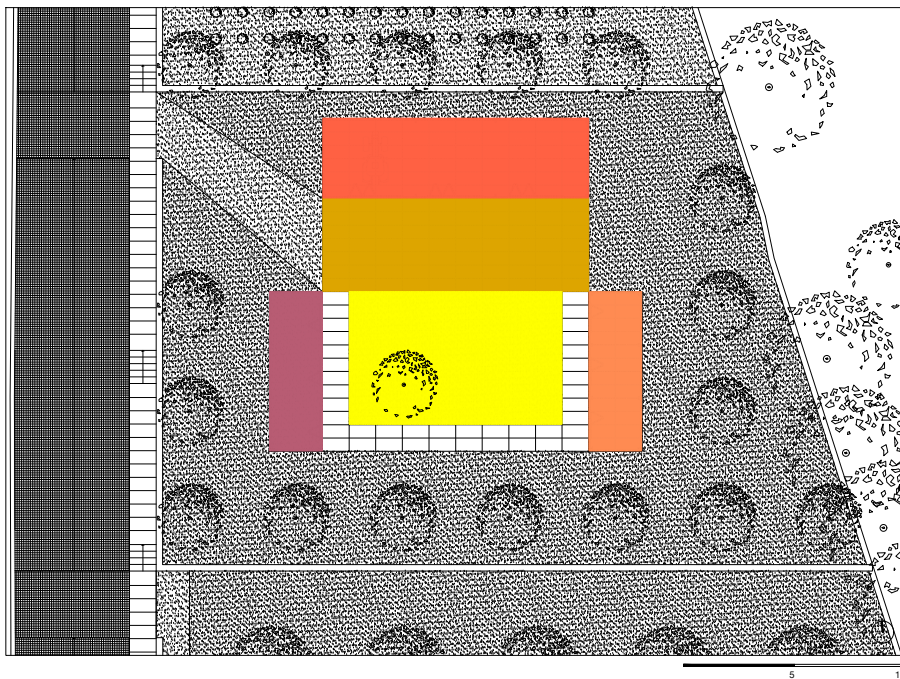
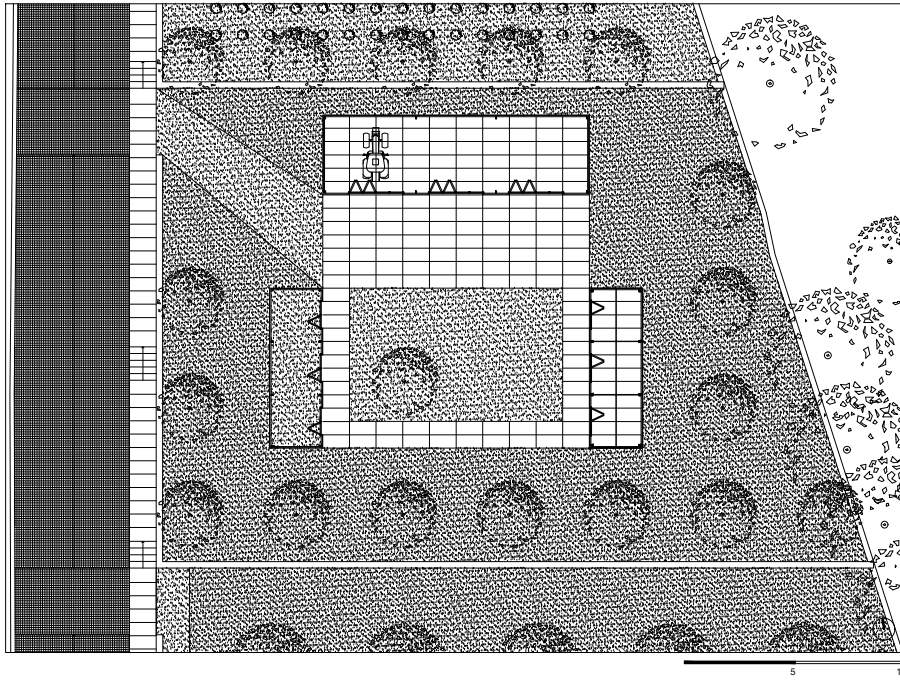
## 4.5 Lógica funcional

O projeto é constituído essencialmente por dois programas: laboral (exploração agrícola) e doméstico (casa). Pretendia-se evidenciar uma integração entre os dois programas pelo desenho que relacionasse o espaço laboral com o espaço doméstico na correta articulação destas funções, atendendo às suas necessidades particulares.






O sistema criado estratifica-se ao longo das diversas plataformas do terreno, a partir da zona de entrada a Sul da propriedade, até ao seu limite Norte. O acesso às diversas plataformas é feito a partir de um eixo estruturante dos percursos, situado no extremo Oeste da propriedade, em que a partir de ligações perpendiculares é possível aceder às distintas funções. Este eixo comporta a mobilidade automóvel e pedonal, pois a acentuada pendente obrigou a esta distinção entre percursos, as rampas superavam a inclinação mínima admitida para a mobilidade pedonal.

Desta forma o programa encontra-se distribuído em 7 socalcos, o primeiro corresponde a uma área destinada à plantação de um olival, por sugestão do cliente. Nesta zona não se pretendia um tipo de exploração que exigisse muita manutenção e a implantação de oliveiras surge como solução, uma vez que este tipo de árvore é de crescimento demorado e a colheita da azeitona é de simples execução. Os acessos a este local são feitos a partir de uma zona próxima da entrada da propriedade, após subir o primeiro lance de escadas, ou a partir do jardim da plataforma da habitação, após descer um lance de escadas que interliga os dois espaços através de um percurso de gravilha.

A habitação assenta no segundo socalco e o seu acesso é feito a partir da rampa automóvel, a partir do olival, ou a partir do pomar, através de percursos em gravilha e o acesso ao espaço interior é feito a partir do átrio de chegada, que após a passagem pelo pórtico dá acesso ao vestíbulo de entrada ou à zona de garagem automóvel. Também é possível aceder à casa a partir do pátio social, onde se encontra um acesso à cozinha e à sala a partir de uma porta de vidro. Estes, são espaços intermediadores na relação entre o ambiente envolvente exterior e o espaço interior da habitação, onde após a sua passagem, somos abduzidos para uma atmosfera íntima correspondente ao ambiente do lar. Na zona frontal da habitação propõe-se a implantação de cerejeiras. Estas são árvores de folha caduca e são implementadas como medida sustentável, com o objetivo de controlar a exposição solar e gerir os ganhos térmicos ao longo das estações sazonais.



Dependências agrícolas

- |  |   |
|--|---|
|  Abrigo p/ animais domésticos |  Eira      |
|  Armazém                      |  Picadeiro |
|  Estufa                       |   |

#39

Tipologia e organização das dependências agrícolas, Desenho do autor, 2020

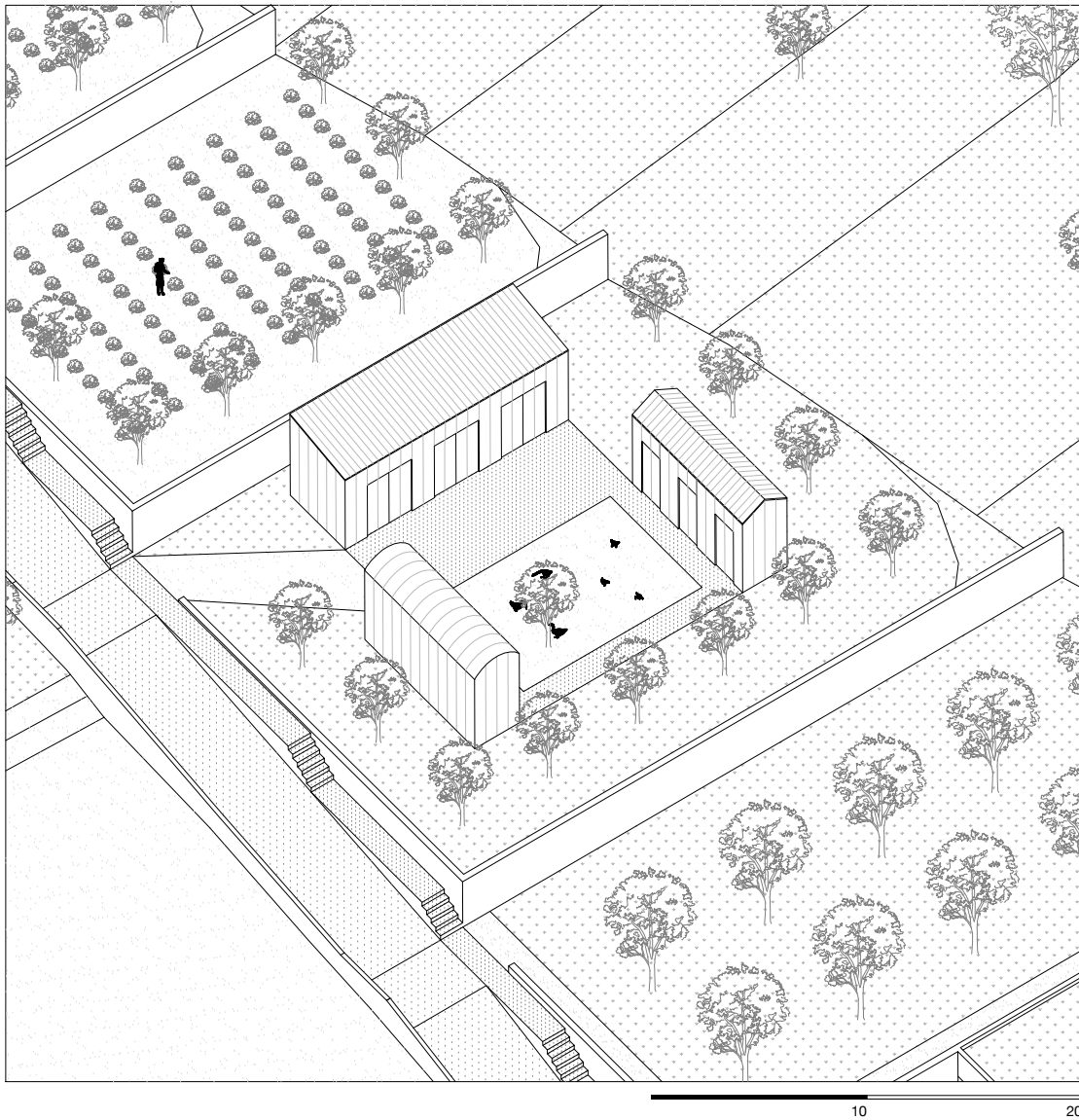
O pomar situa-se no terceiro socalco, ao nível da cobertura da habitação. Optou-se por transplantar todas as árvores de fruto, situadas no limite Norte do terreno e localiza-las neste espaço, com o intuito de criar uma barreira natural, uma separação entre a componente laboral e o espaço doméstico. Este espaço é acessível a partir do pátio social da habitação, através de uma escada ou a partir do eixo principal de acessibilidade.

O 4º socalco destina-se a receber as dependências agrícolas: o armazém; a eira; a estufa; o abrigo para animais domésticos; o picadeiro. Este conjunto de edifícios e espaços é fundamental para o correto funcionamento desta atividade no local. Na implantação destes volumes procurou-se não ultrapassar a área de 80m<sup>2</sup> prevista pelo PDML, na alínea referente a edifícios anexos, a sua área conjunta é de 77,6m<sup>2</sup>. Apesar desta área de implantação poder ser ultrapassada caso se comprovasse efetivamente o uso deste local para a atividade agrícola, não achamos que fosse necessário, tendo em conta as necessidades funcionais. Também não se pretendia a implantação de um conjunto de edifícios demasiado imponentes, procurou-se a correta dimensão, proporção e composição, que resultasse numa relação de harmonia com a envolvente, de forma que este conjunto não ultrapassasse a sua importância no que diz respeito à sua função enquanto conjunto de edifícios anexos.

O objetivo de localizar estes edifícios próximos uns dos outros e interliga-los através de um percurso em lajetas de granito, justifica-se pela comodidade funcional, tanto a estufa como o abrigo para animais domésticos dependem do armazém para o seu funcionamento, a estufa devido às ferramentas necessárias para tratar as culturas e o abrigo devido à necessidade de alimentação dos animais e da necessidade de utilização de ferramentas para a manutenção e limpeza no seu interior.

Um dos primeiros critérios a ter em conta para o dimensionamento do armazém, foi a dimensão de um pequeno trator agrícola de 2,40 x 1,15 m de dimensão, para definir a abertura dos vãos. O restante espaço deste anexo serve para albergar alfaias agrícolas, armazenar as colheitas como batatas, feijões, frutas, entre outros produtos hortícolas e as rações dos animais domésticos. A materialidade deste anexo foi pensada para preservar as qualidades dos produtos no seu interior, por isso optou-se pela utilização de um revestimento em painel metálico *sandwich* e a iluminação natural é feita a partir de um vão em fita na parte posterior do armazém, a Norte, com o objetivo de evitar uma elevada exposição solar e consequentemente um grande aquecimento no seu interior.

A estufa destina-se ao desenvolvimento de culturas que necessitam de condições ambientais específicas e controladas, como é o exemplo do tomate ou da alface. A opção material, o revestimento em painéis de policarbonato, foi pensada pelas propriedades translúcidas necessárias ao correto desenvolvimento das culturas neste espaço e à durabilidade material em relação ao filme plástico.



#40

**Axonometria dos edifícios anexos, Desenho do autor, 2020**

O abrigo para animais domésticos encontra-se compartimentado em 3 secções, pois essencialmente destina-se à criação de galinhas, coelhos e patos. Optou-se pela utilização de madeira como revestimento neste espaço, por ser um material com uma elevada conotação de conforto e para reforçar a ideia de abrigo, cabana. Para a cobertura optou-se pela utilização de painel perfilado sandwich devido às suas propriedades térmicas, com o objetivo de evitar o sobreaquecimento dentro deste espaço.

A eira, situada na frente do armazém é um espaço destinado à secagem dos cereais como o feijão, o milho ou mesmo frutos como o figo, esta tipologia de espaço encontra-se muito presente na tradição vernacular. Ela localiza-se neste espaço pela comodidade de arrumação dos produtos alimentares pós-secagem, no interior do armazém.

O picadeiro é um espaço exterior destinado aos animais domésticos, com o objetivo de estes tirarem partido do ambiente exterior e da exposição solar ao longo do dia e poderem desfrutar dos insetos e da fruta que cai no chão para alimentação.

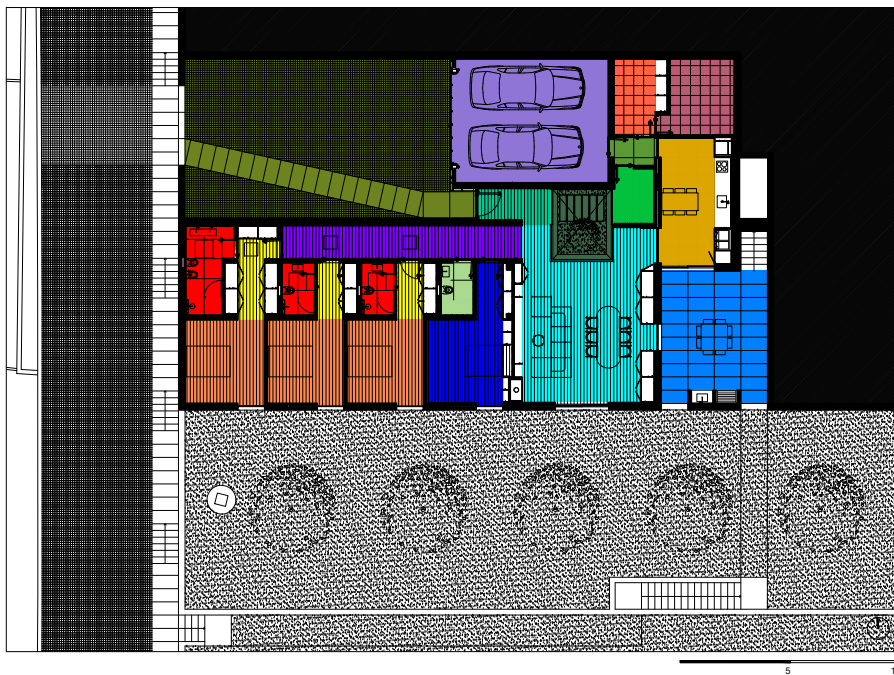
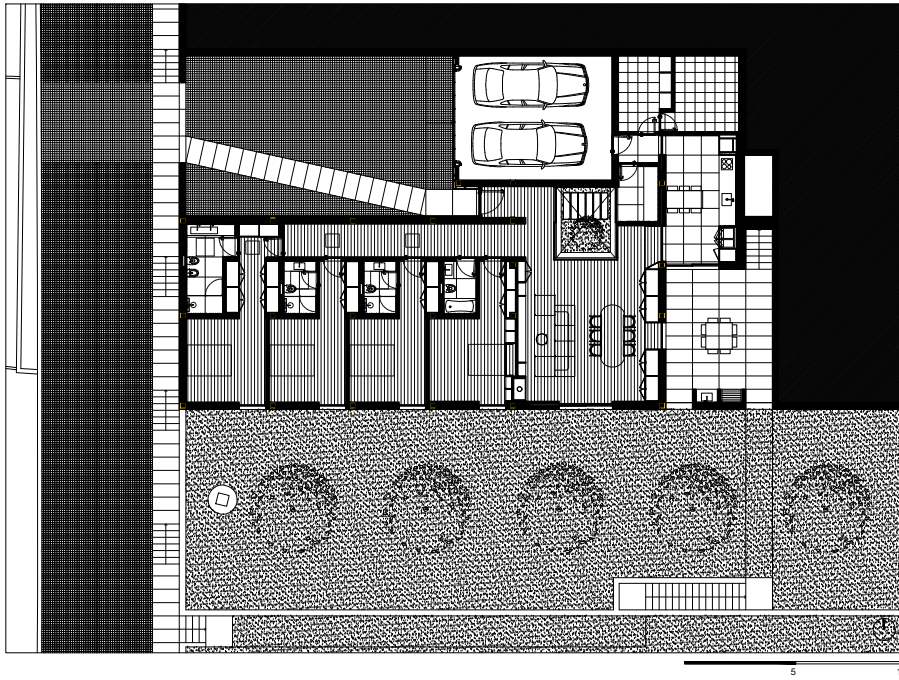
Devido à forte exposição solar, pretende-se criar uma cintura vegetal em torno das dependências com o objetivo de criar sombreamento, ao longo do período diurno. Propõe-se implantar árvores de fruto neste local, como fonte de rentabilização deste espaço tanto para colheita e consumo, como fonte de alimento para os animais domésticos proveniente das frutas que caem ao chão.

O restante programa encontra-se distribuído aos longo dos restantes 3 socalcos. Estes espaços destinam-se à plantação de produtos hortícolas sazonais, como batata, couve, feijão entre outras variedades de legumes. Procurou-se localizar estes espaços numa área afastada da habitação devido à sujidade proveniente de movimentos de terras no ato de lavrar o solo e evitar maus cheiros consequentes do ato da fertilização. Em torno destas áreas procurou-se implantar também uma cintura vegetal composta por árvores de fruto com o objetivo de criar um controlo do excesso de exposição solar neste local.

“O espaço é um dos maiores dons com que a natureza dotou os homens e que, por isso, eles têm o dever, na ordem moral, de organizar com harmonia, não esquecendo que, mesmo na ordem prática, ele não pode ser delapidado.”<sup>84</sup>

---

<sup>84</sup> Távora, Fernando, *Da organização do espaço*, Porto: FAUP, 2015, p. 27.



Zona social		Zona íntima		Zona serviços		Arrumos	Hall
Sala	Quartos	Cozinha	Área técnica	Átrio	Galeria	Antecâmara	Impluvium Luz
Biblioteca	I.S Privativa	Garagem	I.S. Serviço			Lavandaria	
Pátio social	Vestiário						

#41

Tipologia e organização funcional da habitação, Desenho do autor, 2020

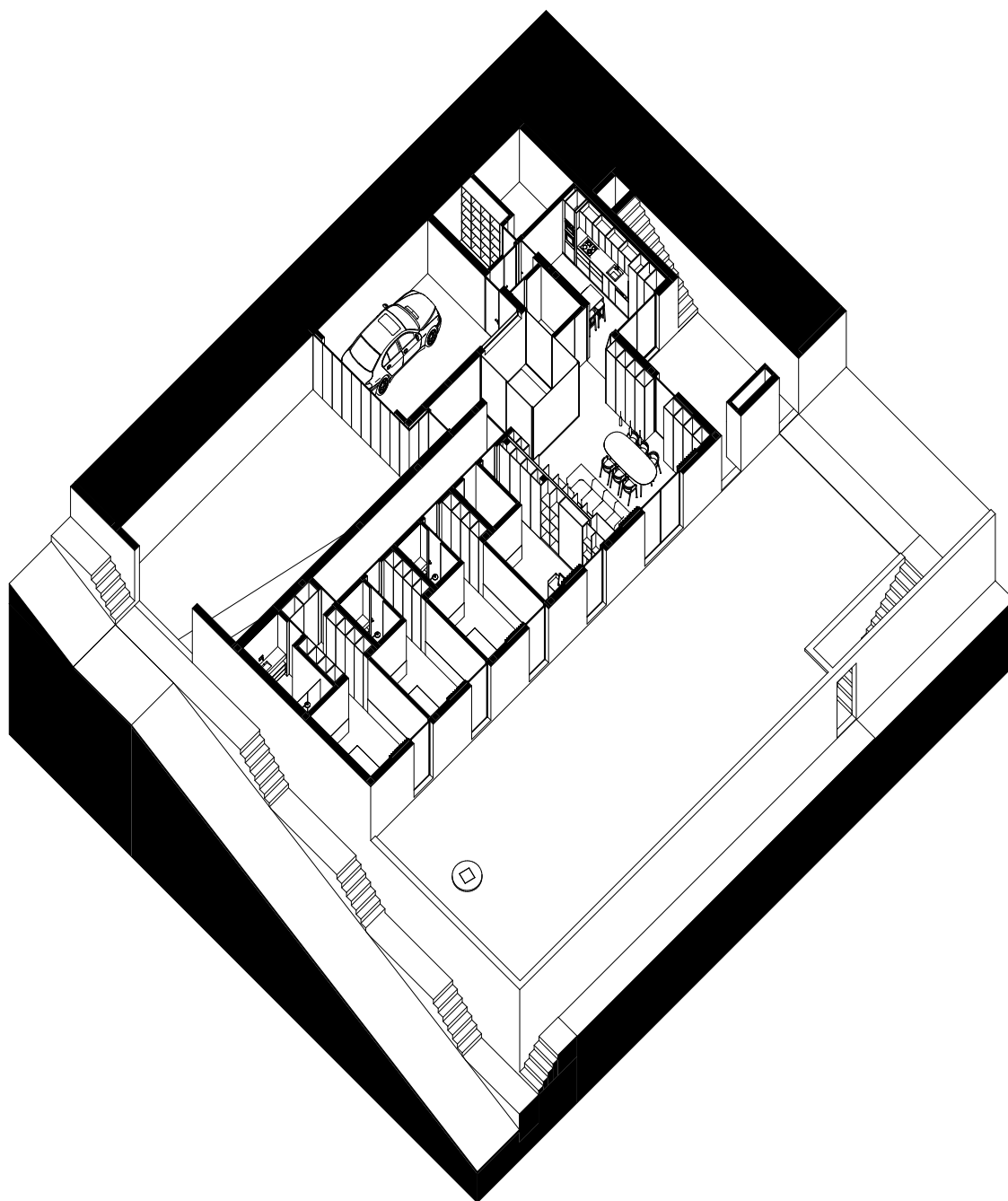
A composição tem como base uma métrica, numa procura por uma relação de afinidade entre volumes edificados, enquanto a organização é como essa composição organiza e relaciona as funções. A dificuldade na organização funcional, consiste em definir os exteriores na relação do edificado com a envolvente de forma mais adequada, no entanto a composição já comporta essa intenção. Desta forma o sistema funcional da presente proposta arquitetónica insere-se já numa composição em harmonia com a envolvente. Composição e organização complementa-se como sendo parte de intenções de adaptação, apropriação e vivência do espaço.

A casa define-se como um conjunto de espaços articulados uns em função dos outros, como um sistema compacto de espaços de estar e de percursos, consequentes dos pátios exteriores. Este sistema divide-se essencialmente em três zonas: social, íntima e serviços. A zona íntima corresponde aos quartos e respetivos vestíbulos e instalações sanitárias. A zona social é definida pela sala, biblioteca e pátio social. A zona de serviços contempla todos os espaços e infraestruturas essenciais para a resolução das necessidades específicas da família.

As funções organizam-se de forma a adquirir privacidade na relação com casa confrontante a Oeste da propriedade, e são orientadas de forma a tirar melhor partido da exposição solar, segundo a hierarquia espacial dos espaços interiores. Nesta organização privilegiou-se a exposição dos espaços de maior permanência, a sala, os quartos, a biblioteca, que se encontram organizados alinhados em sequência e direcionados a Sul, de forma a tirarem partido da exposição solar ao longo de todo o período diurno.

Os espaços internos da habitação encontram-se organizados em torno de um pátio interno, um *impluvium* luminoso. Este componente, também presente na *domus* romana, é um elemento central da habitação, que recebe quem acede a casa a partir do hall de entrada, organiza e distribui circulação, articula e ilumina os espaços internos, como a sala, hall, galeria, cozinha, lavandaria, a garagem. Através deste espaço é-nos dada percepção da passagem do tempo e do estado meteorológico, como se de um relógio natural se tratasse. Este é um elemento importante na qualificação espacial das zonas que poderiam se encontrar mais desfavorecidas na em termos de exposição solar, como a garagem que é iluminada a partir deste elemento através de um vão situado na parte superior, junto ao teto, ou da lavandaria, que é iluminada e estabelece relação direta com este espaço.

Pretendia-se que a sala fosse um espaço amplo e bastante luminoso, uma vez que este é um espaço social, que reúne família e amigos, onde se desenvolvem inúmeras atividades relacionadas com o lazer. Para o espaço da sala adotou-se o conceito de *living room*, como espaço central da casa, centro de vida familiar, espaço unitário e fluído, onde diferentes âmbitos proporcionam diferentes usos. Aqui pretende-se o desenvolvimento deste espaço e sua apropriação, como descreve Zevi:



#42

**Axonometria do interior da habitação**, Desenho do autor, 2020

“Na casa média, a sala de visitas funde-se com a sala de jantar e o escritório, o vestibulo reduz-se, em benefício da grande sala de estar, o quarto de dormir torna-se menor, os serviços especializam-se, também para conceder maior amplitude a esse grande ambiente articulado onde vive a família, ao *living room*.”<sup>85</sup>

Pretendeu-se assumir o conceito de *living room* na totalidade, como sendo um espaço unitário, contínuo, onde ocorrem três âmbitos distintos: as atividades de comer, estar, e estar à lareira, desta forma todo o lazer da família desenrola-se neste espaço.

A biblioteca habitualmente é uma área social, destinada ao estudo, à leitura, ao lazer. Porém a sua utilização passa ser de cariz íntimo quando se converte em quarto de visitas, pois comporta esta mutabilidade funcional. Esta é composta por um armário de arquivo, que se encontra logo no corredor de acesso ao espaço principal, destinado a armazenar todos os documentos referentes ao conteúdo da família, sejam os trabalhos realizados em âmbito escolar pelos filhos do casal, seja documentos referentes à prática laboral do casal. Contem também duas estantes para albergar os livros e entre elas uma cama rebatível, que alberga convidados e proporciona que estes ali pernoitem.

Os quartos são desenhados de forma racional, numa zona relativamente controlada em termos de áreas, resolvem-se os quartos individuais e o de casal, todos eles comportam um vestiário e uma instalação sanitária privativa, no quarto de casal a instalação sanitária é de maiores dimensões, pois está adaptada a mobilidade condicionada. Aqui o intuito era estabelecer uma relação de privacidade e autonomia com os restantes espaços e dinâmicas da habitação, conferindo aos quartos uma sensação de refúgio, um espaço de introspeção que comportasse a singularidade de cada indivíduo. A área destes espaços apesar de controlada, foi pensada para albergar uma secretária, que permite o estudo, a leitura, o lazer, desta forma, a sua função não se encerra apenas no descanso. Dentro destes espaços procurou-se reforçar o carácter íntimo, a iluminação é feita através de um vão (porta de vidro) de dimensões controladas (1/3 do pano da parede pela altura total do pé direito) que se encontra alinhado pelo vestiário, desta forma permite que a zona onde se localiza a cama esteja “abrigada” da frontalidade com o exterior. Neste espaço procurou-se reforçar o carácter de refúgio, adotando um pé direito mínimo de 2,40 m, qualificado este espaço com uma dimensão mais acolhedora, mais quente.

Na área dos serviços, ressalva-se a atenção na procura em resolver as necessidades específicas da família. Procurou-se localizar estas áreas: a garagem, cozinha, lavandaria, antecâmara, arrumos, área técnica, próximas umas das outras, numa volumetria compacta. A garagem ocupa uma posição em que é permitida aceder a partir do átrio de chegada, sem que a entrada automóvel ou o portão sejam notória para quem se aproxima da casa. A garagem encontra-se

---

<sup>85</sup> Zevi, Bruno, *Saber ver a arquitetura*, São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 90.

próxima da cozinha e da zona de arrumos, apenas existe a antecâmara a separar estes espaços, esta organização permite a imediata e cómoda arrumação dos bens alimentares e de produtos domésticos, como era pretendido no diálogo que se estabeleceu com o cliente.

Na cozinha procurou-se organizar todo o equipamento de forma compacta, num painel embutido na parede, onde estão localizados armários altos, armários baixos, despenseiros, fogão, forno, frigorífico, máquina de lavar louça, de modo que a sua funcionalidade seja garantida e a sua capacidade de uso e apropriação sejam potenciadas, dando assim lugar a um espaço amplo e livre de circulação. A cozinha estabelece ligação direta ao pátio social, área destinada a refeições e convívio no exterior e à sala, onde se localiza a mesa de jantar, numa procura pela sua articulação com estes espaços de refeição.

As áreas técnicas e as instalações sanitárias comportam uma luz zenital. No caso das áreas técnicas optou-se por esta solução por uma questão da sua disposição em planta, encontram-se desfavorecidas em detrimento a outras áreas de maior permanência. Nas instalações sanitárias opção justifica-se pela questão de privacidade em relação à habitação confrontante e aos restantes ocupantes da habitação.

## 4.6 Espaço sentido

“Tudo começa com o espaço. Criar espaço é a primeira motivação, a primeira responsabilidade, o primeiro problema. O espaço dá forma, o espaço dá plano. O plano não é um gerador, é um diagrama de uma ideia espacial, e embora seja um facto que a maioria dos programas contemporâneos limitam as possibilidades volumétricas da arquitetura (limites de pressão comercial desvio do mínimo), isso não pode justificar a falta de consideração dada a o espaço como gerador de ideias.”<sup>86</sup>

Na base do projeto teve-se sempre em consideração as qualidades do espaço, para além da organização funcional. Isto leva-nos a refletir de que forma nos sentiríamos ao percorrer os diferentes espaços e naturalmente como vivenciá-los, são preocupações na definição da proposta, onde a forma, dimensão, luz e os materiais se conjugam como uma unidade. Desta forma o espaço foi pensado e desenhado através de como imagináramos a explora-lo e ao mesmo tempo, ao longo desse percurso, no que se queria ir percebendo, na procura de uma caracterização própria da natureza espacial.

“Realmente, procuro a natureza das coisas. Quando eu faço uma escola, eu tento resolver a partir da "escola", e não de "uma escola". Primeiro, há o problema de por que uma "escola" é diferente de qualquer outra coisa. Nunca leio um programa literalmente. É algo circunstancial.”<sup>87</sup>

No seguimento do processo refletiu-se sobre o que tornava distinto este projeto da casa inserida numa propriedade agrícola, de uma outra casa ou propriedade agrícola. A conclusão a que se chegou é que esta propriedade tinha que corresponder às necessidades específicas de adaptabilidade do local e do redimensionamento do espaço adaptado a um programa personalizado e às necessidades físicas, que permitissem ao utilizador deslocar-se comodamente ao longo desta intervenção. Pretendia-se corresponder também à necessidade psicológica de sentir conforto e uma relação em harmonia com a natureza, através da criação de uma atmosfera bucólica e de descontração na relação com o meio onde se intervém, tendo em conta um ambiente familiar e não de uma produção alimentar em série.

---

<sup>86</sup> Tradução livre do autor. No original: “*Everything starts with space. To make space is the first motivation, the first responsibility, the first problem. Space gives form, space gives plan. The plan is not a generator, it is a diagram for a spatial idea, and while it is a fact that most contemporary programs limit the volumetric possibilities of architecture (commercial pressure limits deviation from minimum), this cannot justify the lack of consideration given to space as a generator of idea.*” Chipperfield, David, *Theoretical Practice*, London: Artemis, 1994, p. 50.

<sup>87</sup> Tradução livre do autor. No original: “*Realmente, busco la naturaleza de las cosas. Cuando hago una escuela, intento resolverla a partir de "escuela", y no de "una escuela". En primer lugar, está el problema de por qué una "escuela" es distinta de cualquier otra cosa. Nunca leo un programa literalmente. Es algo circunstancial.*” Kahn, Louis, *Conversaciones con estudiantes*, Barcelona: Gustavo Gili, 2002, p. 45.



#43

**Vista exterior da propriedade a partir da rua do Alto, Imagem virtual do autor, 2020**



#44

**Vista exterior da propriedade a partir da rua do Alto, Imagem virtual do autor, 2020**



#45

**Vista para o átrio de chegada a partir do pórtico de entrada, Imagem virtual do autor, 2020**

“A casa Müller (1930) é o mais desenvolvido conceito *Raumplan* loosiano. O carácter austero do exterior do edifício contrasta com um interior cheio de sequências espaciais complexas e com revestimentos de vários materiais opulentos. Esta dicotomia entre estética exterior e interior das obras residenciais, tem sido objeto de numerosos estudos.”<sup>88</sup>

A casa define-se com base nesta dicotomia entre espaço interior e exterior, na diversidade e qualificação espacial. Apesar de apresentar uma volumetria compacta e homogénea, uma arquitetura austera no aspeto exterior, a reflexão sobre a importância da qualificação do espaço interior constitui uma das preocupações, na procura de uma arquitetura mais humanizada, com recurso a espaços mais permeáveis e comunicantes e simultaneamente mais abertos e qualificados para os usos mais confortáveis e acolhedores, de forma a melhor albergar e proteger a vida humana, proporcionando uma experiência espacial mais intensa.

A este propósito Távora refere que: “sendo a arquitetura a organização dos espaços internos que interessam à vida dos homens, ela só poderá ser correta na medida em que tais espaços satisfaçam realmente as necessidades e funções para que foram criados.”<sup>89</sup> E acrescenta que “é sobretudo na habitação que o homem deve encontrar o «seu» espaço, o ambiente criado à escala das suas necessidades e das possibilidades, quer como indivíduo, quer como elemento de um grupo social.”<sup>90</sup>

Na casa procura-se uma espacialidade interna de grande intencionalidade, variedade e qualificação. O percurso de acesso, entrada e distribuição pela casa constitui uma experiência espacial muito rica. Inicia-se a aproximação à casa, desde o portão de acesso, num percurso direto até ao pórtico de entrada, onde é desde logo criada uma separação entre o ambiente exterior da envolvente e do terreno com o espaço íntimo da casa. Num segundo momento encontramos o átrio, ainda no exterior, que propõe um espaço protegido de primeira receção, qualificado pelas paredes brancas que o circundam e pela indicação de um percurso pedonal em lajetas de granito lisas, que se estende como um tapete até ao vão da entrada, que é assinalada por um nicho, um recuado na parede, onde somos abrigados das circunstâncias climatéricas. A zona de entrada (garagem e porta de entrada) é assinalada com um revestimento em alumínio, no caso do portão encontra-se dissimulado como uma cortina e na porta de entrada encontra-se assinalado pelo recuo, convidando os utilizadores por aí efetuarem a entrada na casa.

---

<sup>88</sup> Tradução livre do autor. No original: “*La casa Müller (1930) es el ejemplo más elaborado del concepto del Raumplan loosiano. El austero carácter del exterior del edificio contrasta con un interior pleno de intrincadas secuencias espaciales y revestido con variedad de opulentos materiales. Esta dicotomia entre la estética exterior e interior de las obras residenciales de Loos, ha sido objeto de numerosos estudios*” Schezen, Roberto, *Adolf Loos. Arquitectura 1903-1932*, Barcelona: Gustavo Gili, 1996, p. 142.

<sup>89</sup> Távora, Fernando, *Da organização do espaço*, Porto: FAUP, 2005, p. 56.

<sup>90</sup> *Ibidem*, p. 56.



#46

**Vista do hall de entrada, Imagem virtual do autor, 2020**



#47

**Vista a Sul da sala, Imagem virtual do autor, 2020**



#48

**Vista a Norte da sala, Imagem virtual do autor, 2020**

Entramos no primeiro âmbito da casa, o hall de entrada, onde somos recebidos pela surpresa de encontrar presente natureza, no pátio interior, o *impluvium* luminoso. A iluminação nesta zona, central da casa, é feita a partir deste pátio que proporciona uma entrada desafogada, onde o pé-direito é alto, de 2,75 metros, usufruindo-se de toda a altura da construção. Ao circular entorno deste elemento podemos optar por ir em direção à galeria que dá acesso aos quartos, permanecer na sala ou aceder à cozinha.

A sala é ampla e luminosa, tirando partido também da altura total da construção, e a sua conformação espacial é garantida pelo pátio a Norte, no lado oposto a Sul pela parede limite e a Este e Oeste por dois módulos de armários. O módulo a Este da sala serve a zona de estar, é onde se encontram resolvidas todas as funcionalidades de forma compacta, a lareira, o espaço para a televisão, as estantes para albergar livros e memórias de família e um armário de arrumos, a composição deste módulo estabelece-se numa lógica de equilíbrio por simetria. O módulo a Oeste da sala serve a zona de jantar, onde se encontram arrumos para louças, toalhas e copos através dele, podemos encontrar duas zonas de passagem, uma para a zona do pátio social outra permite aceder à cozinha.

A qualificação deste espaço é dada pela diversidade de abertura de vãos que permite que a entrada de luz natural em diversos momentos, direções e intensidades, deixando adivinhar a passagem do tempo e ter a perceção das condições climatéricas no exterior. O vão a Sul, o de maior dimensão na fachada principal, de 2,40 m x 2,40 m de dimensão, é iluminado por luz direta ao longo do dia e permite a vista desafogada sobre o jardim e sobre a diversidade paisagística onde é possível observar a evolvente natural, rural e urbana, que contempla a floresta, os campos de cultivo e os edifícios que se desenvolvem até centro urbano. O vão a Este recebe iluminação direta no período matinal e indireta ao longo do período diurno, através dele estabelece-se uma relação visual com o pátio social, uma zona exterior mais reservada. Através do *impluvium* luminoso obtém-se uma luz indireta, ambiente, ao longo de todo o período diurno, pois este elemento encontra-se situado a Norte em relação à sala.

A materialidade também confere um carácter único na qualificação deste espaço, nele somos envolvidos pela madeira presente no pavimento em soalho de carvalho, no mobiliário e no revestimento da parede a Sul, onde se faz a união material no alçado interior da sala, entre os dois módulos de mobiliário. Esta solução material, justifica-se pelo estímulo sensorial que permite ao utilizador, pela qualidade material associada a uma grande conotação de conforto, sendo a madeira um material natural, quente e acolhedor, que estabelece também uma relação de memória com os espaços da arquitetura vernacular, em que era extensamente utilizado no interior das habitações deste carácter.



#49

**Vista sobre o acesso à cozinha,** Imagem virtual do autor, 2020



#50

**Vista a Sul da cozinha,** Imagem virtual do autor, 2020



#51

**Vista a Sul do pátio social,** Imagem virtual do autor, 2020

Prosseguindo o percurso, atravessa-se o pórtico em madeira situado no móvel a Este da sala e entra-se na cozinha, onde desde logo há uma mudança de ambiente e materialidade. Este é considerado um espaço de serviço, porém pode adquirir também uma função social, na medida em que permite a utilização e convívio por parte dos vários utilizadores da habitação, seja durante a confeção de refeições ou na reunião e convívio à mesa, principalmente durante os pequenos almoços. Torna-se assim relevante pensar a qualificação deste espaço, como um espaço agradável à sua permanência, mas que ao mesmo tempo fosse facilmente higienizável e luminoso devido ao pragmatismo da sua função.

Assim a cozinha foi pensada como um espaço amplo e desafogado, com uma dimensão que permitisse a livre circulação, no que diz respeito à elaboração das tarefas domésticas diárias e que tira partido da altura total da construção. A Sul contempla uma vão de grande dimensão, de 2,40 m x 2,40 m, que permite a iluminação ao longo de todo o dia que ocupa a totalidade do alçado interior, dando assim perceção que o espaço se estende até ao exterior, ao pátio social. O pórtico que faz a transição entre este espaço e a sala, permite a visualização do pátio interno, que ao mesmo tempo bloqueia a visão para a galeria, permite estabelecer contacto com a natureza ali presente e relaciona este espaço com a zona social da casa, a sala e com os seus utilizadores.

No que diz respeito à materialidade, foi pensada a de forma a salientar o carácter luminoso deste espaço, o mobiliário que alberga todas as funcionalidades da cozinha é resolvido de forma compacta, e materializado em madeira lacada a branco, com o objetivo de proporcionar uma maior reflexão de luz no interior. No revestimento deste espaço, optou-se pela utilização de um mármore de Estremoz polido, também branco, com raiado cinza. Sendo este, um material de cariz natural, remete este espaço para um ambiente harmonioso e sereno, agradável na sua permanência e os padrões do raiado conferem uma riqueza decorativa, salientando o carácter sensorial deste espaço.

Ao sair pelo vão exterior da cozinha deparamo-nos com o pátio social. Este é um espaço semiexterior, que dá lugar ao convívio e que articula a cozinha com a sala. Encontra-se conformado, a Sul pela fachada da casa e pelo módulo que alberga a churrasqueira e um lavatório, a Este por uma parede limite da casa, a Oeste pela parede da sala, a Norte pela parede da cozinha, qualificando este espaço com um carácter íntimo e abrigado dos ventos e da exposição à evolvente. Os vãos ali presentes salientam a ideia de um espaço interior da casa, e através deles somos convidados a olhar a diversidade paisagística neles enquadrada.



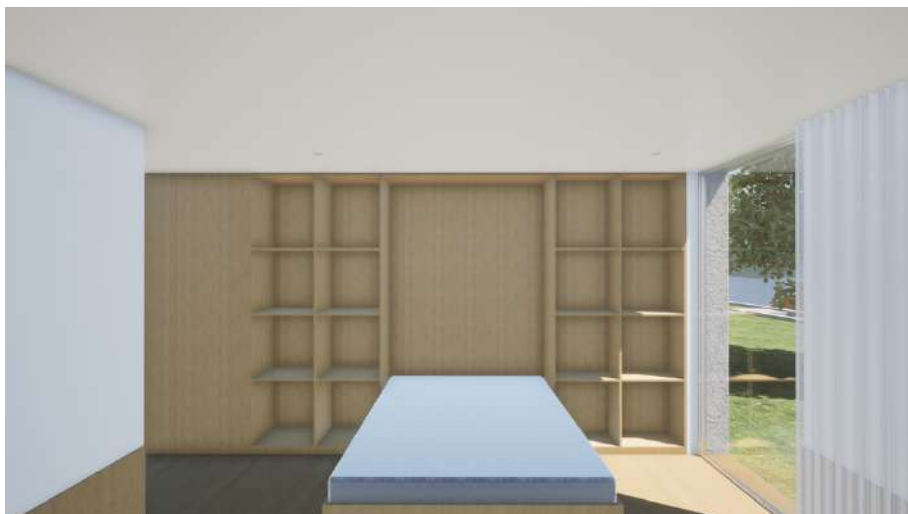
#52

**Vista a Este da galeria**, Imagem virtual do autor, 2020



#53

**Vista a Sul da biblioteca**, Imagem virtual do autor, 2020



#54

**Vista a Este da biblioteca**, Imagem virtual do autor, 2020

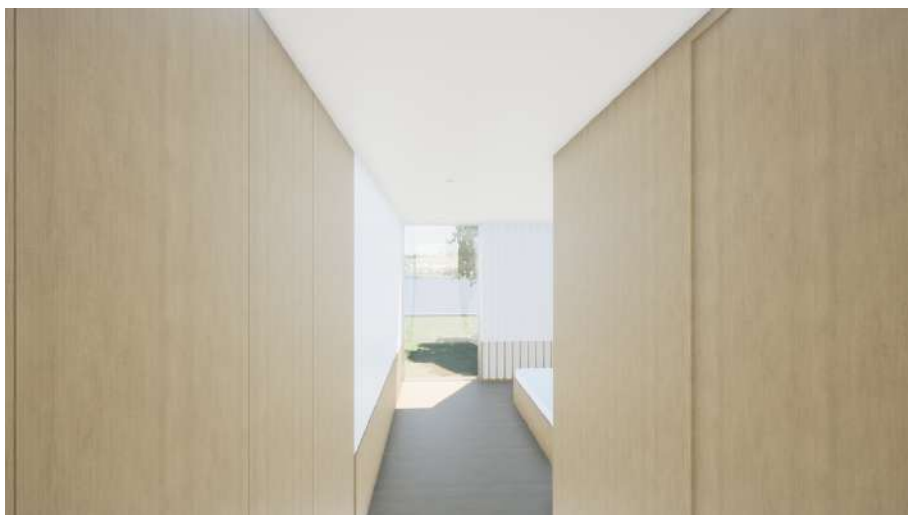
Recuando no percurso acedemos à galeria que dá acesso à zona íntima da casa. Apesar desta ser considerada uma área de serviço devido ao facto de servir de acesso à biblioteca, instalação sanitária de serviço e aos quartos, pretendia-se que este espaço não fosse meramente transitório e desta forma, propõe-se localizar aqui uma coleção de quadros, pertencente à família, conferindo assim este espaço uma qualidade também contemplativa na sua transitoriedade.

Na qualificação espacial pretendia-se dotar este espaço com carácter de abrigo, refúgio, um espaço isolado, íntimo e privativo, que não estabelecesse relação direta com a envolvente exterior, como se emergíssemos no interior de uma caverna. Desta forma, este espaço encontra-se encerrado, não se abre nenhum vão nos planos verticais, apenas é iluminado pontualmente por vãos zenitais de reduzida dimensão, 0,60 m x 0,60 m. Este controlo de luz, é necessário para a correta iluminação da exposição – não se pretende uma luz direta a incidir sobre os quadro – e para salientar o carácter de caverna, criando-se deste modo uma atmosfera mais obscurecida, com uma luz ténue, e onde a maior luminosidade se encontra ao fundo da galeria, onde se situa o *impluvium* luminoso, numa analogia à escapatória da caverna para o exterior natural.

O acesso à biblioteca, instalação sanitária de serviço e aos quartos, é feito a partir de portas que se encontram dissimuladas entre painéis em madeira, que se estendem desde a zona da sala até ao quarto do casal, anunciando já uma zona de conforto e repouso. A parede oposta é deixada em branco, pois destina-se a receber a coleção e permite a correta apreciação sem interferência de textura ou cor, com o objetivo de centrar a atenção nas obras em específico.

Ao aceder à biblioteca passamos inicialmente por um vestíbulo que se encontra definido por uma parede revestida na totalidade em painéis de madeira e um módulo de armário que se estende até ao vão exterior, onde nesta zona se encontra o módulo para arquivo, e o restante móvel comporta uma estante para livros e uma cama rebatível, que neste se encontra dissimulada. Este espaço adquire dupla funcionalidade, essencialmente é um espaço social, mas que adapta a um espaço íntimo quando se converte em quarto de hóspedes.

Na qualificação espacial pretendeu-se criar uma atmosfera em que a materialidade conferisse um carácter sensorial no que concerne ao conforto na sua permanência, dentro da mesma lógica da sala. A diferença é que se pretendia que este espaço fosse mais abrigado, mais introspetivo e pequeno, que não fosse tão permeável ao exterior, com uma luz mais controlada, através de uma vão de menor dimensão em relação à sala, onde podemos tirar partido da vista para o jardim e também para a envolvente paisagística. Esta noção de abrigo, de um espaço mais introspetivo, mais acolhedor, é dada pela dimensão, o pé direito mínimo de 2,40 m de altura, torna este espaço mais aconchegante e próximo do nosso corpo. A madeira abraça quem se encontra neste espaço, aqui o lambrim prolonga-se entorno deste, acolhendo quem aqui permanece.



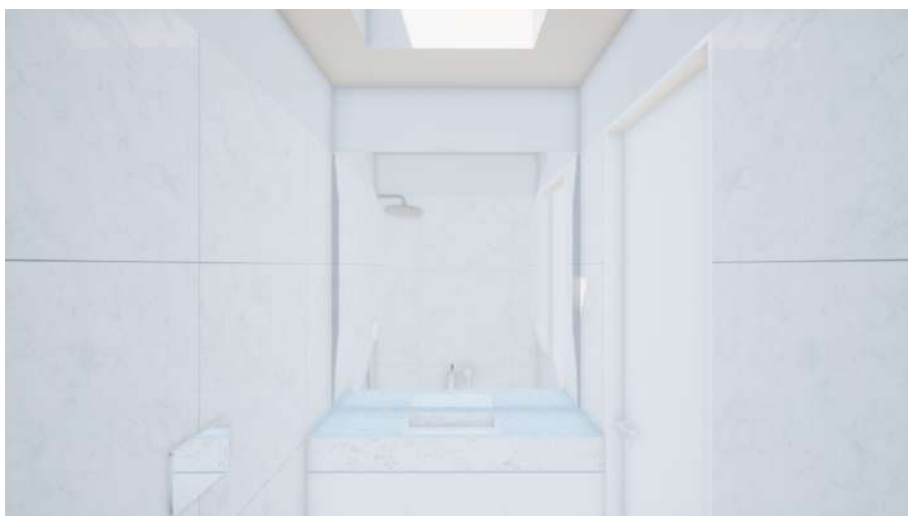
#55

**Vista a Sul do quarto**, Imagem virtual do autor, 2020



#56

**Vista a Norte do quarto**, Imagem virtual do autor, 2020



#57

**Vista a Norte da I.S. privativa**, Imagem virtual do autor, 2020

Prosseguindo o percurso acedemos ao âmbito mais íntimo da casa, aos quartos. Ao aceder a estes espaços, inicialmente deparamo-nos com os vestiários, onde encontramos os roupeiros e os acessos às instalações sanitárias privativas, que se encontram dissimulados numa parede revestida em madeira, esse acesso é feito por uma porta que adquire a mesma materialidade da parede.

Os vestiários são definidos como um espaço unitário pelo revestimento total em madeira, e servem como espaços transição entre a galeria e o espaço dos quartos. Ao aceder a estes espaços, somos enquadrados com a vista para o exterior, pelo alinhamento com os vãos dos quartos, que comportam as mesmas dimensões dos vestiários, 1,20 m x 2,40 m.

O pé direito dos quartos contempla uma altura mínima admissível, de 2,40 m, conferindo desta forma, uma sensação de refúgio, salientando a caracter íntimo e aconchegante destes espaços. As camas situam-se num recuo, numa zona mais recatada dos quartos, encontrando-se abrigadas do contacto direto em relação com a envolvente exterior.

A materialidade comporta uma grande intencionalidade na qualificação deste espaço, o lambrim em madeira estende-se a partir do vestiário, prolonga-se e envolve o espaço do quarto, num gesto que delimita, abraça e recebe o utilizador deste, e que ao mesmo tempo forma também a cabeceira da cama. Nos quartos a madeira vem salientar o carácter de conforto, conferindo a estes espaços um ambiente quente e aconchegante.

Ao aceder às instalações sanitárias, apesar da sua reduzida dimensão, sentimo-nos num espaço desafogado, resultante da altura do pé direito de 2,75 m, altura total da construção, e da presença de um grande espelho situado enfrente ao lavatório, que proporciona a ilusão ótica de expansão do espaço. Esta sensação é também reforçada pela escolha do revestimento material, optaram-se por materiais claros – reboco pintado de branco e o mármore de Estremoz polido, também branco – que proporcionam uma grande reflexão luminosa conferindo a este espaço uma maior sensação de amplitude.

Neste espaço pretendia-se alcançar uma sensação de proteção e privacidade, devido às suas características e aspetos relativos à função. Desta forma optou-se pela iluminação natural a partir de um vão zenital, esta solução permite um maior conforto, na realização da higiene pessoal, sem o constrangimento ou preocupação com observadores.



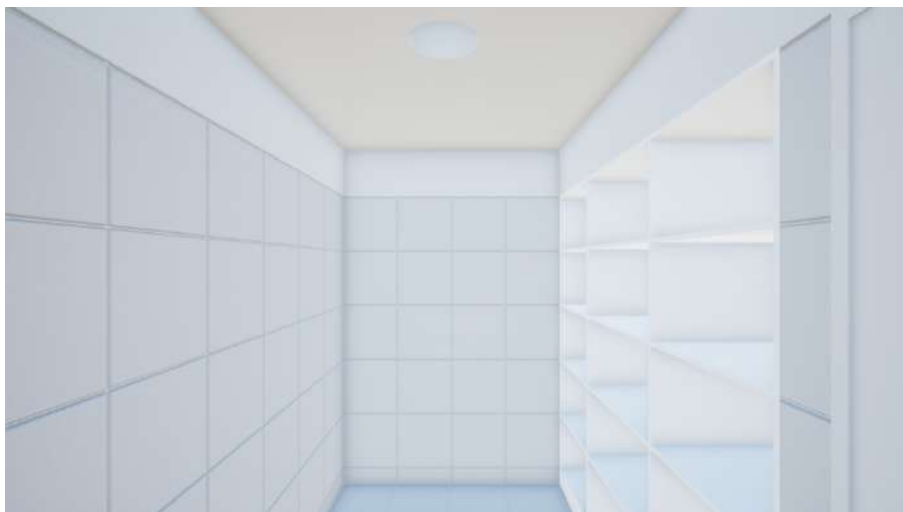
#58

**Vista a Sul da lavanderia,** Imagem virtual do autor, 2020



#59

**Vista a Este da garagem,** Imagem virtual do autor, 2020



#60

**Vista a Norte dos arrumos,** Imagem virtual do autor, 2020

Também nas áreas técnicas houve uma preocupação com a qualificação espacial. Na lavandaria procurou-se atender ao que era solicitado pelo cliente, uma vez que considerava esta, uma área de grande permanência na execução das tarefas domésticas, no tratamento e manutenção das roupas. Pretendia-se que este fosse um espaço agradável e salubre, que proporcionasse conforto na realização destas tarefas. Assim, orientou-se a lavandaria para o pátio interno, desta forma tira-se partido da ampla luminosidade e da relação com o ambiente natural ali presente. Ao mesmo tempo a partir do pátio é possível aceder diretamente à galeria onde se localizam os quartos, permitindo assim uma mobilidade mais direta, na execução destas tarefas. De forma a salientar o carácter amplo, luminoso e de fácil higienização deste espaço, optou-se por um revestimento claro, recorrendo ao mármore de Estremoz polido, branco com raiado cinza.

A garagem é um espaço de frequente receção ao utilizador da habitação durante a sua vida cotidiana, e como tal, este espaço deve ser qualificado pelo correto dimensionamento de forma a proporcionar conforto na mobilidade e em relação à luminosidade, de forma a garantir salubridade e comodidade a este espaço. Uma vez que este espaço é apenas de passagem, a qualificação material, não deve ultrapassar a importância deste, no que diz respeito à função e hierarquia espacial. Pretendia-se que a garagem albergasse dois veículos automóveis, desta forma procurou-se o correto dimensionamento, no que diz respeito à mobilidade aqui estabelecida, e que este espaço proporcionasse a sensação de amplitude, que fosse luminoso e qualificado com luz natural. Assim é aberto um vão na parede entre o pátio e a garagem, que se situa elevado, junto ao teto, permitindo que a luz penetre com profundidade neste espaço e que a presença da garagem não fosse perceptível do ponto de vista da sala. O posicionamento do vão orientado a Sul, permite que este espaço seja diretamente iluminado ao longo de todo o período diurno.

Nas restantes áreas técnicas (arrumos e área para instalações técnicas) houve também o cuidado de dotar estes espaços de luz natural. Como estes espaços se posicionam numa zona mais desfavorecida em relação a outras áreas de maior permanência no interior da casa, devido à hierarquia espacial e funcional, a solução encontrada para dotar estes espaços de luz natural, foi através de uma luz zenital, a partir de túneis de luz. De forma a salientar o carácter salubre e luminoso deste espaço, optou-se por materiais que proporcionassem uma maior reflexão da luz, como cerâmico branco, proporciona a correta iluminação destes espaços.

Cada espaço, seja corredor, hall ou sala de estar, foi pensado com o propósito de ser sentido e compreendido na sua individualidade. Desta forma, procura-se na arquitetura a qualificação de cada espaço, a atribuição de um carácter próprio. Não se trata de uma questão de utilização de materiais caros ou de simples relações de memória com outras arquiteturas, mas trata-se de um estimular a percepção do utilizador, a relação emocional, que nos levam a reinterpretá-las mediante outros objetivos e um determinado contexto.

“A obtenção de harmonia do espaço organizado, resultante afinal da harmonia do homem consigo próprio, com o seu semelhante e com a natureza, será longa e difícil, mas porque a consciência da sua necessidade deverá sobrepor-se a todos os obstáculos, ela deverá construir um dos destacados objetivos do homem contemporâneo.”<sup>91</sup>

Neste projeto a luz, mais que introdução de harmonia, proporciona uma sensação de descontração a partir de espaços com aberturas ritmadas (galeria de acesso aos quartos), possibilita a sensação de concentração se localizada num espaço central (*impluvium* luminoso), permite uma sensação de aconchego, quando é aberto um vão vertical, com uma entrada de luz em feixe e nos situamos na penumbra (quartos), cria a sensação de elevação, quando incide sob um vão alto, pois permite tirar partido da paisagem e do céu (instalações sanitárias, galeria dos quartos, áreas técnicas). A luz permite estimular o que se pretende que seja estimulado, através das diferentes formas, dimensão e intensidade de incidência no espaço.

“A minha arquitetura não é concebida por desenhos, mas por espaços. Não desenho plantas, fachadas ou secções... Para mim, rés-do-chão, primeiro andar não existem.... Existem apenas espaços contínuos interligados, quartos, corredores, terraços... Cada espaço necessita de uma altura diferente... Estes espaços estão ligados de forma que a subida e descida não sejam apenas impercetíveis, mas ao mesmo tempo funcionais.”<sup>92</sup>

A caracterização e diferenciação do espaço é o que define a sua representação pictórica, os desenhos imaginados na nossa mente. Assim o espaço define os desenhos, não os desenhos, o espaço. Podemos desenhar um espaço, a luz que nele penetra atendendo à sua posição relativamente aos pontos cardeais e a um determinado momento do dia, de forma a traduzir, a arquitetura que é imaginada na nossa mente. Mesmo quando projetamos espaços na nossa mente, não estamos a desenhar plantas, alçados e cortes. Estamos a conceber espaços de arquitetura. Os meios formais de comunicar arquitetura, não são a arquitetura, e é por isso que o espaço quando sentido determinada se este foi concebido como espaço ou como meio. Foi nesta procura de imaginar e sentir o espaço, que se executaram os desenhos como representação do espaço em projeto, interior e exterior, com o objetivo de dar sentido aos percursos e espaços e ao percorrer estes mesmo espaços, com as características de luz e materiais que se pretendiam adequar a cada um desses espaços, na procura da uma qualificação espacial específica de cada espaço.

---

<sup>91</sup> Távora, Fernando, *Da organização do espaço*, Porto: FAUP, 2015, p. 46.

<sup>92</sup> Tradução livre do autor. No original: “*My architecture is not conceived by drawings, but by spaces. I do not draw plans, facades or sections... For me, the ground floor, first floor does not exist... There are only interconnected continual spaces, rooms, halls, terraces... Each space needs a different height... These spaces are connected so that ascend and descend are not only unnoticeable, but at the same time functional*” Loos, Adolf, apontamento de uma conversa em Pilsen, 1930, [Online] Disponível em: <http://socks-studio.com/2014/03/03/i-do-not-draw-plans-facades-or-sections-adolf-loos-and-the-villa-muller/> [acedido em 2020-08-17].





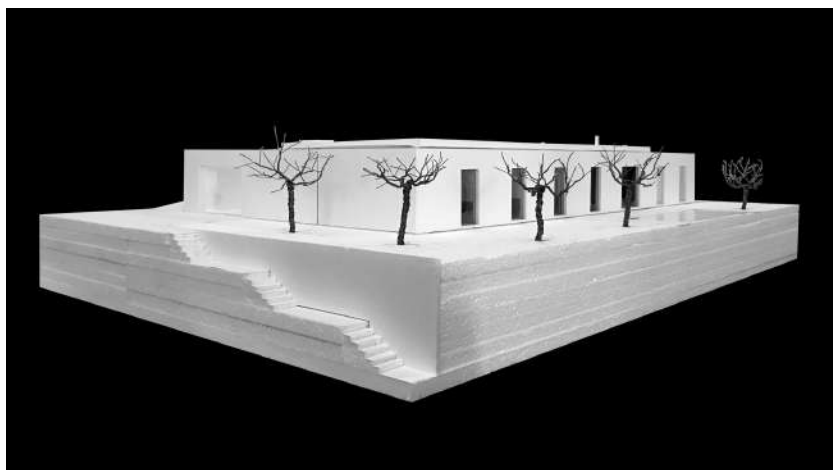
#61

***La Rochamp***, Le Corbusier.

## **Materialidade**

O Reboco por vezes não é considerado como um material tão nobre como é por exemplo a pedra, o betão ou a madeira. A utilização do reboco nesta intervenção não pretende ser uma consequência do fator económico, ele é a matéria agregadora de toda a intervenção mais significativa, desta forma e porque a sua plasticidade assim o permite - existindo possibilidades ínfimas na sua aplicação, desde texturas, cores etc. - ele é pensado como um material de alto valor expressivo como é a tinta de óleo para a pintura. Desta forma e como intenção da sua utilização se prende com o reforçar a ideia do estereotómico, da arquitetura da caverna, optou-se pela utilização de um reboco extremamente rugoso, do tipo “tirolês” como o que encontramos na capela La Rochamp de Le Corbusier, caracterizado por ter uma aparência brutalista como refere Siza Vieira no Livro Porto Brutalista. Este é um material desde há muito tempo utilizado na arquitetura habitacional local, a sua utilização foi-se prendendo ao longo dos tempos em prol de rebocos mais lisos do tipo areado, estanhado ou raiado como é por exemplo o reboco típico do sistema “ETICS”. Desta forma resgatamos esta memória tanto ou quanto longínqua no tempo, atribuindo-lhe um novo significado e uma utilização contemporânea. A escolha deste material prende-se também com a capacidade metamórfica induzida pela ação do tempo na transformação do seu pigmento, o objetivo não é o de manter sempre os muros sempre intactos e “limpos”, mas sim submete-los à sujidade das circunstâncias climatéricas, da natureza ou mesmo da ação humana, permitindo assim que a matéria se torne parte integrante do meio onde se insere.

## Maquete de estudo



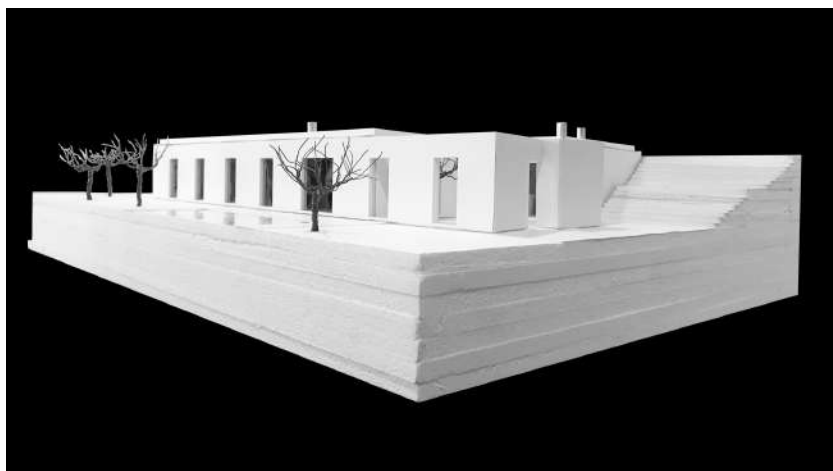
#62

**Vista a Oeste da maquete, Fotografia do autor, 2020**



#63

**Vista a Norte da maquete, Fotografia do autor, 2020**



#64

**Vista a Este da maquete, Fotografia do autor, 2020**



#65

Vista da cobertura da maquete, Fotografia do autor, 2020



#66

Vista da cobertura dos espaços internos maquete, Fotografia do autor, 2020

## 5 Considerações finais

O objetivo da presente dissertação, mais que responder a questões, procurou formular questões. A partir do reconhecimento sobre a questão do lugar, pretendeu-se um possível entendimento do seu significado, com base numa reflexão sobre os seus elementos constituintes.

Através de uma aproximação ao lugar com base na reflexão exposta no corpo, podemos compreender diferenças base entre espaço e lugar. Espaço corresponde a uma noção de delimitação pela sua forma, tende a ser infinito e ilimitado, podendo ser caracterizado matematicamente através da sua geometria, é algo abstrato. Enquanto que o lugar, será sempre percebido através do seu carácter fenomenológico, sendo a sua interpretação somente possível através da relação com o corpo. O seu carácter define-se a partir de elementos como o simbólico, o qualitativo e o histórico. A conceção que distingue estes dois conceitos diz respeito à experiência, sendo que, o lugar e o processo de percepção deste encontra-se diretamente relacionado com o corpo que o experiencia.

O lugar é assim, uma noção composta por características teoricamente infinitas e em constante mutação. É uma construção mental, da qual, depreende também dos seus aspetos concretos, materiais e físicos para a sua definição. Compreendeu-se o papel do tempo, na significação e transformação do lugar, assim como no seu reflexo em todos os elementos que este depreende.

O mesmo lugar pode ser transformado a partir do efeito do tempo, ou seja, a sua identidade encontra-se em constante mutação, não só através do fator tempo, mas também da perspectiva do sujeito que o apreende. Procurou-se entender a questão do lugar enquanto componente imprescindível do método de projeto, e compreendeu-se que a forma de refletir e observar o mundo encontra-se relacionada com o modo de pensar o projeto. Uma reflexão teórica que pretendeu abordar a ideia de lugar como uma noção intrínseca à disciplina de arquitetura e do papel humanizador do espaço.

O arquiteto parte do seu entendimento do modo como pensa a arquitetura e a cidade, optando por soluções na forma como aborda os temas constituintes do lugar e do processo de intervenção a efetuar. Desta forma, olhando o lugar e os seus constituintes, nunca partirá para o processo de projetar a partir de uma folha em branco.

O próprio arquiteto, consciente ou não, irá produzir um trabalho onde intervém a sua própria identidade e memória, pois encontra-se, intrinsecamente conectado a ela. A memória comporta desta forma um leque abrangente de possíveis referências, sendo estas, conscientes ou inconscientes, diretas ou indiretas, que permitirão o desenvolvimento do processo de projeto. Estas referências podem partir de uma componente arquitetónica ou não, com base em imagens,

percepções, etc. As imagens traduzirão uma dimensão mais concreta de um projeto, como poderá traduzir uma atmosfera da qual se poderá reproduzir alguma característica.

É a partir destas referências que se poderá gerar o projeto de intervenção, das quais se irão constituir um reflexo para a matéria em estudo. Este reflexo é uma matéria que ao ser induzida na intervenção, irá gerar intenções, referências e identidade. Estes elementos podem ser de ordem individual ou coletiva, refletindo um indivíduo e a suas opções, como uma sociedade em que este indivíduo também se insere e que se traduz em aspetos culturais identificáveis na proposta. O tempo revela também um papel preponderante neste entendimento dos processos de concretização de um lugar, intrínsecos em todos os fatores que o compõe.

O lugar é então entendido como um conceito que compreende uma identidade particular e comum, que depende de diversos contextos como: físicos, temporais, sociais, históricos, políticos, culturais. É através desta valorização da noção do lugar no processo criativo do arquiteto que apreende também as noções de memória e história para o cerne do ato de projetar, enquanto temas capazes de fundamentar e influenciar a concretização de um espaço humanizado.

Tendo em consciência que construímos sempre sobre algo previamente existente, procurou-se entender de que modo esta informação se torna pertinente trabalho de um arquiteto, e qual estratégia adotar, para que a informação recolhida fosse utilizada como matéria de apoio ao projeto, sem que de modo algum, se tornasse limitadora. Na procura pela construção de um lugar procurou-se a sua respetiva desconstrução em elementos que auxiliaram à sua compreensão, partindo de métodos de análise que tornaram possível fazer entender a área de intervenção, recorrendo a interpretação da sua pertinência para o processo de projeto, inserido num local cujas características e problemáticas específicas compõem um todo estratificado, orgânico e vivo.

Acreditamos que no projeto final, evidenciámos a descoberta de uma hipótese, uma possibilidade de abordagem, sendo que outras possibilidades também serão válidas, mas de certa forma, neste terreno em concreto, o lugar nunca poderá ser descurado. Com este trabalho entendeu-se que é a identidade do arquiteto como agente criador, que para além do caráter próprio com que apreende o lugar, define também a estratégia como o encara e como relaciona com este, a proposta. É a assimilação do lugar que torna possível, compreender o contexto como um elemento chave que estabelece diretrizes ao longo do processo criativo.

Salvaguarda-se que o estudo que se propôs abordar não pretende apresentar uma resposta definitiva às questões levantadas, pois estas são inúmeras, quantas as possibilidades de leitura que se podem estabelecer. Desta forma, crê-se que a presente dissertação passa por uma reflexão acerca dos conceitos abordados e pelo nosso posicionamento enquanto aluno da disciplina de arquitetura na condição de aspirante a arquiteto. Deste modo, o presente trabalho,

é assim, uma posição, um lugar, uma proposta pensada num determinado contexto e tempo específico. O projeto na sua linguagem teórica e prática é uma interpretação e construção pessoal acerca dos temas aqui levantados.



# Referências bibliográficas

## Livros

Aravena, Alejandro, *El Lugar en la Arquitectura*, Santiago do Chile: Alejandro Aravena, 2002

Augé, Marc, *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*, São Paulo: Papirus, 2001

Baeza, Alberto C., *A ideia construída*, Lisboa: Caleidoscópio, 2004

Boyer, Christine, *The City of Collective Memory its Historical Imagery and Architectural Entertainments*, London: The MIT Press, 1996

Cardoso, Isabel Lopes, *Paisagem Património*, Porto: Dafne, 2013

Chipperfield, David, *Theoretical Practice*, London: Artemis, 1994

Craven Jackie, *The Healthy Home*, Gloucester: Rockport Publishers, 2003

Frampton, Kenneth, *Studies in Tectonic Culture*, Chicago: Graham Foundation for Advanced Studies in the Fine Arts, 1995

Fuertes, Pere e Monteys, Xavier, *Casa Collage*, Barcelona: Gustavo Gili, 2001

Hall, Edward T., *A dimensão oculta*, Lisboa: Relógio de Água, 1986

Heidegger, Martin, *Construir, habitar, pensar*, Madrid: La oficina, 2015

Higino, Nuno, *Álvaro Siza: Desenhar a Hospitalidade*, Porto: Casa da Arquitectura, 2010

Hugo L., *A Casa: Experimento e Matriz*, Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2006

Kahn, Louis, *Conversaciones con estudiantes*, Barcelona: Gustavo Gili, 2002

Magalhães, Pedro et al., *Silvares um percurso pela sua história*, Paredes: Reviver, 2009

Montaner, Josep Maria, *La modernidad superada: ensayos sobre arquitectura contemporánea*, Barcelona: Gustavo Gili, 2011

Montener, Josep Maria, *La modernidad superada: ensayos sobre arquitectura contemporánea*, Barcelona: Gustavo Gili, 2011

- Netto, Coelho, *A construção do sentido na arquitetura*, São Paulo: Perspetiva, 1997
- Norberg-Schulz Christian: *Genius Loci: towards a phenomenology of architecture*, Nova Iorque: Rizzoli, 1980
- Pallasmaa, Juhani, *La mano que piensa*, Barcelona: Gustavo Gili, 2012
- Pallasmaa, Juhani, *Los ojos de la piel*, Barcelona: Gustavo Gili, 2006
- Punte, Moisés, *Conversaciones con Mies Van Der Rohe*, Barcelona: Gustavo Gili, 2006
- Purini, Franco, *Compor a Arquitectura*, Lisboa: ACD Editores & FAL, 2009
- Rogers, Richard, *Architecture: a Modern View*, London: Thames and Hudson, 1991
- Schezen, Roberto, *Adolf Loos. Arquitectura 1903-1932*, Barcelona: Gustavo Gili, 1996
- Silva, Cidália, *Dissipar Equívocos, Saber Ver o Território Contemporâneo*, Arquitectura em “locais comuns / Ideias e projectos para o Vale do Ave”, Porto: Dafne (Equações de arquitectura), 2008
- Silva, Cidália, *Dissipar Equívocos, Saber Ver o Território Contemporâneo*, Arquitectura em “locais comuns / Ideias e projectos para o Vale do Ave”, Porto: Dafne (Equações de arquitectura), 2008
- Solà-Morales, Ignasi de, *Diferenciais: topografia de la arquitectura contemporânea*, Barcelona: Gustavo Gili, 2003
- Solà-Morales, Ignasi de, *Territórios*, Barcelona: Gustavo Gili, 2002
- Sproccati, Sandro, *Guia de História da Arte*, Editorial Presença, Lisboa 1994
- Távora, Fernando, *Da organização do espaço*, Porto: FAUP, 2015
- Tuan, Yi-Fu, *Espaço e lugar: A perspectiva da experiência*, São Paulo: Difel, 1983
- Zabalbeascoa, Anatxu, *The house of the architect*, Nova York: Rizzoli, 1995
- Zevi, Bruno, *Saber ver a arquitetura*, São Paulo: Martins Fontes, 1996
- Zumthor, Peter, *Pensar la arquitectura*, Barcelona: Gustavo Gili, 2004

## **Teses e dissertações**

Bicas, Joana Mafalda, *Lugar: projecto, construção e memória: Entre a contribuição e a pertinência*, Porto: Faup, 2016

Dias, Jorge Miguel, *Num lugar, projectar um lugar: A Casa do meu irmão*, Porto: Faup, 2014/2015

Madeira, Daniel Beirão, *Construção do lugar: leitura e apreensão do sítio – e sua geomorfologia – como metodologia projectual*, Lisboa: Universidade Lusíada, 2016

Reis-Alves, Luiz Augusto, *O pátio interno escolar como lugar simbólico: Um estudo sobre a inter-relação de variáveis subjetivas e objetivas do conforto ambiental*, Rio de Janeiro: UFRJFAU

## **Endereços da internet**

<http://socks-studio.com/2014/03/03/i-do-not-draw-plans-facades-or-sections-adolf-loos-and-the-villa-muller/>

<https://conceito.de/cliente>

<https://espacodearquitetura.com/noticias/celebrando-siza/>

<https://www.archdaily.com.br/br/762044/alvaro-siza-diz-que-o-bulding-of-the-year-award-e-um-forte-estimulo>

<https://www.correiodoportu.pt/do-porto/casa-de-ofir-em-estado-de-degradacao>

<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/perceção>

<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/rural>



# Anexos

	<b>Código da folha</b>	<b>Descrição</b>	<b>Escala</b>
<b>Levantamento topográfico</b>	LV01	Planta do local	1/250
	LV02	Perfis do terreno	1/250
<b>Projeto de licenciamento</b>	PL01	Planta de localização	1/1000
	PL02	Planta de implantação	1/250
	PL03	Perfis do terreno	1/250
	PL04	Planta do piso 0	1/50
	PL05	Planta de cobertura	1/50
	PL06	Corte a-a	1/50
	PL07	Corte b-b	1/50
	PL08	Corte c-c	1/50
	PL09	Corte d-d	1/50
	PL10	Corte e-e	1/50
	PL11	Corte f-f	1/50
	PL12	Corte g-g	1/50
	PL13	Corte h-h	1/50
	PL14	Corte i-i	1/50
	PL15	Abrigo p/ animais domésticos	1/50
PL16	Estufa	1/50	
PL17	Armazém	1/50	
<b>Projeto de execução</b>	PE01	Corte construtivo c-c	1/20
	PE02	Corte construtivo g-g	1/20
	PE03	Cozinha	1/20
	PE04	Instalação sanitária 1 e 2	1/20
	PE05	Móvel sala	1/20
	PE06	Móvel biblioteca	1/20
	PE07	Móvel quarto	1/20
	PE08	Mapa de vãos exteriores	1/20
	PE09	Mapa de vãos exteriores	1/20
	PE10	Mapa de vãos exteriores	1/20
	PE11	Mapa de vãos exteriores	1/20
	PE12	Mapa de vãos interiores	1/20

